

# Ecologia, Economia e Cultura LIVRO 1

## Parque Indígena do Xingu



ATIX ■ ISA

**Ecologia, Economia e Cultura Livro 1**

Parque Indígena do Xingu e Terra Indígena Panará  
Projeto de Formação de Professores Indígenas – ATIX / ISA  
São Paulo, 2005

AUTORIA DOS TEXTOS E DESENHOS

Professores, agentes de manejo, auxiliar de enfermagem, comunidades do Parque Indígena do Xingu e equipe do ISA: Jowosipep Kaiabi, Aigi Nahukuá, Amatiwana Matipu, Adjilha Yudja, Awasiu Kaiabi, Kaman Nahukuá, Sirawan Kaiabi, Tarinu Yudja, Pikuruk Kaiabi, Yabaiwa Yudja, Yapariwa Kaiabi, Awatat Kaiabi, Arupajup Kaiabi, Jamanary Kaiabi, Matari Kaiabi, Sepe Kuikuro, Ibene Kuikuro, Mate Ikpeng, Nawaki Ikpeng, Txongto Ikpeng, Nhokretxi Suiá, Matare Ikpeng, Maware Juruna, Mutuá Mehinaku Kuikuro, Makaulaka Mehinaku, Uretsu Mehinaku, Tempty Suyá, Kaomi Kaiabi, Yaconhongráti Suyá, Kanawayuri Kamaiurá, Aisanain Paltu Kamaiurá, Wary Kamaiurá, Waranaku Aweti, Awajatu Aweti, Karin Juruna, Iokoré Ikpeng, Korotowi Ikpeng, Maiua Ikpeng, Jefuká Kaiabi, Jemy Kaiabi, Petorotxi Suyá, Eroit Kaiabi, Yatywara Kaiabi, Tahugaki Kalapalo, Jeika Kalapalo, Ugise Kalapalo, Yunak Yawalapiti, Takap Pi'yu Trumai Kaiabi, Tawalu Trumai, Yawaritu Trumai, Wali Trumai, Ariakumalu Trumai, Maya Trumai, Tarupi Yudja Kaiabi, Tariwaki Kaiabi Suiá, Amaire Suiá Kaiabi, Mahurimã Yudja, Charadu Yudja, Chana Yudja, Tawaiuku Yudja, Krekreasã Panara, Perankô Panara, Tafarejup Kaiabi, Matariwa Kamaiurá, Kanapy Kamaiurá, Sirakup Kaiabi, Pikuruk Kaiabi, Machakali Kaiabi, Pitoga Ikpeng, Arautará Kamaiurá, Maria Cristina Troncarelli, Estela Würker, Simone Athayde, Paula Mendonça, Camila Gauditano, Rosely Sanches, Geraldo Mosimann da Silva.

ORGANIZAÇÃO: Maria Cristina Troncarelli, Estela Würker, Simone Ferreira de Athayde e Paula Mendonça de Menezes.

PARTICIPAÇÃO NA ELABORAÇÃO: Carmen Junqueira, Geraldo Mosimann da Silva, Rosely Sanches, Camila Gauditano, Wemerson Ballester, Kátia Ono, Regina Araújo, Renato Gavazzi, Marina Kahn, Marcus Vinicius Chamon Schmidt, Alcía Rolla, Rosimeire Sacó.

PROJETO GRÁFICO/EDITORIAÇÃO: Vera Feitosa (ISA)

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA XINGU: André Villas-Bôas.

COORDENADOR ADJUNTO: Paulo Junqueira

PARCERIAS: Atix e Fundação Rainforest

APOIO AO PROGRAMA XINGU:



APOIO A ESTA PUBLICAÇÃO: Ministério da Educação/SECAD • Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Letras/Núcleo de Pesquisas Transdisciplinares Literaterras: escrita, leitura, traduções

APOIO AO PROJETO: Terre dês Hommes • Coordenação de Educação Escolar Indígena/Ministério da Educação  
• Fundação Nacional do Índio

ILUSTRAÇÕES DAS CAPAS: Maiua Ikpeng



Presidente da República  
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação  
Fernando Haddad

Secretário-executivo  
Jairo Jorge da Silva

Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade  
Ricardo Henriques

# Ecologia, Economia e Cultura LIVRO 1

## Parque Indígena do Xingu



Apoio

Secretaria de Educação  
Continuada, Alfabetização  
e Diversidade

Ministério da  
Educação



O **Instituto Socioambiental** (ISA) é uma associação sem fins lucrativos, qualificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), fundada em 22 de abril de 1994, por pessoas com formação e experiência marcante na luta por direitos sociais e ambientais. Tem como objetivo defender bens e direitos sociais, coletivos e difusos, relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos. O ISA produz estudos e pesquisas, implanta projetos e programas que promovam a sustentabilidade socioambiental, valorizando a diversidade cultural e biológica do país.

Para saber mais sobre o ISA consulte **[www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org)**

**Conselho Diretor:** Neide Esterci (presidente), Sérgio Mauro [Sema] Santos Filho (vice-presidente), Adriana Ramos, Beto Ricardo, Carlos Frederico Marés

**Secretário executivo:** Beto Ricardo

**Secretário executivo adjunto:** Enrique Svirsky

**Apoio institucional:**

ICCO – Organização Intereclesiástica para Cooperação ao Desenvolvimento  
NCA – Ajuda da Igreja da Noruega

**São Paulo** (sede)

Av. Higienópolis, 901  
01238-001 São Paulo – SP – Brasil  
tel: 0 xx 11 3660-7949 / fax: 0 xx 11 3660-7941  
[isa@socioambiental.org](mailto:isa@socioambiental.org)

**Brasília** (subsede)

SCLN 210, bloco C, sala 112  
70862-530 Brasília – DF – Brasil  
tel: 0 xx 61 3035-5114 / fax: 0 xx 61 3035-5121  
[isadf@socioambiental.org](mailto:isadf@socioambiental.org)

**São Gabriel da Cachoeira** (subsede)

Rua Projetada 70 – Centro – Caixa Postal 21  
69750-000 São Gabriel da Cachoeira – AM – Brasil  
tel: 0 xx 97 3471-2182/1156/2193 / fax: 0 xx 97 3471-1156  
[isarionegro@uol.com.br](mailto:isarionegro@uol.com.br)

**Manaus** (subsede)

Rua 06, nº 73, Conjunto Vila Municipal, Adrianópolis  
69057-740 Manaus – AM – Brasil  
tel/fax: 0 xx 92 3648-8114/3642-6743  
[isamao@socioambiental.org](mailto:isamao@socioambiental.org)

**Eldorado** (subsede)

Residencial Jardim Figueira, 55, Centro  
11960-000 Eldorado – SP – Brasil  
tel: 0 xx 13 3871-1697

[isaribeira@socioambiental.org](mailto:isaribeira@socioambiental.org)

**Canarana** (casa do ISA)

Av. São Paulo, 181 – Centro  
78640-000 Canarana – MT – Brasil  
tel: 0 xx 66 3478-2362

A **Associação Terra Indígena Xingu** (ATIX) foi fundada em 1995 para defender o patrimônio territorial, ambiental e cultural dos povos indígenas do Parque Indígena do Xingu (PIX). Possui sede no Posto Indígena Diauarum e escritório na cidade de Canarana – MT. É composta por um Conselho Político que inclui lideranças das 14 etnias do PIX.

A Atix atua na fiscalização dos limites do Parque, participa na gestão dos sistemas de saúde e educação, no desenvolvimento de atividades para geração de renda e na promoção e resgate cultural.

**Conselho:**

Makupá Kaiabi (presidente), Alupá Trumai (vice-presidente), Kamikia Trumai (secretário), Ianukulá Kaiabi Suiá (secretário executivo), Winti Suyá (diretor executivo), Karin Juruna (diretor de cultura), Tymair% Kaiabi (diretor de projetos)

sede

Av. Mato Grosso, 607 – Centro  
78640-000 Canarana – MT – Brasil  
tel: 0 xx 66 3478-1948  
[atix@brturbo.com](mailto:atix@brturbo.com)  
[atix@primeisp.com.br](http://atix@primeisp.com.br)

CGEEI – Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena  
Coordenador Kleber Gesteira e Matos

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais  
Reitora Ana Lúcia Almeida Gazzola

FALE – Faculdade de Letras  
Diretora Eliana Amarante de Mendonça

Núcleo de Pesquisas Transdisciplinares Literaterras: escrita, leitura,  
traduções  
Coordenadora Maria Inês de Almeida

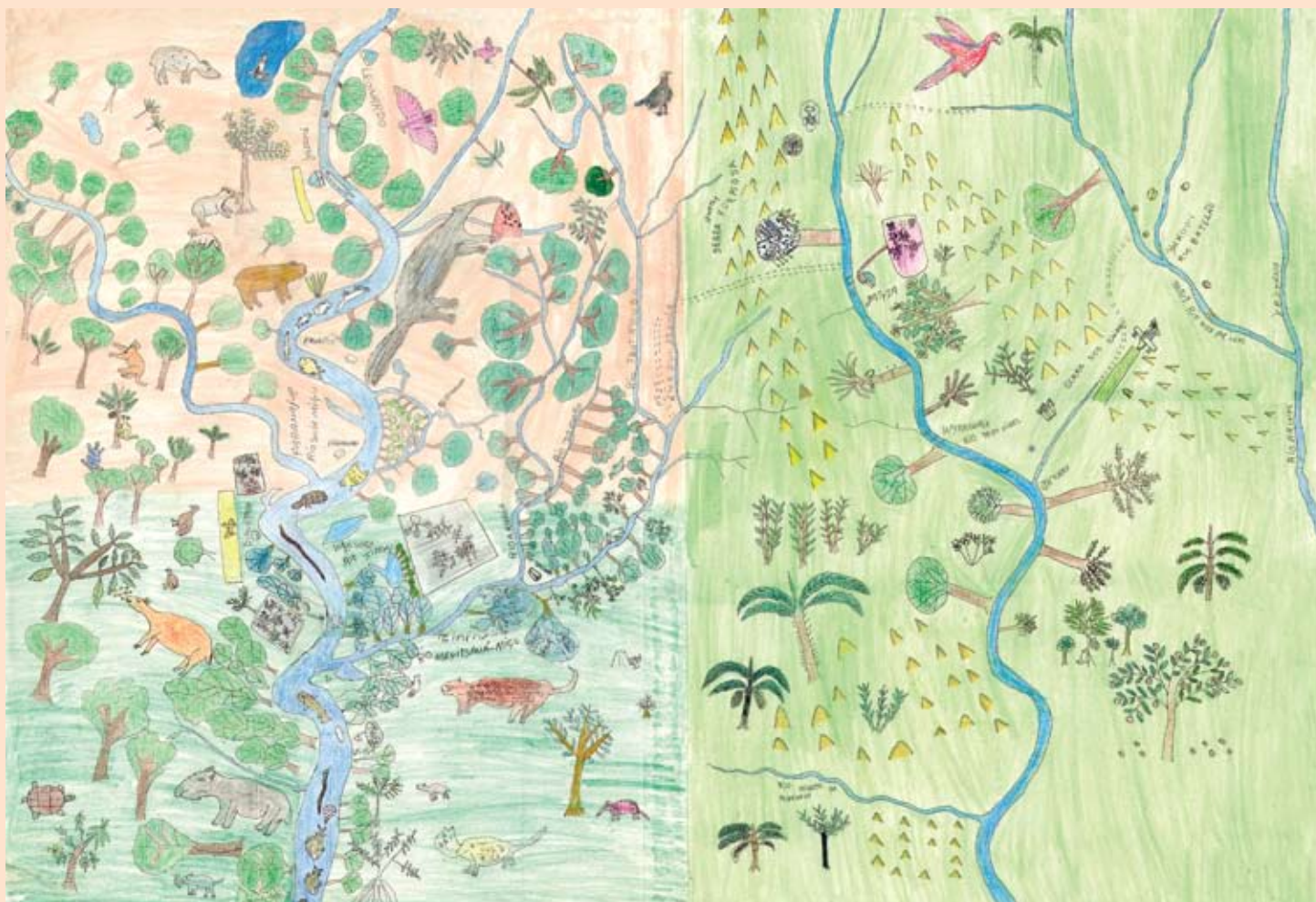


# Sumário

AMBIENTE.....	05	<i>Mbôt Me Riten</i> .....	41
O QUE É ECOLOGIA		As aves, seus espíritos e a alma das pessoas.....	41
Ecosistema é uma casa .....	10	Povo Kaiabi.....	42
Ecosistemas.....	11	A vida ao nosso redor.....	42
RELAÇÕES ECOLÓGICAS		Respeito com os seres da natureza.....	43
Como as plantas produzem seu alimento .....	19	Princípios éticos da sociedade Kaiabi .....	43
Cadeia alimentar .....	20	Regras de respeito pela natureza.....	44
O que é flora e fauna .....	27	O espírito <i>Karuat</i> .....	44
Animais e plantas em extinção .....	28	<i>Janypap</i> (jenipapo).....	45
O que é Biodiversidade.....	31	<i>Taka'mu</i> – uma árvore que tem espírito .....	45
Concepções sobre os recursos naturais .....	32	Filosofia indígena.....	45
Classificação dos recursos naturais pelos		A força dos pajés .....	46
cientistas não-índios.....	32	A formação do pajé .....	47
O pensamento do cientista José Lutzenberg .....	33	Povo Kamaiurá.....	53
RECURSOS NATURAIS E OS SERES ESPIRITUAIS		Seres vivos e não-vivos .....	53
Povo Ikpeng.....	34	O sagrado para a sociedade Kamaiurá .....	53
Os espíritos dos ecossistemas .....	34	Princípios éticos da sociedade Kamaiurá .....	54
Cientista indígena .....	35	Ensino dos pajés .....	54
O dono da mandioca .....	35	O espírito <i>Mama'p</i> que protege as matas.....	55
Princípios éticos da sociedade Ikpeng .....	36	<i>Ajãngu</i> .....	56
<i>Mopa amenjo</i> – ramos para flauta .....	36	Espírito da sucuri .....	57
<i>Otomowira</i> – um espírito do mato.....	38	A sucuri .....	58
<i>Timakaygem</i> – espírito do tucum.....	38	Povo Yudjá .....	58
<i>Motoe</i> – fruta do conde.....	38	Princípios éticos da sociedade Yudjá .....	58
<i>Katepo</i> – o jatobá.....	39	<i>Epanana</i> ou Olandi .....	59
Povo Kʼsêdjê.....	39	<i>Huririku</i> .....	60
Os recursos naturais têm seus espíritos.....	39	Espírito do tracajá .....	61
Mãe da floresta .....	39	Barro é um recurso natural usado pelo povo Yudjá ....	61
Princípios éticos da sociedade Kʼsêdjê .....	40	Povo Trumai.....	62
		Princípios éticos da sociedade Trumai .....	62

<i>Anirkik</i> – Mulher da Mata .....	62	SABER MANEJAR PARA NÃO FALTAR .....	87
<i>Taxete'i</i> .....	63	Os povos indígenas e o manejo de recursos	
<i>Pitan</i> – Amescla .....	63	naturais .....	88
<i>Tawariri</i> – Copaíba .....	64	As mulheres é que cuidam do algodão .....	88
TRABALHO E PRODUTO .....	65	Aproveitamos todas as partes do porco-do-mato .....	89
O conhecimento de cada povo e a importância		Temos que controlar a derrubada da árvore <i>Yuluta</i> ....	90
dos ecossistemas .....	66	Arumã é um recurso que está acabando no PIX .....	92
Alguns produtos indígenas do Xingu .....	67	O caramujo é um recurso valioso para os	
A tinta do urucum .....	67	povos do Alto Xingu.....	93
Produção de cerâmica.....	68	Como cada povo cuida dos seus recursos naturais....	94
Quem faz o óleo de inajá é a mulher.....	69	Manejo da roça .....	96
O polvilho .....	70	Cuidados com as sementes das plantas da roça .....	97
A peneira Kaiabi.....	71	Manejo da fava pelo povo Mehinaku.....	97
A esteira .....	72	Manejo do milho pelo povo Waurá.....	98
<i>Xaa</i> – Cabaça .....	73	O manejo dos peixes.....	99
Flecha .....	73	Manejo da paca .....	99
<i>Tigoktem</i> – Guarantã.....	74	Manejo do buriti e de frutas nativas .....	99
<i>Morom</i> .....	75	Manejo dos buritizeiros .....	100
Cerâmica Waurá .....	76	O manejo da taquarinha .....	101
Transformação de aguapé em sal.....	77	Manejo do urucum .....	101
SÍMBOLOS E CULTURA.....	79	Manejo de recursos para construção de casas .....	102
Todo povo tem seus símbolos e sua cultura.....	79	Manejo sustentável de recursos naturais no Brasil .....	103
As influências culturais entre os povos .....	80	Produtos não-indígenas .....	105
O povo Mehinaku aprende com os outros povos .....	80	Como os produtos não-indígenas chegaram	
O que o povo K†sêdjê aprendeu com os outros		até o Parque Indígena Xingu .....	107
povos.....	81	Produtos indígenas que estão sendo	
O povo Kaiabi aprende com os outros povos.....	81	substituídos por produtos não-indígenas .....	109
O que o povo Kamaiurá aprendeu com outros		A VIDA ATUAL EM ALGUMAS ALDEIAS DO PARQUE	
povos.....	82	INDÍGENA XINGU .....	118
Símbolo e cultura .....	84	SOBRE O LIVRO E O PROJETO.....	129
Alguns símbolos dos povos indígenas do Xingu .....	85	BIBLIOGRAFIA .....	131
A cultura do povo Kaiabi .....	86		

# Ambiente



Mapa dos recursos naturais da aldeia Kwaruja (Sirawan Kaiabi e comunidade da aldeia Kwaruja)

**Ambiente** é um lugar, ou cada lugar onde nós vivemos. É tudo que existe em volta da gente, em volta da casa e da aldeia, onde existem os recursos naturais. No ambiente existem diferentes tipos de matas, pedras, rios grandes e igarapés; todos os tipos de animais como minhoca, paca, calango, cobra, pium, carrapato, escorpião e muitos outros; praia, gente, os espíritos donos dos recursos naturais, os diversos



tipos de terra, como a capoeira; os morros e montanhas, as lagoas, o clima.

No entorno do Parque Indígena do Xingu ou de outras terras indígenas e nas cidades podemos dizer que os ambientes são mais pobres de recursos naturais, apresentam pouca diversidade de recursos.

*Professores indígenas da segunda turma de Magistério*

Alguns dos recursos naturais existentes no Parque Indígena Xingu:

## Oyot

Oyot é um recurso que mora em dois tipos de solo, terra preta e vermelha. Em português é chamado de cumaru. O tronco desse recurso é usado para construir casa. A fruta é muito boa para fazer óleo ou para misturar com urucum e passar no corpo.

Alguns animais comem essa fruta, como o morcego, que gosta muito.

O dono desse recurso se chama *Kanarot*, ele é muito bravo, pode até fazer mal para a pessoa quando ela não usa o recurso direito. A fruta não deve ser comida pelas pessoas.

A madeira dessa árvore é muito dura para derrubar com machado, pode até entortar a lâmina.

*Mate Ikpeng*



## Sõkõntxi (Garça)

A garça é branca, tem bico comprido e afiado, tem pernas um pouco longas e meio amareladas. Ela costuma morar na beira dos rios, dos córrego lagoas e campos. Ela come peixe.

Hoje em dia não tem tantas garças como antigamente, elas estão diminuindo cada vez mais e isso é uma preocupação para nós.

Ela tem seu espírito de acordo com o conhecimento de muitos pajés que fazem contato com os espíritos dos seres. Os pajés usam uma “capa”, quer dizer, muitas vezes eles incorporam no corpo de vários animais para irem visitar a família, cuidar de pacientes, principalmente quando uma família pede e não tem condições de buscar um pajé em outro lugar. Por isso é importante a existência dos seres da natureza para os pajés da nossa região.

As pessoas não comem garça, mas às vezes ela é morta só por causa de suas penas, que servem para fazer cocar.

*Tariwaki Suiá Kaiabi*



## Ingazeira

A ingazeira é uma árvore alta, tem frutas em vagens como o feijão. Fica na mata alta, num lugar que tem um pouco de sol e sombra. As araras, maritacas e papagaios gostam de comê-las. Nenhuma parte da árvore é usada para fazer artesanato, só o fruto é comido. Os animais que se juntam próximos a essa árvore são comidos pelas pessoas. É um pouco difícil de encontrar, elas ficam longe, mas existem em grande quantidade. O dono é invisível, só o pajé pode vê-lo.

*Jawarete Kaiabi*



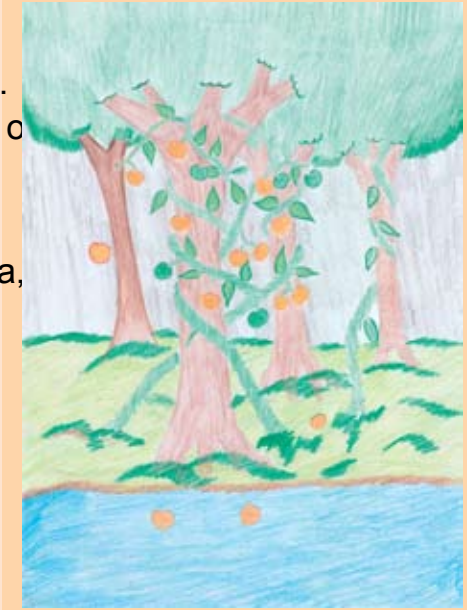
## Taka'mu

Essa fruta é um recurso que gosta de ficar na beira do rio e na capoeira. O pé dela é parecido com cipó e a fruta é amarela. A fruta é comida por todos os seres humanos e também por animais como o macaco, a guariba e a cobra.

Ela tem o seu dono que é chamado de *Karuat*. Quando a pessoa come muito, muito mesmo, o dono pode não gostar e aí chega um vento forte, chuva, trovão e pode ocorrer até uma enchente.

Assim acontece com esse recurso, a fruta é tão gostosa, mas tem que comer com cuidado e respeito.

*Juporejup Kaiabi*



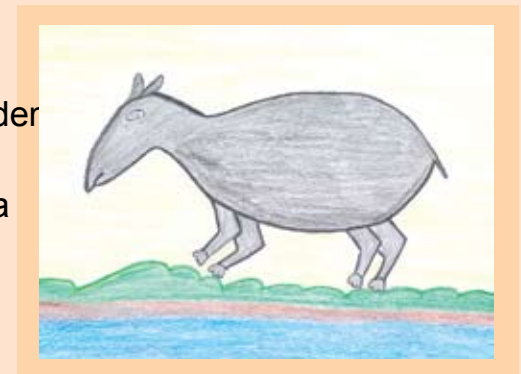
## Anta

A anta é um animal que mora no mato. Ela come folha, frutas como o inajá e o buriti e folhas da plantação da roça. Ela mora em várias espécies de ecossistemas. Gosta de dormir embaixo do pau caído e gosta de atravessar o rio de dia e de noite. Ela anda a noite no pantanal comendo vários tipos de capim. Também gosta de deitar na lama e no brejo do córrego, ela canta um som agudo. Esse animal tem pêlo preto, olho grande e rabo curto.

A anta tem carne boa para comer, algumas etnias comem esse animal e algumas não comem. A onça gosta de pegar a anta e devorá-la, a sucuri também gosta de pegar quando ela passa por perto.

Esse animal tem espírito. Quando uma criança nasce os pais não podem comer anta, porque o espírito dela pode pegar a criança e ela pode até adoecer. Só o pajé que enxerga esse espírito, ele pode curar a criança para ela voltar ao normal.

*Yakánhongrátxi Suiá*





## ATIVIDADES

1) Faça uma lista de recursos naturais que você conhece, na língua indígena, de acordo com as colunas.

Animais de pêlo e couro	Peixes	Aves	Árvores do mato	Plantas da roça

 Desenhe um recurso natural de cada tipo

2) Escolha um recurso natural importante para o seu povo e pesquise com o pajé e também com os mais velhos:

- Como é o recurso, onde ele vive, para que é usado
- Nome do espírito dono do recurso (se tiver)
- Cuidados que a pessoa deve ter para usar o recurso
- O que pode acontecer com a pessoa que não respeitar o recurso.

3) Escreva um texto na língua indígena e faça um desenho sobre o recurso natural e seu espírito.

# O que é Ecologia

A **Ecologia** é uma ciência que estuda a vida dos seres vivos, onde e como eles se relacionam entre si e também com o ambiente.

A Ecologia estuda como vive cada ser, como ele se relaciona com os outros seres e com o lugar onde vivem. Tudo está relacionado no mundo: as pessoas, as plantas, os animais, as águas, a terra ou solo, o clima, os minerais e as rochas. Porque está tudo ligado, ninguém pode viver sem água e sem ar e as pessoas não podem viver sem as plantas, sem os animais e sem os espíritos.

**ECO**, vem da palavra grega **OIKOS = casa**      **LOGIA = estudo**

O significado de **Ecologia** é o estudo da casa. A palavra casa quer dizer o planeta Terra, onde nós e todos os seres vivemos.

## Ecossistema é uma casa

A palavra **ECO** quer dizer casa e **SISTEMA** quer dizer a reunião de todas as coisas que vivem dentro da casa e como elas se relacionam.

**Ecossistemas** são os ambientes



(lugares) onde os seres (plantas, animais, seres humanos, espíritos), os recursos naturais (a água, o solo, as serras) vivem juntos. Eles dependem uns dos outros para viver. Os recursos naturais, os animais e as plantas vivem no ecossistema formando um conjunto organizado.

As lagoas, os igarapés, as ilhas, as praias, os rios e os oceanos, a mata alta, mata baixa, campo limpo, campo fechado, o cerrado, os brejos formam os diferentes ecossistemas. As roças são ecossistemas feitos pelas pessoas. Cada povo indígena tem a sua própria classificação para os ecossistemas, de acordo com os tipos de vegetação e de solo.

*Professores do PIX, Maria Cristina*

*Troncarelli e Simone Athayde*



Mapa elaborado pelos professores e alunos da Escola Indígena Kamadu, do povo Yudja. Mostra os recursos naturais que existem na região habitada pelo povo Yudja no PIX.

Alguns exemplos de ecossistemas do Parque Indígena do Xingu:

### Mata alagada da beira do rio ('Yapopep)

'Yapopep é uma mata que fica na beira do rio, que no tempo da cheia fica alagada, essa mata gosta de ficar na água. Lá tem também a mata que não gosta de ficar na água, por isso ela morre e fica seca. Também tem muitas lagoas no meio desse mato, que nós Kaiabi chamamos 'yapopep.



No 'yapopep tem muita abelha que faz mel, poro tem muito pau seco e oco para a abelha morar.

*Matari Kaiabi*

No tempo da cheia tem muitas frutas como *pinanywa*, *ywajuru'i* e *tatu'rywa*, que os peixes gostam comer. Tem muito pacu comendo as frutas vermelhas, mas não é só pacu que come as frutas, matrinchã e piau também. Até as piranhas comem fruta. Aparecem muitos tipos de peixes. O tracajá também gosta desse pântano. No mês de dezembro aparecem muitos tipos aparecem para comê-las.

*Takapejui Kaiabi, Matari Kaiabi e Jemy Kaiabi*



desenho de Matari Kaiabi

## Os campos

Existem muitos tipos de campos: tem o campo alto, o campo baixo, o campo limpo, o campo fechado e o campo alagado.

A terra do campo não é boa para roça, mas tem vários tipos de frutas comestíveis como o oiti, o murici, o caju, o pequi do campo e muitas outras que eu não sei o nome em português, mas possuem nomes na minha língua.

Muitos animais vivem no campo como o veado, o tatu, a anta, o caititu, a cobra e a aranha, inclusive aves, como o gaviãozinho, o papagaio, o periquito, a maritaca e o pombo. Principalmente a ema gosta de viver no campo junto com seus filhotes. Nesse ecossistema também existem muitos remédios para a gente passar no corpo ou tomar.

*Kaman Nahukuá*



desenho de Awaratu Kaiabi

## Mata alta

Aqui no Xingu, em vários locais, existe o ecossistema que chamamos de mata alta. Dentro dessa mata tem muitas frutas comestíveis como ingá, *api*, *ywapiruru* e outras. Também tem material para fazer artesanato: madeira para fazer canoa e para construir casas, tucum para fazer colar e abanador, palha para cobrir as casas. Nessa mata bruta também pode ter material para fazer peneira.

A mata alta fica em uma serra ou em local plano. As matas altas ficam próximas dos córregos e também perto da mata boa onde fazemos roça.

Quando nós andamos em uma mata bem alta vemos muitos animais como macaco, anta, porco, jacu, arara e caititu também. Nós preservamos estas matas para os bichos morarem. Nessa mata bruta pode ficar o jabuti porque ele pode beber água e banhar para refrescar seu corpo. Qualquer bicho pode morar nessa mata bruta. Os bichos gostam da mata bruta porque tem córrego no meio. Também as abelhas, porque tem vários tipos de madeira para elas fazerem suas casas.

*Awatat, Awaoni e Jemy Kaiabi*

## A roça

Nós temos sinais na natureza que indicam o tempo de roçar e derrubar. Para meu povo os sinais da natureza são o tempo de coletar murici do mato e também quando todas as folhas das árvores ficam amarelas. Então é hora de trabalhar, estes são os sinais para roçar e depois derrubar as árvores para fazer a roça.

Tem uma árvore de flor amarela, o ipê, que quando floresce também é um sinal para roçar e derrubar. Também tem estrelas, aquelas que ficam juntinhas, que saem atravessando o céu para o poente. Elas voltam para trás no nascente, daí já é o momento de derrubar a roça.

A hora de queimar a roça é avisada pelo canto da cigarra. É o tempo de queimadura forte, o tempo da seca. A época da queimadura é quando a cigarra canta grosso e dá flor bem roxa na árvore de folhas que usamos como lixa. Outro sinal é o canto do bacurau, porque ele está



desenho de Empty Suiá



pedindo para chover logo.

Tem um ritual para as plantas da roça nascerem bem e crescerem. Essa cerimônia é muito triste, porque na nossa história uma velha foi queimada e depois surgiu o milho que o ratão mostrou para os Kʼsêdjê.

A hora de plantar é quando a primeira chuva cai na terra, aí que as plantas crescem bem. Nós plantamos a mandioca separada, para não atrapalhar os outros produtos. Batata, banana e outros produtos têm que ser plantados juntos.

Nós não podemos deixar as formigas ficarem perto da plantação, senão elas acabam com as folhas das plantas. Muitas vezes usamos o veneno da mandioca para combater as formigas. É assim que nós cuidamos de nossas plantas. Nós não usamos agrotóxicos. Matamos saúva e formiga com o veneno da mandioca.

O milho nós colhemos quando a chuva pára um pouquinho. Outros produtos têm seus sinais.

*Kaomi Suiá Kaiabi e Petoroti Suiá*

- Observe, ao lado, o mapa da aldeia Tupara, elaborado por Yalau Waurá e leia a descrição que ele faz dos ecossistemas e recursos daquela região.

### **Akyum, Iruktowowom e Ituari**

Nesta região da aldeia Tupara, dentro dos ecossistemas que chamamos *Akyum* e *Iruktowowom*, existem frutas comestíveis como *motoe*, *tomela*, *poma*, *katamawt* e abelhas, além de madeiras que usamos para fazer casa, como *tapitepo*, *yerong* e *ragop*. Existe também material para fazer artesanato e espinho de tucum para tatuar os meninos no dia da festa, além de usarmos o tucum para fazer óleo.

Também existem vários tipos de animais que comemos como *tae*, *tigato*, *amulu*, *alama*, *tyero*, *toprugo* e peixes que consumimos pescando no rio Ronuro. Só não existe o inajá, que chamamos de *mopya*. Esse

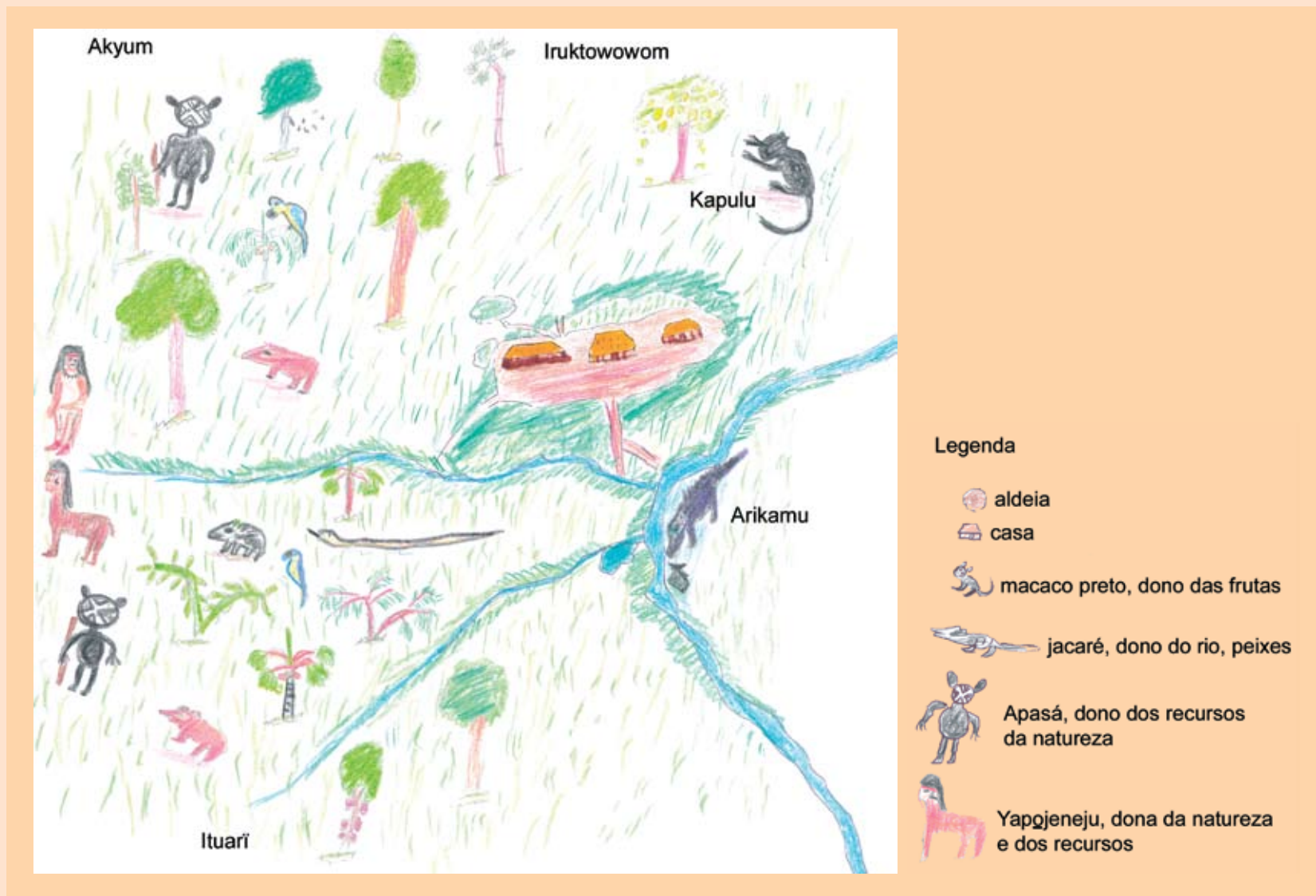


*No desenho acima todo mundo está dançando o ritual de plantação no meio da aldeia para queimar a roça. Todas as comidas estão pintadinhas de urucum nas mãos dos donos das roças. Esse ritual acontece no último dia do mês de setembro.*



recurso existe na região do Pavuru e da aldeia Moygu.

No ecossistema que chamamos *Ituari*, na terra úmida, existe muito buriti (*egak*), usado para fazer rede, flauta, cobertura de casa. Há muitos remédios no *Ituari*, como *ragoe* e *moropo*. No córrego pescamos



vários tipos de peixinhos como *kywa*, *popruk*, *moye* e *tupara*.

Dentro desses ecossistemas existem vários tipos de espíritos, como o *Apasá*, *Yapojeneju* e *Kapulu*, donos da mata alta e da terra preta. Outro espírito é *Arikamu*, dono dos peixes. Os pajés nos ensinam as regras de respeito aos recursos naturais. Os espíritos são invisíveis, mas através do uso do tabaco e de sua sabedoria, os pajés conseguem enxergar e se comunicar com eles. Quando nós utilizamos algum recurso, fazemos com respeito, com carinho, pedindo para o dono do recurso licença pra usá-lo. Se não tivermos respeito, o dono do recurso pode fazer mal, a pessoa que tirou o recurso ou alguém da família pode ficar doente. Então pedimos ajuda ao pajé para ir buscar a alma da pessoa doente, que pode estar no colo do

## ATIVIDADES

- 1) Faça um mapa da região da sua aldeia, localizando os ecossistemas que existem lá. Escreva o nome dos ecossistemas na língua indígena.
- 2) Converse e escreva com seu professor:
  - Os tipos de ecossistemas que existem na região da sua aldeia.
  - Escolha um ecossistema e pesquise com os seus pais em casa, fazendo uma lista de recursos naturais que existem neste lugar.



### **Pesquisa sobre ecossistemas**

Para desenvolver uma pesquisa os alunos e o professor precisam sair da escola e ir até o local dos ecossistemas, acompanhados de especialistas do seu povo.

É importante antes da saída da escola fazer com o professor um roteiro que os alunos devem seguir. O roteiro é um tipo de lista para organizar as perguntas e as idéias mais importantes sobre a pesquisa.

### **Sugestão de roteiro para pesquisa sobre ecossistemas**

Convide uma ou várias pessoas mais velhas para participarem da pesquisa, porque são eles que mais conhecem os ecossistemas e recursos naturais que existem na aldeia. Antes de sair para a pesquisa vocês vão ler o roteiro para planejar o trabalho. É importante levar o caderno para fazer anotações.

1. Nome do ecossistema – escrever na língua indígena e em português.
- 2) Descrição do ecossistema:

- a) Mapa do local – Fazer um mapa mostrando o lugar da pesquisa. O mapa deve mostrar o rio principal, a aldeia e o caminho usado para chegar no lugar.
- b) História de uso do lugar – contar a história daquele lugar. Se já foi queimado, se era roça, se já foi aldeia, se nunca foi usado.
- c) Tipo de solo ou terra – anotar o nome na língua indígena. Cor e tipo de terra, camada de folhas (se é grossa ou fina), se tem insetos.
- d) Situação da água – se é seco, alagado ou úmido.
- e) Vegetação – tipo de mata que existe no local: árvores altas, baixas, finas, grossas, se é escuro, se entra bastante luz, se tem muito cipó, muita planta baixa. Dizer a altura aproximada da camada mais alta de árvores.
- f) Recursos naturais – fazer uma lista das plantas e dos animais mais importantes que existem no ecossistema, na língua indígena e em português.
- g) Espíritos do ecossistema – pesquisar se o ecossistema tem donos espirituais.

3) Levantamento dos principais recursos naturais que podem ser vistos no local.

Escolha três recursos naturais mais importantes para preencher a tabela abaixo e fazer desenhos.

Recurso natural (RN)	Tem dono?	Para que é usado?	Parte do recurso que é usada	Abundância (se tem muito ou pouco)	Dá para plantar?

**Atividade depois da pesquisa no local do ecossistema:**

- 1) Cada grupo vai fazer um relatório da pesquisa, seguindo o roteiro, passando a limpo as anotações que fizeram sobre o ecossistema.
- 2) Apresente o trabalho do seu grupo, através de cartazes e desenhos sobre os ecossistemas visitados e seus recursos naturais. Convide a comunidade para ver a apresentação.



# Relações ecológicas

**Relações ecológicas** são as formas de convivência entre os recursos naturais e o ambiente. Os seres que vivem nos ecossistemas se relacionam entre si e com o ambiente, algumas relações são de amizade e outras são de conflito.

## Relações de amizade ou relações positivas

As **relações de amizade**, também chamadas de relações mutualísticas, são aquelas em que um recurso se beneficia e também ajuda o outro. A anta come as frutas do ingá e do buriti, contribuindo para espalhar e plantar as sementes dessas frutas em outros locais.

As relações de amizade muitas vezes acontecem com seres que não convivem diretamente. Por exemplo: a flor alimenta a abelha com o néctar; a abelha usa o néctar para fazer o mel, que será comido pela irara ou pelos seres humanos. Ao mesmo tempo, a abelha vai ajudar a flor a dar frutos, porque vai ajudar o encontro entre a planta macho e a planta fêmea. Outro exemplo são os passarinhos que comem os carrapatos do boi ou da vaca, que são parasitas que se alimentam do sangue desses animais.

As pessoas das comunidades do Xingu e os agentes de manejo plantam frutas e também os recursos da roça para que eles não acabem. Assim contribuem com a vida dos seres humanos, das plantas e dos animais.

## Relações de conflito

As relações de conflito podem ser de **competição** e de **predação**. A competição acontece quando os seres disputam o mesmo recurso natural ou território. Por exemplo, quando dois machos de onça se encontram, podem lutar até morrer, disputando a carne de algum bicho ou quando duas aves da mesma espécie se alimentam dos frutos de uma mesma árvore. Certamente haverá algumas espécies que irão comer menos do que outras, porque serão expulsas por outras mais fortes. Outro exemplo, que ocorre na sociedade humana

é a relação de competição que acontece entre os madeireiros e os povos indígenas, que disputam a terra e seus recursos naturais.

A predação é uma relação em que um ser vivo depende do outro para sobreviver, alimentando-se de sua presa. A relação de predação acontece quando a onça (predador) come uma capivara (presa), quando a piranha (predador) come o peixe-cachorra (presa), quando o jacaré (predador) come o pato (presa).

Quando uma grande quantidade de saúvas, ou de gafanhotos, atacam uma roça, também ocorre uma relação ecológica de predação.

## Como as plantas produzem seu alimento

Os vegetais, que têm nas suas folhas uma substância chamada **clorofila** (que dá a cor verde para as plantas) produzem seu alimento recebendo a luz do sol e respirando o gás carbônico que existe no ar. Elas também retiram da terra água e nutrientes, através de sua raiz.

As plantas absorvem o gás carbônico do ar e liberam o oxigênio, purificando o ar. A clorofila ajuda a planta a produzir alimento. Com a luz do sol, ela consegue produzir dentro dela o próprio alimento. Isso se chama **fotosíntese**.

Como as plantas produzem o seu próprio alimento, são chamadas de “**produtoras**”.

Os animais e os seres humanos não conseguem produzir o próprio alimento em seu corpo. Eles precisam consumir os alimentos que existem na natureza, ou os alimentos que precisam ser plantados, além de caçarem outros animais para comer. Por isso os animais e os seres



humanos são chamados de “**consumidores**”.

A luz do sol dá força para a planta puxar a água e os nutrientes da terra e produzir seu próprio alimento. A planta trabalha para produzir seu alimento e respira ao mesmo tempo.

*Maria Cristina Troncarelli e professores da segunda turma do curso de Magistério*

## Cadeia alimentar

A água é amiga das plantas. A árvore chupa a água da terra pela raiz, por isso que ela não morre. As folhas, os galhos, os animais, as aves e os insetos mortos são alimentos da terra, eles ajudam a adubar a terra fortalecendo-a. Por isso a terra fica boa para plantar.

*Maiua Ikpeng*

Quando a fruta do pequi cai da árvore a cutia come para sobreviver. Quando a cutia come o pequi, ela leva a semente para outro lugar. Alguns meses depois a umidade do ar molha a semente e começa a nascer uma plantinha. A terra também ajuda a plantinha. Assim começa um novo ciclo do pequi.

*Mutuá Kuikuro*

O homem derruba árvores, depois queima e limpa. Então ele planta a roça. Planta em primeiro lugar mandioca. Na beira da roça ele planta pimenta, abóbora, melancia, mamão e outras frutas também. Aí começa a chover e as plantas começam a crescer, até que as frutas e legumes fiquem prontos. Então o homem começa a colher as frutas que ele plantou.

Outras frutas os bichos e aves aproveitam para comer, principalmente os passarinhos. Os passarinhos comem mamão e pimenta e engolem as sementes das frutas. Quando eles enchem a barriga vão para longe, para o lugar deles. Lá eles fazem cocô e começam a plantar as sementes que eles comeram, espalhando as





frutinhas do mato. O tucano, a curica e os papagaios também são plantadores.

Os animais também fazem a mesma coisa, principalmente a anta, a cutia e o tatu. Gostam de comer mamão, melancia e cabaça para fazer cuia. Esses animais vêm de longe para comer as frutas na roça. Quando os animais voltam para o lugar deles, eles vão cagando quando param para descansar. Assim eles

### O que é cadeia alimentar

Na natureza, a árvore dá a fruta que o peixe come, aí vem o pato e come o peixe. Depois vem o jacaré e come o pato. O ser humano come o pato, o jacaré e também o peixe.

O gafanhoto come o capim, o sapo come o gafanhoto, a cobra come o sapo e o gavião come a cobra. Quando os gaviões morrerem os insetos, os fungos e os micróbios irão comer o seu corpo, que irá alimentar o solo formando os nutrientes.

A cadeia alimentar é uma relação de dependência entre os seres por causa do alimento: nós comemos o peixe, o peixe come as plantas aquáticas, as plantas aquáticas tiram seu alimento da terra e da



desenho de Jawarete Kaiabi e Nhokretxi Suiá

água, a terra se alimenta das plantas mortas e a água alimenta a todos.

Porém, quando os seres humanos destroem o meio ambiente com suas atividades econômicas (desmatamento para plantações, extração de madeira e minérios, contaminação e assoreamento dos rios), pode acontecer algum desequilíbrio na cadeia alimentar e algum ser vivo pode desaparecer.

Se na cadeia alimentar em que o gafanhoto come o capim, o sapo come o gafanhoto, a cobra come o sapo e o gavião come a cobra, o gavião ficar em extinção e desaparecer, haverá um desequilíbrio: sem os gaviões para comerem as cobras, as cobras vão aumentar sua população. Com muitas cobras, os sapos vão diminuir. Sem os sapos os gafanhotos vão aumentar. Se o desmatamento acabar com o tipo de capim que o gafanhoto come, os gafanhotos vão atacar as plantações procurando comida e os seres humanos também serão prejudicados.

Todos os seres são importantes para manter



desenho de Maiua Ikpeng

## ATIVIDADE

Escreva um texto explicando a cadeia alimentar que está sendo mostrada no desenho do Eroit. Você pode completar esta cadeia explicando sobre os seres que vão comer os peixes.

Leia a história abaixo:



### A conversa entre a anta e os jabutis

Os jabutis estavam em cima do pé de ingá comendo frutas, quando a anta apareceu e conversou com eles:

- Jabutis, vocês estão comendo ingá?
- Sim, estamos comendo ingá.
- Joguem uns ingás para eu comer, estou com fome.
- Está bem, eu vou jogar ingá para você.



– Jogue logo!

Aí o jabuti jogou somente as sementes de ingá para o senhor anta.

– Não faça isso, mande as frutas logo para mim.

– Agora eu vou jogar as frutas para você.

O jabuti jogou somente as sementes de novo. A anta ficou brava, deu uma pisada no pé de ingá e saiu correndo. Os jabutis caíram lá de cima de costas na lama e afundaram. Um deles caiu dentro de uma forquilha em cima da árvore. Depois de muito tempo, quando começou a chover eles conseguiram sair da lama. Somente depois que o rio encheu que o jabuti que estava preso na forquilha conseguiu descer, então todos eles foram atrás da anta.

Quando eles chegaram no primeiro cocô que a anta fez, perguntaram para a merda:

– Cadê o seu dono?

– Ele saiu agorinha daqui.

E seguiram o caminho da anta. Andaram um bom caminho e encontraram as fezes do bicho de novo.



desenho de Tahugaki Kalapalo

- Cadê o seu dono?
- O meu dono saiu agorinha.

Os jabutis correram pelo caminho, andaram, andaram. Às três horas da tarde encontraram a anta dormindo.

- Encontramos! O que vamos fazer com ele agora?
- Eu vou entrar pelo ânus dele para morder o seu coração.

O outro falou:

- Eu vou morder o calcanhar dele!

Os outros só ficaram olhando. Aí o jabuti entrou no ânus do bicho e o outro foi no calcanhar. A anta sentiu que tinha alguma coisa mexendo dentro dela, de repente deu um pulo e saiu correndo com eles. O jabuti que estava fora não conseguiu fazer nada, só o que estava dentro conseguiu matar a anta, porque ele estava mordendo o coração dela.

- Nós conseguimos matar a anta! E agora o que vamos fazer?

- Vamos buscar o fogo com a onça.

- Não, senão ela vai levar a nossa anta!

- Mas essa é a única coisa que podemos fazer, só ela tem o fogo.

– Então vamos enganar a onça, vamos falar para ela que nós estamos precisando do fogo para queimar marimbondo.

- Tá bom, vamos lá.

Quando eles chegaram lá pediram o fogo para a onça:

- Queremos fogo para queimar marimbondo.

A onça disse:

- Podem pegar, eu vou com vocês para pegar um pouco de carne para comer.

- Não é bicho não! É o marimbondo que nós vamos comer.

- Mas vou assim mesmo.

Daí os jabutis seguiram o caminho junto com a onça. Quando chegaram lá, a onça viu a anta:

– Vocês falaram que queriam o fogo para queimar marimbondo! Vocês são mentirosos, vou levar a anta para mim.

A onça carregou a anta inteira e os jabutis ficaram tristes! Quando a onça chegou lá na casa dela, ela colocou a anta em cima do jirau, acendeu o fogo embaixo e pronto.

Enquanto isso um jabuti lamentava para o outro:

– O que nós vamos fazer?

– Vamos atrás dela para comer um pedaço.

Os jabutis foram atrás da onça. Quando chegaram lá, viram a anta em cima do jirau assando, a onça estava dormindo. Daí os jabutis queriam aproveitar para comer um pedaço, foram em cima do jirau comer.

Enquanto comiam, a onça acordou:

– Xiiiiiiii! Não comam minha anta!

Os jabutis correram. Esperaram a onça dormir de novo.

– Vamos comer um pouco de novo – disse o jabuti.

A onça percebeu que eles estavam comendo novamente:

– Vocês não deixam a minha comida sossegada, não?

A onça saiu correndo, pegou todos os jabutis e jogou um para cada lado. A onça disse que nunca mais os jabutis iriam andar em grupo. Assim os jabutis foram separados de seus companheiros, hoje não se vê mais jabuti andando em grupo.

No final, a onça comeu a anta.

*Jowosipep Kaiabi*



## ATIVIDADES

- 1) Explique sobre as cadeias alimentares que aparecem nesta história.
- 2) Faça um desenho mostrando uma cadeia alimentar.
- 3) Existe algum animal que come a onça ou que pode matá-la para se defender? Explique com detalhes.



## O que é flora e fauna

Os cientistas não-índios classificam os recursos naturais como **flora** e **fauna**. A **flora** é o conjunto de todas as plantas que existem na natureza, como as árvores, os cipós, as plantas rasteiras e as plantas aquáticas.

A **fauna** é o conjunto de todos os animais que existem na natureza. Neste conjunto estão incluídos os animais de pelo e de couro, as aves, os peixes, os sapos e os insetos. Nós, seres humanos, também fazemos parte da fauna.



desenho de Tawayru Juruna

### ATIVIDADES

- 1) Escreva quais recursos da flora e da fauna estão no desenho de Tawayku Yudja.
- 2) Escreva o nome na sua língua e desenhe cinco recursos naturais da flora e cinco recursos naturais da fauna.

## Animais em extinção

A lista de espécies de animais em extinção é chamada de “lista vermelha”. Em 2003, de acordo com o IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, existiam no Brasil 395 animais em extinção. Nessa lista não estão incluídos os peixes e outros animais aquáticos. Até 2002 a lista incluía 219 animais.

A fauna e a flora brasileira estão ameaçadas de extinção pelo desmatamento, pelas queimadas e também pelo comércio ilegal de animais e plantas. Segundo a lei brasileira é proibido matar, perseguir, caçar, apanhar ou usar espécies da fauna brasileira sem a licença do IBAMA. Porém, o comércio de animais é a terceira maior atividade ilegal do mundo. Uma arara azul vale 60 mil dólares (cerca de R\$180.000,00) no comércio ilegal.

As pessoas que coletam e vendem plantas e animais sem autorização do IBAMA são chamadas de biopiratas.

As empresas que produzem remédios têm muito interesse em fazer experiências com plantas do cerrado e da floresta para produzir medicamentos. Estas empresas não reconhecem que povos indígenas ou outros povos tradicionais são donos do conhecimento do uso de muitas plantas, por isso compram plantas e animais de biopiratas, ou financiam suas ações. *(Folha de São Paulo/Folhinha, 07/06/03)*

## Caça de animais

### Animais de pêlo:

Guariba, macaco-aranha, mico-leão-dourado, macaco uacari, lobo-guará, onça pintada, preguiça de coleira, tamanduá bandeira, ariranha, jaguatirica, gato do mato, tatu-canastra, peixe-boi, cervo-do-pantanal, veado campeiro.



### O mico-leão-dourado

Atualmente só existe 2% da área de Mata Atlântica, localizada no Rio de Janeiro, onde vivem atualmente cerca de 1000 micos-leão na Reserva Biológica de Poço das Antas e na Reserva da União, assim como em algumas fazendas desta região. No estado do Espírito Santo ele foi considerado extinto. Os motivos da extinção são o desmatamento, as queimadas e também a sua captura para



## Aves:

Macuco, harpia, jacutinga, papagaio-de-cara-roxa, arara azul, pica-pau-rei, tesourinha, sabiá-pimenta.



papagaio-de-cara-roxa

## Ararinha azul

É a espécie mais ameaçada de extinção do planeta.

Só há um exemplar macho em liberdade, no sertão da Bahia, em local próximo ao povoado chamado Curuçá. Os moradores da cidade também estão preocupados e querem ajudar em sua preservação. Os cientistas querem soltar no sertão uma ararinha fêmea, mas estão pensando como ela pode viver sem correr risco de vida, porque a vida toda viveu presa. Outras ararinhas estão sendo criadas em cativeiro na Espanha, Filipinas e na Suíça. A ararinha



## Animais de casco e couro:

Jacaré-de-papo-amarelo, tartaruga de couro, surucucu-pico-de-jaca, tartaruga verde, tartaruga cabeçuda.



tartaruga de couro

## Plantas e árvores em extinção

A extinção de espécies vegetais vem sendo causada principalmente pela exploração comercial da madeira para produção de móveis e para construção de casas. A lista de 2002 do IBAMA aponta a ameaça de extinção de 107 espécies vegetais.

Bromélias e orquídeas também são retiradas da mata para comercialização.

Além do uso comercial dos recursos, o desmatamento, as queimadas, o assoreamento e poluição dos



fotos: Cláudio Tavares, J. P. Capobianco, MMA, Rose Sacó



rios provocam a extinção de plantas e animais.

(Texto elaborado a partir de: *Como cuidar do seu meio ambiente*, Bei Comunicações, São Paulo, 2002 e *Seria melhor mandar ladrilhar?* Nurit Bensusan, org., ISA/UNB, 2002)

## ATIVIDADES

- 1) Releia o texto sobre a extinção de animais. Calcule quantos animais a mais ficaram em perigo de extinção de 2002 para 2003.
- 2) Faça uma pesquisa na aldeia entrevistando caçadores e pescadores para saber se existe algum animal ou peixe que está diminuindo no Parque Indígena Xingu. Depois do levantamento, faça com seu professor e seus colegas uma lista com todos os animais e peixes que a pesquisa mostre que estão diminuindo.
- 3) Escreva um texto com a sua opinião e das pessoas da comunidade sobre o motivo da diminuição dos peixes e animais que você pesquisou.
- 4) Peguem um caderno para ser o “CADERNO DA CAÇA E PESCA”. Escolham pessoas responsáveis da turma de alunos para diariamente perguntarem em cada casa da aldeia os bichos e os peixes que aquela família pescou ou caçou. Essa pessoa vai anotar no caderno:

Nome do caçador e pescador	Data	Animais caçados/quantidade	Peixes pescados/quantidade

A cada dois meses vocês podem calcular o total de peixes e bichos que foram consumidos na aldeia e verificar se existem recursos que estão aumentando ou diminuindo.

## O que é Biodiversidade

*“Biodiversidade é a variedade de seres vivos que vivem na natureza. Na ciência indígena todos os seres têm vida. Se não tivessem vida, os seres não existiriam no mundo. Todos os recursos naturais têm vida, têm seus espíritos. Por exemplo: pedra, árvores, rios, aves, ventos, peixes, terra, água, barro e todos os tipos de animais. Por isso todos os recursos naturais devem ser respeitados. Temos muitas regras para respeitar cada ser vivo que existe na natureza”.* (Professores do Parque Indígena do Xingu)

**BIO** = vida    **DIVERSIDADE** = vários seres e ambientes diferentes

**Biodiversidade** é o conjunto de seres e ambientes diferentes que existem em cada região

O Brasil é o país que tem a maior biodiversidade do mundo (aproximadamente 23% do total de espécies do planeta). Grande parte desta biodiversidade está nas florestas tropicais, como a Amazônica e a Mata Atlântica, e no Cerrado. Na natureza existem recursos naturais que fornecem vários produtos muito importantes para os seres humanos: remédios, alimentos, tintas, cosméticos, fibras para fazer cestaria, óleos e resinas, madeira. Por isso muitas pessoas se preocupam com o futuro das florestas e cerrados.

A Amazônia também é o lugar onde se concentram milhões de espécies de plantas e animais. O cientista brasileiro, José Lutzenberger, escreveu em um de seus livros:

*“Cada vez que se derruba uma grande área da floresta Amazônica desaparecem centenas de espécies de animais e plantas. No momento em que a floresta é destruída as espécies que desaparecem não voltam jamais. Extinção é para sempre. Não só a Terra, mas o Universo fica mais pobre.”*

A maioria dos não-índios não conhece o uso de vários recursos naturais que são conhecidos somente pelos povos indígenas. Por isso o conhecimento de cada povo indígena sobre os recursos naturais é muito importante para que o povo mantenha a sua tradição e sua força. Ao mesmo tempo, é preciso pensar na preservação desses recursos, para as futuras gerações.

## Os ecossistemas têm seu próprio equilíbrio

Os ecossistemas funcionam de maneira equilibrada, com os seres e os recursos naturais se relacionando entre si. Um exemplo desse equilíbrio é a importância do palmito juçara, que é uma palmeira da Mata Atlântica. A fruta e a semente do palmito servem de alimento para diversos animais, como tucanos, sabiás, curicas, periquitos, macucos, jacus, jacutingas, porcos, caititus, antas, esquilos, tatus e capivaras. Outro exemplo são os buritis e outras palmeiras que servem de abrigo para as araras, periquitos e papagaios fazerem seu ninho. A diminuição dos palmitos numa área de Mata Atlântica, ou dos buritis na Amazônia, vai modificar a vida de todos esses animais e de todos os outros com os quais eles se relacionam para se alimentar. Isso vai causar um desequilíbrio no ecossistema. Esse desequilíbrio é ocasionado pela ação humana, pois o palmito é um recurso que é muito explorado para venda, apesar de seu corte ser proibido por lei.

Quando o ser humano começa a retirar alguns recursos da natureza sem pensar na sua conservação, a natureza não tem tempo para se recuperar e produzir os recursos na mesma proporção que eles são

## Concepções sobre os recursos naturais

### Classificação dos recursos naturais pelos cientistas não-índios:

Os cientistas classificam os recursos naturais agrupados em “reinos”:

- **Reino mineral:** os minerais e rochas como a água, o ferro, o petróleo, o diamante, o alumínio, o ouro, a prata, a areia, a terra.
- **Reino animal:** peixes, aves, animais de pelo, cobras, sapos, jacaré, seres humanos, insetos.
- **Reino vegetal:** todas as plantas (capim, árvores, ervas, plantas da roça, cipós).
- **Reino dos fungos:** cogumelos, orelhas-de-pau, fungos microscópicos.
- **Reino monera:** bactérias e vírus.

### ATIVIDADE

- 1) Pesquise e escreva como o seu povo classifica os recursos naturais em diferentes tipos.



## O pensamento do cientista José Lutzenberger

José Lutzenberger, que foi um importante cientista e ambientalista brasileiro, considera que o planeta Terra é um ser vivo e que nós seres humanos, as plantas, os animais e todos os recursos naturais somos parte do corpo do ser vivo que é a Terra, que ele chama de Gaia, um nome que os gregos deram para a deusa Terra. Ele escreveu:

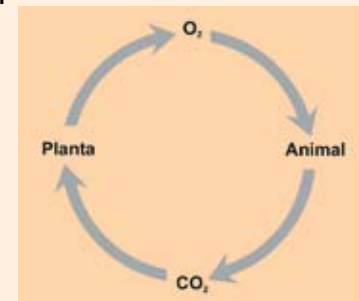
*“O planeta Terra é um ser vivo. As árvores, as florestas, os campos, os rios, o oceano com suas algas microscópicas são órgãos nossos, tão nossos como nosso pulmão, coração ou fígado. O organismo maior é um só, a Terra. A parte mineral, os continentes, as pedras, o ar e a água, também são órgãos do corpo da Terra e parte do nosso próprio corpo. Nós humanos somos somente uma parte do corpo da Terra.”*

Lutzenberger critica os cientistas que consideram a natureza somente como objeto de estudo, um lugar para o ser humano fazer experiências ou explorar os recursos naturais. Ele escreve sobre o que considera um pensamento adequado para os naturalistas, pessoas que admiram e respeitam a natureza:

*“Para o naturalista a natureza não é só objeto de estudo, a natureza é divina e sagrada – não temos medo da palavra sagrada, – e nós humanos somos apenas parte dela.”*

Em seu livro “Gaia, o planeta vivo”, José Lutzenberger explica a relação entre as plantas e os animais (incluindo os seres humanos). De acordo com ele, as plantas retiram o gás carbônico ( $\text{CO}_2$ ) do ar para produzirem seu alimento e produzem oxigênio ( $\text{O}_2$ ), melhorando a qualidade do ar que respiramos. Os animais e os seres humanos, quando respiram, retiram o oxigênio do ar e liberam o gás carbônico usado pelas plantas para produzir seu próprio alimento. O ciclo ao lado mostra a relação de dependência e de complementação entre plantas e animais.

(Maria Cristina Troncarelli, a partir do livro Gaia, o planeta vivo, José Lutzenberger, L&PM, 1990)



# Recursos naturais e os seres espirituais

## Povo Ikpeng

### Os espíritos dos ecossistemas

Na ciência da sociedade *Ikpeng*, todos os seres têm vida. A pedra é um ser que aparentemente não tem vida, mas na verdade é viva. Se não tivesse vida a pedra não existiria e não atrairia muitos peixes que ficam ao seu redor. Na nossa sociedade tem regra para quem tem filho pequeno, a pessoa não pode subir em cima da pedra, porque ela é uma casa dos espíritos dos peixes e de outros seres. A pedra pode ser muito perigosa, porque o espírito dela pode pegar a criança para ela.

A praia também tem vida, tem seu espírito muito forte, por isso ela não desaparece e nada de um lugar para outro. Ela é traiçoeira, ela atrai vários espíritos.

A natureza tem vários tipos de ecossistemas porque existe vida e espíritos diferentes em cada local. Por isso cada ecossistema tem a cor de terra diferente, os tipos de mato são diferentes, assim como entre os seres humanos existem pessoas gordas, altas, magras, baixas, cada um com sua vida e espírito.

Nós Ikpeng temos classificação para alguns espíritos dos ecossistemas:

– A mata alta tem sua dona que se chama *Enoy*, ela é uma mulher, só que ela não tem a parte genital. É uma caçadora armada com sua flecha. É ela quem cuida deste tipo de mata.

– A mata meio alta tem seus espíritos que se chamam *Miyegu* e *Wiwoningkin* e um tipo de tatu canastra que fica dentro da terra. Agora os *Wiwoningkin* são iguais aos seres humanos, por isso você não pode sair sozinho para caçar, é perigoso, precisa ter muito cuidado.

– *Kanarot* é um espírito do mato alto e baixo e fica mais no lugar onde existe tucum, ele é igual gente, só que é coberto com vários tipos de folhas.

desenho de Yalau Ikpeng



– *Otomowira* é um espírito de mato alto e baixo, só que ele é semelhante a um esqueleto de dinossauro. Por causa dele você não pode assobiar quando for caçar.

– *Apariko* é o espírito do mato baixo, ele é parecido com o calango.

Como existem todos esses seres, por esse motivo, as pessoas do povo Ikpeng não saem sozinhas para caçar, nem matam muitas caças. Também não saem sozinhas para manejar os recursos naturais.

A terra tem vida, por isso que ela existe, quem mantém a vida dela são todos os seres que morrem e se misturam com ela, por exemplo: uma árvore morre, cai, apodrece, se mistura e forma uma vida nova que será boa para a terra.

*Korotowī, Maiua e Lokore Ikpeng*

## Cientista indígena

Os pajés de todas as etnias são os cientistas de cada povo. Eles se comunicam com os espíritos dos seres vivos e ensinam para as pessoas, que não são pajés, como cada ser vive e como podemos manejar os recursos naturais onde existem os seres espirituais.

Como o cientista não-indígena explica sobre a vida dos seres vivos para seu povo, assim nosso cientista tem explicação, tem uma teoria sobre cada ser vivo.

Como o pajé tem visão e se comunica com todos seres vivos, ele canta as músicas dos espíritos dos seres e sabe o nome pessoal de cada ser. Os seres espirituais da natureza são como nós, eles têm seus próprios nomes. Por exemplo, a abelhinha que chamamos de *Pangmontxi*, tem um espírito que se chama *Tirintiri*.

O pajé canta as músicas que aprende com esses espíritos.

Será que o cientista não-indígena se comunica com os espíritos dos seres vivos e canta as músicas, como nosso cientista? Eu gosto de comparar o pensamento do nosso povo com a teoria dos cientistas não-indígenas.

*Korotowī Ikpeng*

## O dono da mandioca

A mandioca nasce nas roças. É plantada pelos homens, pelas mulheres e pelos meninos. O dono da



roça cuida e limpa os pés de mandioca.

Ela tem dono, esse espírito se chama *Ariko*. Quando a pessoa não cuida bem da mandioca, o dono faz mal à pessoa.

A mandioca é usada para preparar massa, caldo e polvilho. É arrancada a raiz toda, mas é replantada a rama de mandioca no lugar. A gente faz mingau de beiju, fazemos perereba (mingau) e misturamos com peixe para fazer *mutap* (pirão).

*Ikoré Kawakum Ikpeng*

### **Princípios éticos da sociedade Ikpeng**

Os pais e parentes ensinam para as crianças e jovens sobre a reciprocidade entre as pessoas. Os pais ensinam os filhos a ajudar os colegas e parentes na construção de casas, no roçado, na abertura de caminhos e estradas, dar coisas para quem não tem (generosidade), oferecer moradia. As crianças e os jovens são também ensinados a respeitar as árvores que utilizamos para alimentação, construção de casas e confecção de objetos, a ter respeito pelos animais que comemos e que não comemos, porque eles fazem parte do equilíbrio da natureza, a ter respeito pelos rios e pela terra.

Um dos ensinamentos mais importante e forte é o cuidado e o respeito pelas crianças novas. Quando o casal tem filho pequeno, os pais não podem comer coisas perigosas como peixes, animais e aves grandes. Os pais também não podem fazer trabalhos pesados até a criança ter três ou quatro meses. A mãe pode deixar a criança sempre pintada, para ela não pegar doença.

### **Mopa amenjo – ramos para flauta**

Vamos falar sobre o respeito da sociedade Ikpeng por um ser vivo que é o espírito do buriti. Quando um flautista vai cortar um ramo do buriti para fazer flauta, ele tem o jeito de manejar aquela planta e só ele sabe como conversar com a planta. Na verdade, ele conversa com o espírito dela, pedindo para o espírito não fazer mal para os meninos que vão fazer tatuagem e que o espírito da planta dê mais força para os meninos. Isso ele fala antes de cortar os ramos e depois ele tenta cortar. Se o espírito quer compartilhar sua energia, ele deixa cortar. Quando o flautista for cortar e o ramo cair reto, a pessoa fica contente. Se o

espírito não quer compartilhar sua energia, quando o flautista cortar, o ramo não cai, fica preso no outro ramo.

Então ele deixa, vai procurar outra planta e corta. Quando a pessoa chega na aldeia, dança com os ramos no ombro para alegrar o espírito. Depois disso ele leva ao rio. O flautista faz a flauta no lugar que não é muito freqüentado pelas crianças, porque ele precisa concentrar o próprio espírito no espírito da flauta. Só quem quiser aprender como fazer flauta pode acompanhar este trabalho.

Quando uma pessoa tem filho pequeno não pode cortar e nem fazer flauta, senão faz mal para a criança, também não pode tocar. Quando a flauta está sendo usada tem que cuidar muito bem dela, não deixar cair e quebrar. Se por acaso deixar cair e quebrar, o espírito da flauta pode fazer mal para alguns meninos que vão fazer tatuagem.

Quando a flauta fica velha, que não dá mais para usar, o flautista a leva ao rio, no lugar onde ninguém pode vê-la. Ele a amarra numa árvore, no fundo da água e despede-se da flauta dizendo:

– Você foi uma boa colega.

Na verdade ele fala com o espírito dela. Por isso que a sociedade Ikpeng tem muito respeito pela flauta e pelo buriti. O buriti é um recurso natural que também serve para fazer muitas coisas: rede, ralador, peneira, alimento, balaio, cesto para carregar mandioca, palha para construir casa, a palha bruta para festa.



As palmeiras secas servem ainda para a reprodução de várias aves.

*Korotowi, Maiua e lokore Ikpeng*

### **Otomowira – um espírito do mato**

Esse espírito é dono da árvore *waria*, chamada de copaíba. Quando uma pessoa derruba essa árvore o espírito que é dono da *waria* aparece para a pessoa. Quando a pessoa vê o espírito, começa a passar mal. O espírito *Otomowira* se alimenta da resina da *waria*.

A árvore *waria* fica na mata alta de terra vermelha, que nós Ikpeng chamamos de *akeyum*.

O espírito *Otomowira* não aparece toda hora. Ele não anda muito pelo mato, fica só cuidando da árvore *waria*. Por isso nós temos medo de derrubar essa árvore que tem essa resina cheirosa que usamos para nos pintar.

*Pomekenpo Ikpeng*

### **Timakaygem – espírito do tucum**

O espírito *Timakaygem* mora dentro do pé de tucum. Somente o pajé pode vê-lo.

Quando a pessoa come o coco do tucum o dono pode não gostar e fazer mal para a pessoa. Mesmo com esse espírito vivendo no tucum, nós derrubamos os pés de tucum para fazer borduna.

*Txongto Ikpeng*

### **Motoe – fruta do conde**

Antigamente o povo Ikpeng não derrubava o pé de fruta do conde, só colhia a fruta usando uma vara, porque o dono dessa fruta faz mal à pessoa que derruba o pé.



Hoje em dia o povo Ikpeng derruba o pé de fruta do conde, por isso a pessoa que derrubou fica doente e morre. Quando a pessoa derruba o pé de fruta do conde precisa rezar após a derrubada:

– “Eu não morro, eu não morro, serei como você, terei vida longa.”

Assim a pessoa pode rezar quando derrubar algum pé dessa fruta.

A madeira da fruta do conde não apodrece quando é derrubada, por isso a pessoa que fala essa reza fica como a madeira da fruta do conde – a madeira não apodrece.

*Pitoga Makne Ikpeng*

### **Katepo – o jatobá**

Na árvore jatobá tem muitos espíritos por isso nós não derrubamos essa árvore à toa. Esses espíritos são muito bravos. Quando a árvore jatobá tem um espírito dono, ela pode ter *palakeni* (abelha), então consideramos esse espírito mais perigoso.

*Matare Ikpeng*



## **Povo Kṡsêdjê**

### **Os recursos naturais têm seus espíritos**

Para os pajés e para a nossa sociedade, todos os recursos naturais têm vida, tem seus espíritos. Por exemplo: a pedra, as árvores, os rios, todos os tipos de animais, a terra, as aves, o vento, os peixes, o barro, todos esses recursos têm vida. Nós respeitamos os recursos naturais porque eles têm seus espíritos e são seres vivos. Por este motivo quando nós vamos utilizar estes recursos naturais, sempre tratamos com todo respeito. Temos regras para respeitar cada ser vivo que existe dentro da natureza.

*(Tariwaki Suiá Kaiabi)*

### **Mãe da floresta**

A mãe da floresta tem o seu grupo que fica cuidando de uma grande parte da floresta, dando vida a



ela. Como ocorre com vários seres vivos espirituais da natureza sem aproveitar esse local, a mãe da floresta se sente maltratada e chora, sendo capaz de soltar pragas que farão mal à saúde da pessoa que derrubou a mata, ou então, pode prejudicar o filho da pessoa que destruiu a floresta. Às vezes esses seres jogam pragas que podem até acabar com vidas humanas. Por isso os pajés são a salvação das pessoas amaldiçoadas pelos espíritos da floresta.

Muitas vezes as pessoas perdem tempo pensando que a doença foi provocada por feitiço ou por doenças dos não-índios, ocorrendo a morte da pessoa. A mãe natureza é tão forte que causa doenças e a morte de seres humanos.

Os espíritos, que são donos de todos os recursos naturais, têm seus feitiços que carregam em seus corpos, como lagartos de todos os tipos e formigas, por exemplo. Nem todos os donos dos recursos naturais causam malefícios aos seres humanos. Muitos desses seres espirituais ajudam os pajés a curarem as pessoas.



*Tariwaki Suiá Kaiabi*

### **Princípios éticos da sociedade Kṭsêdjê**

Os valores éticos são ensinados pelos velhos, pelos avós e pelos pais desde criança. Ensinar a respeitar as pessoas, ter bom comportamento, caçar, pescar, saber dar valor à natureza e à vida humana. Saber tratar os convidados e as famílias mais próximas e distantes. Ensinar a fazer artesanato, respeitar cada animal e outros seres que existem na natureza. Ser generoso, honesto com os seres humanos. Seguir as regras dos mais velhos, das coisas que eles nos ensinam. Respeitar lugares e objetos que têm suas histórias contadas pelos mais velhos.

Existem lugares e objetos sagrados, principalmente o lugar e os objetos de reza do pajé, como o apito feito com osso de ave, o cigarro e as ervas. Muitas pessoas respeitam e consideram os próprios pajés como pessoas sagradas. As montanhas e as lagoas que têm sua história contada pelos mais velhos,

também são sagradas.

*Tariwaki Suiá Kaiabi, Yakonhongrátxi e Tempty Suiá*

### **Mbôt Me Riten**

O recurso natural *Mbôt* tem dono, o nome de seu dono é *Riten*. Esse espírito cuida regularmente dessa árvore no mato. Onde existem muitas árvore *Mbôt* os espíritos ficam lá, cuidando delas, mas ninguém consegue vê-los. Só os pajés podem enxergá-los. Por isso nos lugares onde existem muitas árvore *Mbôro*, a gente toma muito cuidado quando for andar por lá ou quando for pegar suas frutas. Quando a gente mexe nesse recurso natural, o espírito fica observando para ver o que estamos fazendo com a árvore.

Quando você anda sozinho e o espírito aparecer, ele poderá quebrar galhos de árvores ou pegar pedras e jogar na sua frente. Ele pode aparecer longe, mas se aparecer bem próximo de você, pode fazê-lo desmaiar ou ficar maluco.

Na sociedade antiga esse espírito já levou muitas pessoas. Ele chegou perto da pessoa e passou a mão em seu rosto, logo a pessoa ficou maluca e ficou morando sempre no mato, comendo folhas e frutas, não retornou mais para a aldeia. Atualmente esse espírito continua andando no mato, onde existem muitos pés de *Mbôt*.

Esse espírito cuida também dos animais e aves. Os mais velhos contam que esse espírito criou o macaco e o jacu. Na nossa aldeia antiga existe esse espírito *Riten*.

Hoje em dia nós ainda ficamos apavorados com o espírito *Riten*, porque ele pode fazer mal para as pessoas da minha sociedade *Ktsédjê*.

Meu pai é quem sempre conta essa história para mim.

*Yakonhongrátxi Suiá*



## As aves, seus espíritos e a alma das pessoas

Todas as aves têm seus espíritos. Quando quebramos seu ninho, eles sabem e observam através dos seus espíritos quem está fazendo isso em outro local, em busca de alimentos. Esses espíritos irão fazer mal a pessoa que desrespeitou as aves.

Por este motivo não maltratamos as aves. Os filhotes só são pegos para criar ou matamos os pais para nos alimentarmos.

Existem na nossa sociedade dois passarinhos – *Hwekã* e *Wákrã* – que dão aviso para a gente sobre alguns acontecimentos de longe ou que vão acontecer naquela hora. Às vezes quando levamos uns filhotes para criar, a mãe os condena à morte. Então quando os levamos para a casa, eles não podem sobreviver muitos dias. Quando eles morrem, a mãe irá buscar as suas almas para morarem juntos de novo.

Consideramos o pássaro que chamamos *Kukrytxi* como *Wajanga* (pajé). Se tocarmos nele quando está se alimentando ou o ferirmos com flecha, quando chegarmos para pegá-lo, após cair no chão, ele irá nos atacar.

Quando corremos de medo, é nesse instante que ele pegará a nossa alma para levar junto com ele, mesmo que o matemos depois. Assim ficamos doentes.

*Tempty Suiá, Kaomi Kaiabi e Yakonhongrátxi Suiá*

## Povo Kaiabi

### A vida ao nosso redor

Na sociedade Kaiabi, alguns objetos, e principalmente os recursos naturais têm vida. Quando nós avistamos um ferro ou um pedaço de tábua, a gente acha que ele não tem vida. Mas o pajé tem outra visão, ele vê que tudo que temos em casa, tudo que existe em volta da aldeia, na terra, no mato, no céu, no ar, no fundo da terra, tem vida e espírito.



Quando eu não sabia sobre os conhecimentos que o pajé ensina, eu pensava que essas coisas não tinham vida e que os seres vivos eram somente aqueles que correm e se alimentam.

*Jowosipep Kaiabi*

## Respeito com os seres da natureza

Quando nós utilizamos os seres vivos da natureza, fazemos isso com muito respeito. Por exemplo: quando caçamos anta ou outros seres vivos não podemos dar risada e brincar depois de matar esse animal. Senão o espírito da anta pode ficar bravo, a pessoa adocece e pode morrer. É por isso que nós respeitamos todos seres vivos.

Outro ser vivo, que nós respeitamos muito, é *Karuat*, o dono das nascentes, dos rios, córregos e lagoas. Não podemos falar os nomes dos objetos como pente, cuia comprida, unha, nem dizer algumas outras palavras e o nome dele quando estamos próximos ao rio. Quando nós o desrespeitamos ele pega a pessoa ou sua alma.

A pessoa pode adoecer ou morrer depois de alguns dias. Por isso nós respeitamos o *Karuat*: quando vamos tomar banho no rio, córrego ou na lagoa, não podemos falar o nome dos objetos que ele não aceita.

*Jemy Kaiabi*

## Princípios éticos da sociedade Kaiabi

Os principais valores éticos da sociedade Kaiabi são: respeitar as pessoas para não ter brigas, respeitar a natureza e o que existe nela, aprender a fazer os objetos tradicionais antes de se tornar adulto, evitar comer alimentos perigosos quando se tem criança nova. Os tipos de comida que se pode comer nessa ocasião são: milho cozido, pacuzinho, mingau de milho torrado, galinha, arroz puro sem mistura e mandi. Quando a pessoa tem criança nova não pode comer alimentos assados, somente cozidos, pois o alimento assado pode causar anemia na criança. Mingau de milho aumenta o leite da mãe e faz bem para o bebê. Os alimentos que não podem ser consumidos quando os pais têm filho pequeno são: macaco, anta, mutum, matrinchã, piau, porco e amendoim. Esses tipos de alimentos podem causar conseqüências sérias para as crianças: febre, cansaço, ou a criança pode chorar muito quando o pai come piau, por exemplo. Se os pais comerem amendoim tendo criança pequena, podem ficar aleijados.

Quando as pessoas não seguem as regras, o espírito dos animais de caça que eles consomem podem



levar a alma da criança.

Na sociedade Kaiabi existem alguns tipos de objetos, animais, frutas. O sapo cururu, o passarinho massarico, a fruta *taka'nu* são donos do jenipapo, os tipos de cuia e algumas frutas comestíveis também. Há também lugares sagrados, que somente os pajés podem ver.

*Jowosipep Kaiabi*



Ywauni

Taka'mu

Janypap

## Regras de respeito pela natureza

Na sociedade Kaiabi usamos os recursos da natureza com respeito.

Existem frutas no mato que são sagradas para o povo Kaiabi. Nós usamos o jenipapo em um momento certo, se nós não seguirmos a regra de uso, ele pode fazer mal para uma pessoa. Ele tem um espírito muito forte, se o espírito do jenipapo pegar uma pessoa, leva meia hora para ela morrer. A pessoa morre com uma mancha preta no corpo.

A fruta *ywauni* tem a mesma regra do uso do jenipapo.

O *taka'mu* é uma fruta boa, ela não faz mal, mas ela é um ser vivo. Quando a gente come *taka'mu* o espírito pode mandar a chuva. Cada espírito dos seres vivos, cada ser vivo tem um dono espiritual. Cada ser vivo ajuda, devemos ajudar e saber usar os recursos da natureza, a natureza faz parte de nós. Os seres vivos são nossos irmãos.

*Jowosipep Kaiabi*

## O espírito Karuat

Para nós Kaiabi o espírito *Karuat* não deve ser chamado na beira do rio. Quando uma pessoa fala o seu nome, ele pode fazer mal para essa pessoa. Quando estamos na beira do rio não podemos falar o nome de



bolo de massa de mandioca com amendoim, de pipoca, de batata, de pente, de cabaça e nem de cebola e alho. Se a pessoa falar esses nomes o espírito vai fazer mal para ela, nesse caso, ela tem que chamar o pajé imediatamente.

Também não podemos chamar o nome da fruta *ywauni* quando estamos na beira do rio. Nesses casos, se você pronunciar os nomes que o *Karuat* proíbe, ele pode pegar a sua alma e só o pajé pode salvar a sua vida.

*Pikuruk e Jawarete Kaiabi*



### **Janypap (jenipapo)**

Quando a mulher rala jenipapo ela não pode ir até a beira do rio ou lá nesses lugares vivem espíritos. Por isso quando a pessoa se pinta com jenipapo não pode ir banhar no rio. O jenipapo tem um cheiro forte. Se a pessoa se pintar com jenipapo e não obedecer essa regra, pode ficar doente. Se o pajé não tomar a decisão de espíritos pode até levar a pessoa à morte.

*Tangeu'i Kaiabi*



### **Taka'mu – uma árvore que tem espírito**

As árvores que têm espírito são muito perigosas para o povo Kaiabi.

Se nós comermos a fruta *taka'mu* pode provocar o surgimento de vento, chuva e até um temporal muito forte. Por isso nós Kaiabi não comemos essa fruta. Se alguém for comer, precisa ter muito cuidado.

*Elimar e Juporejup Kaiabi*

### **Filosofia indígena**

Na nossa filosofia indígena, todos os seres que existem no mundo têm vida e espírito. Nós que

pertencemos a povos indígenas consideramos que além dos reinos (fungos, bactérias e vírus), existe também o reino espiritual. Todos pela nossa sociedade. A maioria dos seres tem espírito bom, mas são maltratados e desrespeitados. Posso dar um exemplo somente de seres importantes. Existe um pássaro, *Wyra'ri*, que fica na praia ave simples. Esse pássaro é o dono do vento, da chuva e da ferida mexermos com ele, mas pode prejudicar uma pessoa que o maltrata.

Os espíritos dos seres espirituais são invisíveis, até através nem mesmo o microscópio pode acusar, por isso respeitamos e tememos muitíssimo todos os seres e seus espíritos.

Algumas pessoas não conseguem compreender o que são os espíritos dos seres e sua importância, porque o aparelho que eles fabricaram não conseguiu acusar. Nós, índios, conseguimos conhecê-los porque nós temos o pajé que visualiza o mundo espiritual e transmite o conhecimento e a importância desse mundo para a comunidade.

Muitas pessoas desconhecem o mundo espiritual e acreditam no poder da tecnologia avançada, têm confiança somente nos aparelhos e desprezam a importância do reino espiritual. Essas pessoas não sabem qual é o valor da vida e a realidade de um ser espiritual para o homem, por isso não respeitam e destroem a natureza. Depois o próprio ser humano sofre as consequências.

*Matari Kaiabi*

## A força dos pajés

Para o povo Kaiabi existem muitas regras para respeitar os seres vivos da natureza. Vou contar algumas regras sobre alguns seres vivos que eu tomei conhecimento através do meu pai e de alguns pajés com quem eu tive contato pessoalmente e com quem eu aprendi muitas coisas.



Nós pajés sofremos muito com o espírito humanos.

Alguns brancos podem não acreditar com isso, porque tenho conhecimento sobre o que já perderam suas vidas por causa dos espíritos com aqueles seres, os trataram com falta de respeito.

Vou contar uma coisa que aconteceu com meu pai para falar, só para algumas saberem que todos os pajés até matar os seres humanos. Vou contar o que aconteceu com a minha mãe, ela ficou doente e a minha mãe adoeceu, passaram-se quatro meses e ela ficou velha me chamaram para conversar. Sentamos e fomos conversando com um pajé sobre um doente que tinha a minha visão o que realmente estava acontecendo com a minha mãe, que nunca mais se sarava. Então eu vi que o espírito da aranha estava fazendo mal para minha mãe. O espírito da aranha já tinha enrolado todinha a alma dela com suas teias. Felizmente eu cheguei na hora e salvei a alma dela, como é a obrigação de todos os pajés que lutam para salvar vidas. A minha mãe voltou ao normal. Ela já estava bem magra quando ficou doente, ela quase morreu quando aconteceu isso com ela. Por esse motivo devemos ter muito respeito por cada ser vivo.

*Tariwaki Kaiabi Suiá*



desenho de Januário Biral

## A formação do pajé



Para o povo Kaiabi, ser pajé é uma das coisas mais complicadas que existem. É um processo longo, sofredor, assustador, as regras são rígidas.

Algumas pessoas Kaiabi se tornaram pajés não por vontade própria, mas o destino os levou por esse caminho de se tornarem pajés. Outros são conhecidos como filhos de espíritos que vieram ao mundo. Cada uma dessas pessoas tem uma história, diferente de outros pajés. Alguns deles se tornaram pajés aos 10, 15, 16 anos de idade.

A pessoa que está se formando para ser pajé, muitas vezes, tem sinais quando é uma criança, tendo sintomas e sinais diferentes de uma criança comum. Às vezes pode ter um sangramento pelo nariz, na cabeça, no couro cabeludo, pode ter um comportamento diferente de outros meninos e até mesmo de sua própria família. Os sintomas podem passar com o tempo, mas também podem se repetir. Conforme a pessoa for crescendo, os sintomas vão ficando freqüentes, até que um dia a pessoa pode ter várias vezes os sintomas, ou pode ter para sempre. A partir deste momento a pessoa entra em transformação para ser um pajé, então ela começa a conhecer o mundo dos espíritos.

Os primeiros sintomas que se apresentam na pessoa para torná-la um pajé é ficar doente, ter febre,

tonturas, sonhar com os espíritos da natureza e com os velhos pajés. Sonha também com algo que comeu ou mexeu antes de adoecer. Fuma no sonho cigarros dos espíritos desconhecidos e também têm visões sobre algo diferente.

A pessoa que passa por esse processo de desenvolvimento de se tornar um pajé enfrenta momentos dolorosos, muito sofridos para sua família.

A família que vê o sofrimento do(a) filho(a), neto(a) ou de um(a) irmão(ã) logo se reúne e vai em busca de um bom pajé, para tratá-lo do sofrimento que passa,



prepara um bom pagamento de artesanatos para pagar o serviço do pajé.

Vou citar o nome de um pajé Kaiabi que é o Tujarajup Kaiabi e contar como ele se tornou pajé.

Ele um dia ficou doente, ficou com febre, não podia ir pescar, caçar para ele mesmo, uma outra pessoa levou um peixe para ele, que ele não podia comer quando estivesse doente.

Esse peixe era trairão. Apesar da esposa dele o ter lembrado que o pai dele aconselhou a não comer esse peixe quando estivesse doente, ele resolveu comer um pedaço, porque não tinha nada para comer. O pedaço que ele pôs na boca começou a formigar a boca dele rapidamente, em seguida deu um tipo de alergia em todo seu corpo, a pele ficou toda avermelhada, tentou tratar a alergia usando remédio não-indígena, não adiantou usá-lo.

Após o uso do medicamento piorou a alergia, coçava e aumentava cada vez mais, o rosto ficou todo inchado, então não usou mais.

Passando os dias a alergia foi sumindo aos poucos. Nesse período, ele começou a perceber que a vida dele passou a ser muito estranha. Começou a ver algo estranho acontecendo, tudo que ele via era diferente, e até mesmo o que ele sentia. Tudo começou durante um tratamento de saúde que fazia no Posto Indígena Diauarum, depois do tratamento que estava fazendo ficou bom e resolveu ir embora para sua aldeia de canoa junto com a sua família. Chegou na praia, fazendo muito barulho e achou que era uma coisa diferente. No momento que ele avisou lembrou de mais nada.

Chegou no porto de sua aldeia, foi carregado e desde então, Tujarajup nunca mais ficou bom. Foi um longo processo de conhecer a vida do pajé e o que aconteceu, bichos, aves e peixes falando com ele acompanhado, quando não era sua esposa, tinha um momento algo que ele encontrasse no caminho embora para sempre no mato, então tinha que voltar e começou a conhecer a vida do pajé com muita dificuldade.

Todo esse sofrimento é uma reação incontrollável provocada pelos diversos



desenho de Hwadu Suiá

espíritos bons ou ruins, que se aproveitam da situação que a pessoa está sofrendo para se tornar um pajé.

O seu pai Jywaita foi um grande pajé, conhecedor de espíritos da água (*Kwanu*), do céu (*Maít*) e do mato (*Wyrafutat*), ele era especialista em *Wyrafutat*.

Todo processo que passou para ser um pajé, o pai acompanhou, sem decidir se ele podia ser pajé, ele tentou tirar o poder dele passando remédio do mato, mas não teve jeito, não conseguiu tirar o efeito dos sintomas para se tornar um pajé.

“Eu me tornei um pajé com a ajuda do meu pai no ano de 1984, depois de um longo processo rigoroso que passei em toda a minha vida”, diz Tujarajup

Há um jeito de tratar a pessoa para não ser pajé, no início. Primeiro tem esse processo, o sinal da pessoa ficar doente, ela pode se tratar passando remédio do mato. O pajé pode tentar tratá-la passando ervas medicinais chamadas *Mamae wewe'emã*, *Kaãkasing*, *Wyraperyj* e outras. Isso quando a pessoa sente sintomas de ser um pajé.

O pajé Tujarajup afirmou que leva um longo período, leva anos para se tornar um pajé.

Ele levou anos para o pai e sua família decidirem que ele podia ser um pajé. Vendo o sofrimento dele durante o processo, na sua formação de contato com os espíritos e vendo também, que o jeito não era de curá-lo, que ele tinha que se formar um pajé mesmo, o irmão mais velho, Arupá Kaiabi, não suportou mais ver o sofrimento do seu irmão no processo tão rigoroso que passava, decidiu e falou com seu pai Jywajta:

“Pai, não há mais jeito de curar o meu irmão, o senhor tem de torná-lo um pajé, fazer ele conhecer o mundo dos espíritos, ter contato direto com os espíritos, isso que está faltando”. Então a família decidiu que o Tujarajup passasse a conhecer a vida de um pajé, como aconteceu com seu pai Jywajta.

Para fazer isso a pessoa entra em um outro processo, não somente tem contato com os espíritos, mas sente tontura, desmaios e precisa ter acompanhamento do pajé. Acompanhamento de quem tem a



experiência em tornar a pessoa um pajé, real que se tornaram pajés participam contribuindo pajé e ensinam as boas maneiras de tratar to

Na festa, toda comunidade de uma alde que precisam para realizar a festa do pajé, pa a pessoa começa a conhecer melhor o outro espírito.

Durante a festa o espírito começa a fala é o mundo de cada um deles e a pessoa pas da festa, a pessoa que se torna pajé nunca m deverá seguir as normas dos pajés, ser coraj trabalho.

Ele começa a conhecer os espíritos d céu (*Mait*), conhecendo saberá conversar cor transformam em pessoas.

Para as pessoas que não pajés, são apenas bichos comuns, mas para os pajés não são, eles se transformam em gente e falam a língua dele.

“Na primeira fase foi difícil conviver com os espíritos dia a dia ao meu lado, foi horrível e doloroso me tornar um pajé, sofri bastante, passei por momentos difíceis”.

A partir do momento que a pessoa trabalha no processo para se tornar um pajé, ela vai pegando a prática de como tratar o paciente, vai conhecer não somente como conversar com os espíritos, mas também conhecer onde mora cada um desses



desenho de Tariwaki Suiá Kaiabi



espíritos. Aí então alguém (um espírito) começa a tomar conta dele, vai cuidar do pajé, pode ser um espírito do rio, do mato ou do céu.

Na discussão entre esses espíritos, eles escolhem quais deles irão ficar com o pajé. Esses espíritos o levarão para conhecer outros espíritos.

O pajé Tujarajup afirmou que nem todos os espíritos são bons. Aqueles que foram escolhidos para ficar com o pajé geralmente são bons e levam para visitar e conhecer como é o mundo de outros espíritos, dos espíritos bons e ruins.

A partir daí, os espíritos começam a ensinar e passar a prática de tratamento para o paciente, de como é que deve fazer e como pegar, tirar uma doença (*Mamaé wewe*) que às vezes entra no corpo de um paciente, também de como tirar isso de uma pessoa e como deve medicar o paciente.

Os pajés também têm conhecimento de várias ervas medicinais que são indicadas pelos espíritos para tratamento de um paciente. Todas as ervas são utilizadas pelos pajés. Através dos espíritos que convive no dia a dia com o pajé, mostram e ensinam como se utilizam às ervas para cada doença que a pessoa às vezes tem.



Para um pajé usar uma erva em algum paciente, primeiro deve sonhar com os espíritos donos das ervas. No sonho o pajé chama seus parceiros espíritos e vão buscar a autorização dos donos das ervas que precisam para o seu trabalho. Para isto o pajé tem de saber falar a língua dele, para poder conversar, convencer o espírito a autorizar o uso da erva. Depois que recebeu sua autorização, no dia seguinte, irá procurar a erva no mato.

Só assim pode usar as ervas. Sem autorização dos donos das ervas o pajé não pode utilizar no tratamento de uma pessoa, pode

prejudicar ainda mais a saúde da pessoa. Se a erva utilizada não der resultado, os espíritos pedem para o pajé trocar por uma outra erva, porque são várias ervas utilizadas (*Wyraperyj*, *Kaá'kãsing*, *Kaá'enupyã*, *Kurekurejemua*, *Panakukãngemu*, *Mamaé wewe'emã* e outras) ou às vezes os espíritos pedem para misturar duas ervas para o tratamento de alguma pessoa. Todas essas raízes têm seu dono (espírito) para cuidarem delas.

O pajé quando vai fazer um trabalho de pajelança, tem que ter seus próprios objetos para serem utilizados nesse trabalho, para desafiar um inimigo e salvar uma vida humana. É fundamental ter os seguintes objetos: apito feito de osso de aves (*Ja'wakãng*), peneira (*Yrupem eauu*), abanador (*Tapekwap*), fumo (*Pytem*), esses são objetos específicos para um trabalho de pajé.

Um dos pajés afirmou que o apito é um dos objetos mais importantes e sagrados para o pajé chamar os espíritos quando precisar de sua ajuda para tratar um paciente.

*Ja'wakãng* e *Pytem* juntos provocam uma estranha sensação, mudando o comportamento do pajé, uma reação muito agressiva, começa a ver uma escuridão batendo vagorosamente no seu rosto, deixando o corpo todo adormecido e através da escuridão o pajé começa a ter visões sobre os espíritos ruins que acabam tornando-o agressivo, perdendo a noção das coisas e pessoas ao seu redor.

Grita por causa de uma estranha queimadura que sente no corpo e na cabeça, que vem de uma doença, algo ruim provocado no paciente por um espírito mau. A partir daí, o pajé começa a fazer movimento em volta do paciente e vai falando sobre a visão que tem, sobre um espírito de qualquer animal que estiver fazendo mal a pessoa. Daí então, a família usa certos diálogos para convencer o pajé e os espíritos para curar o paciente.

Por isso a população Kaiabi às vezes depende muito do trabalho de pajé e dá muito valor a eles. Os pajés são considerados pessoas sagradas e são muito procurados na sua comunidade, mesmo que um pajé more longe, em um local distante, seja uma pessoa de uma outra comunidade ou aldeia, os parentes vão em busca dos pajés para fazerem o trabalho de pajelança.

Essas são as responsabilidades que muitas vezes o pajé tem com seu povo.

*Tariwaki Suiá Kaiabi*

## Seres vivos e não-vivos

Na ciência do povo Kamaiurá existe uma coisa que não é ser vivo, que é o esqueleto. O povo considera que não é ser vivo, porque quando morre não vai reproduzir mais, ele desaparece. Não consideramos como ser vivo uma coisa que não vai renascer.

Os seres vivos são as árvores, as plantas, o vento, os peixes, os animais, aves, o barro, a pedra, o rio, a terra, gente, o sol, a lua, a nuvem, o céu, o capim. Todos os seres vivos têm os seus espíritos diferentes.

*Wary Kamaiurá*

### O sagrado para a sociedade Kamaiurá

Para o povo Kamaiurá existem muitas maneiras de dar nome ao sagrado, por exemplo, em nossa sociedade não falamos com o sogro. Se falarmos com o sogro e a sogra, automaticamente estaremos desrespeitando a religião Kamaiurá. Isto é, estaremos criando um impacto para aquela família, pois nunca devemos dirigir a palavra ao sogro ou à sogra.

Os lugares onde os antepassados viviam também são sagrados, as florestas e os rios. As festas como *Yamurikuma* e *Jakui* também são sagradas. Não é permitido que mulheres e crianças vejam a festa *Jakui*. Se as crianças participarem da festa deixarão de crescer. Somente os velhos podem participar e utilizar a *Jakui*, uma flauta sagrada. Se as mulheres virem esta flauta os homens podem forçá-las ao sexo.

O trabalho do pajé também é muito sagrado para o povo Kamaiurá. Quando o pajé está trabalhando, se comunicando com o mundo dos espíritos, não podemos nos aproximar, temos que respeitar a área onde está sendo realizado o trabalho. Mulheres e crianças não podem participar desse trabalho.

*Arautará, Matariwa, Aisanain e Wary Kamaiurá*

### Princípios éticos da sociedade Kamaiurá

Quando completamos a fase dos 14 anos, o nosso pai rigorosamente tem obrigação de colocar o filho na reclusão. Durante a convivência no cotidiano entre pai e filho, o pai ensina ao filho os princípios éticos de nossa sociedade.

Primeiro o pai ensina ao filho todas as músicas das flautas *Uruá*. O segundo passo é o pai ensinar ao filho como ele deve se comportar durante o processo de sua vida em reclusão, dentro de um quarto

fechado, para quando ele sair da reclusão ele respeitar o valor dos ensinamentos, ele crescer e se tornar homem, o pai vai passar todos os conhecimentos sobre a natureza e o que existe nela, respeitar os peixes que comemos e não os matamos e seus espíritos, respeitar os animais e também as mandiocas, porque é por isso que temos que passar pelo processo da reclusão, para ter conhecimentos fundamentais para a identidade e aprendizado dos valores éticos.

Outro valor ético muito importante em nossa sociedade é a orientação de como ajudar uns aos outros, dar comida a alguém da família que está com fome, não ter preconceito. Com esses valores nosso povo fica mais unido.

*Arautará, Matariwa, Aisanain e Wary Kamaiurá*



desenho de Maiua Ikpeng

## Ensino dos pajés

Na visão do pajé cada parte da natureza tem seu dono que chamamos de espírito.

Quando o pajé fuma seu charuto para entrar em contato com os espíritos, imediatamente ele verá os espíritos em volta de cada coisa que pertence àqueles espíritos.

O pajé então recomenda para todos tomarem muito cuidado quando tocarem nos seres vivos da natureza. Um exemplo de ser espiritual é o dono dos macacos, um espírito que anda junto com seu povo macaco. Quando entramos na mata para caçar, temos que tomar muito cuidado para não encontrar o grupo de macacos que tem o seu dono. Se você matar um dos seus filhotes, ele não descansará enquanto não fizer mal a você. Se você matar o espírito macaco o perseguirá durante o tempo todo de sua vida. Se um dia ele conseguir lhe fazer muito mal, você poderá ficar doente por causa do espírito dele.

Se o pajé não fizer logo o seu trabalho, o espírito do macaco o perseguirá e o carregará para dentro da mata e transformá-lo num macaco.

*Arautará Kamaiurá*

## O espírito *Mama'P* que protege as matas

No meio dos campos com capim grande existem árvores...





espíritos da mata. Estas árvores são grandes e ocas. Dentro do oco dessas árvores moram os espíritos que chamamos *Mama'P*, na língua Kamaiurá.

*Mama'P* é invisível, não podemos vê-lo e ele não aparece para qualquer pessoa. Ele aparece para determinadas pessoas que são pajés.

*Mama'P* está sempre presente no campo, na mata, no rio, até mesmo junto com você. Onde quer que você vá, ele estará perto de você. Ele não faz mal a qualquer pessoa, mas ele pode deixar uma pessoa doente.

Quando andamos nos lugares não percebemos a presença dele. Você não o vê, mas o espírito está ali, olhando para você. *Mama'P* é um espírito que anda em qualquer lugar da terra. Ele é o guardião de cada coisa que existe na terra.

Por isso o homem não pode destruir certas coisas da mata, o *Mama'P* pode achar ruim e fazer com que a pessoa fique doente por ter causado a destruição do lugar onde ele vive.

Por isso na sociedade de cada povo existe o respeito pelos lugares sagrados. Temos que ter respeito por tudo que existe na terra.

*Arautará Kamaiurá*

## **Ajãngu**

*Ajãngu* é um bicho invisível, dono do córrego, do buritizal. Ele gosta de lugares alagados. Ele é preto, tem orelhão, cabeção, é meio magro e se alimenta de frutas e caça. Mora no oco de uma árvore. Ele sempre carrega sua arma que é uma borduna preta.

Ele é um espírito um pouco perigoso. Quando uma pessoa vai pegar fruta onde ele sempre aparece, ele fica bravo e deixa a pessoa doente ou ele faz a pessoa virar pajé. A doença desse bicho ninguém descobre, nem médico, nem raizeiro, só o pajé é que pode descobrir.

Dizem que antes de uma pessoa morrer ele pode aparecer avisando que vai acontecer alguma coisa

com a pessoa, só assim se pode vê-lo. Ele ainda existe no Alto Xingu, ele é um espírito do mato.

O povo Kamaiurá sempre conta histórias desse espírito. Uma vez dois amigos resolveram sair para pescar longe da aldeia, saíram de canoa até o outro lado, caminharam pelo mato até saírem no campo, na lagoa onde sempre costumavam pescar. Lá pegaram bastante peixe. Na volta, o *Ajãngu* veio atrás deles gritando. Os dois falaram:

– Amigo, o espírito *Ajãngu* está vindo atrás de nós, vamos esperar para olharmos para ele?

– Está bem amigo, arrume seu arco para nós nos defendermos dele.

Enquanto isso o bicho veio se aproximando deles, quando chegou perto, um deles se escondeu no matinho do campo e o outro correu para enganá-lo no caminho. Quando o bicho correu atrás do rapaz, aquele que se escondeu começou a jogar flecha nele, mas não conseguiu acertar, o bicho virou rápido e pegou a flecha do homem.

Esse bicho é rápido, quando ele se cansou, arrastaram-no até que ele caiu no chão. Os dois se aproximaram, pesquisaram como ele era. O bicho morreu, menos o olho, que ainda estava vivo. Depois o arrastaram para um local um pouco longe do caminho e lá o deixaram. Os dois seguiram a viagem deles. O rapaz que matou o bicho chegou na aldeia passando mal, com febre, tremendo e vomitando. No mesmo dia a mãe do rapaz foi chamar o pajé para descobrir a doença dele. O pajé fumou cigarros até desmaiar e quando acordou de novo perguntou para o rapaz:

– Você matou *Ajãngu*? Ele que jogou cheiro em você, por isso que você chegou passando mal em casa.

– Sim, eu matei.

– Em que lugar você matou?

– Lá na estrada do campo.

– Está bem, hoje mesmo eu vou tirar remédio para você vomitar, para tirar de você o cheiro do bicho.

Na mesma hora a notícia se espalhou dentro da comunidade. De noite mesmo, todos os pajés compareceram na casa dele. Ele foi para fora e os pajés perguntaram se ele tinha matado mesmo o *Ajãngu*, ele disse que sim.

Combinaram dele levar os pajés para mostrar onde estava o bicho. No dia seguinte cedo, por volta das

cinco e meia, chamaram o rapaz para irem ao local onde o bicho estava morto. Chegaram no local e todos os pajés ficaram contentes:

– Nossa, que coisa boa, agora encontramos! Usando esse bicho nós vamos andar por aí e ninguém vai nos ver, porque esse bicho é invisível.

Começaram cortar os ossos da orelhinha para colocar no brinco para ficarem invisíveis. Essas pessoas foram lá por isso, porque queriam o poder de ficar invisível. Aproveitaram todo o bicho: couro, olho, ossos, tripa, bosta e a borduna que ele tinha. O pajé também descobriu que o *Ajãngu* tem vários tipos de músicas. Atualmente o povo Kamaiurá está usando as músicas durante a festa *Tawarawanã*. Elas são boas para brincar na festa, não é bom exagerar na música, na brincadeira e dança dele, se não ele fica bravo e faz mal para a pessoa. A música dele fala sobre o lugar onde ele mora: *Myrytsitywa jara orokoo Myrytsitywa jara orokoo u u.*

*Aisanaim Páltu Kamaiura*

## Espírito da sucuri

Na nossa ciência indígena tudo que existe tem vida, como a borboleta, as abelhas, os pássaros, a queda d'água, o fogo, a música, os mitos, os espíritos do matão, a flauta, as festas, as pedras, o barro, a areia.



A sucuri é um ser vivo que tem longa vida. Dizem na ciência dos povos indígenas, que a sucuri troca de pele a cada vinte anos. Ela tem um espírito que ajuda o jovem a realizar o sonho de se tornar campeão da luta ou líder da sua comunidade. Para nós, o espírito da sucuri não morre, o espírito dela está sempre vivo.

Existe até hoje no meu povo o ato de um jovem pegar a sucuri para cortar o rabo dela, perto do umbigo e depois soltá-la para dentro da água. Conforme a sucuri sobreviver, o rapaz viverá também, mais do que isso, o rapaz irá cumprir rigorosamente as regras e ficar na reclusão por um tempo determinado.

Se a sucuri morrer, o rapaz também morrerá junto com ela. Assim o espírito da sucuri vai embora em paz levando junto com ela a alma do rapaz.

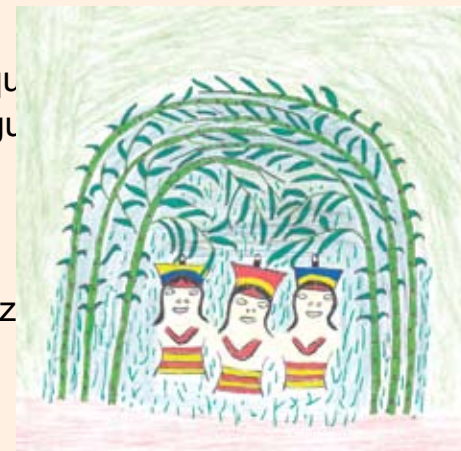
*(Arautará Kamaiurá)*

## A sucuri

A sucuri é uma cobra, um ser vivo que vive no rio. Ela é dona de qualquer tipo de rio como os córregos, lagoas e igarapés. A sucuri é um espírito da água. Quando as pessoas matam uma sucuri, o lugar onde ela se esconde fica totalmente seco. A sucuri tem um espírito que carrega a água junto com ele, esse espírito tem o poder de manter a água.

Quando a pessoa tem filho pequeno não pode matar a sucuri, se ela fizer isso, o espírito da sucuri pode matar a criança.

(*Waunahã Kamaiurá*)



desenho de Tarinu Juruna

## Povo Yudjá

### Princípios éticos da sociedade Yudja

Os principais valores éticos da sociedade Yudja são ensinados desta maneira: o pai ensina o filho quando é pequeno a pescar, caçar e a receber visitas que chegam à aldeia, principalmente os mais velhos. Com os mais velhos, principalmente, temos que falar de maneira respeitosa. Os pais oferecem comida para as pessoas que chegam de outra aldeia e também para a aldeia. O pai ensina o filho a fazer canoa, remo, roça, arco, flecha, peneira, a casa. Ensina o filho a respeitar os parentes, como o sogro, a sogra, o cunhado, a trabalhar para o sogro e a sogra, a oferecer peixe para eles. É ensinado também o respeito à natureza quando se vai matar peixe, aves, bichos. Devemos matar somente para comer, senão pode acontecer uma desgraça com as pessoas. A mãe ensina a filha a preparar comida, tecer a rede, fiar o algodão, fazer mingau e beiju.

Na sociedade Yudja tem coisas que são sagradas como lugares, objetos, ervas medicinais, o manto do pajé, a flauta (*duru*), a árvore (*huririku*), o lugar *Txãrina isamɿ*, onde o galo canta dentro da pedra e também o local do outro



desenho de Takon Piyu Tromai Kaiabi



lado do rio, onde existe flauta (tftt).

*Yabaiwa, Yapariwa, Tarinu e Adjiha Yudja*

## **Epanana ou Olandi**

*Epanana* é um recurso natural. É uma árvore que nasce na mata que alaga. Utilizamos *epanana* para fazer canoa. Essa árvore nasce brotando da fruta. Ela é plantada por bichos como o macaco. Ela é cuidada pelos espíritos que são donos dela. Ela tem seu dono que a gente não vê, somente os pajés têm contato com esses espíritos que são donos das matas.

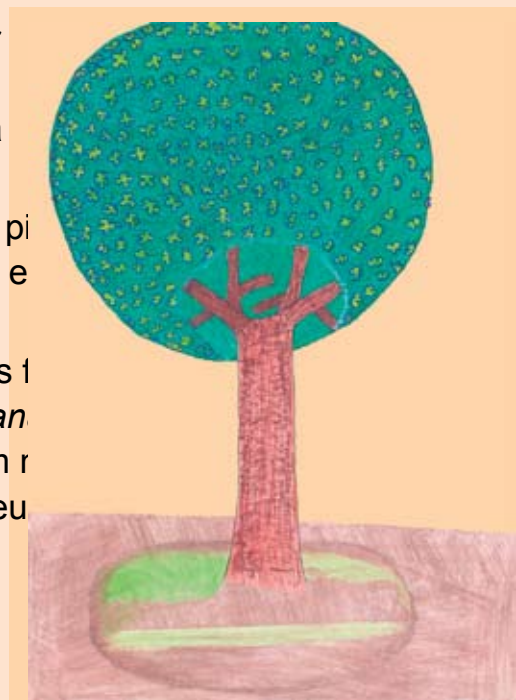
Essa árvore se encontra mais nos lugares que alagam. Algumas dessas árvores ficam mais longe do rio e, às vezes, as encontramos mais próximas do rio. Se a aldeia fica do outro lado do rio usamos uma canoa para atravessar para chegar no lugar onde está essa árvore. Mas quando é mais próxima da aldeia caminhamos a pé para ir até o local.

Nós fazemos a canoa com o tronco desse recurso. Não podemos cortar à toa, porque é meio difícil de encontrar uma árvore grossa. Usamos esse recurso também para fazer pilão, banco e a resina dela usamos para grudar a ponta de flecha. Tudo isso é aproveitado desse recurso.

O jeito de usar esse recurso natural não mudou, nunca se fez canoa ou pi confecção do banco mudou um pouco, porque hoje em dia o povo faz bancos e como anta, caititu, tatu. Por isso houve mudança na forma do banco.

Nós não podemos derrubar *epanana* à toa, somente quando precisamos f momento, aproveitamos para pegar a resina. Não derrubamos a árvore *epanana* banco, aproveitamos fazer o banco quando a pessoa faz uma canoa. Também r para colher a resina. Por isso, esse recurso natural não é muito tirado pelo meu extinção.

*Yapariwa Yudja Kaiabi*



## Huririku

O *huririku* é uma árvore sagrada para a sociedade Yudja. Um rapaz encontrou o pé de *huririku* e viu muitas cabeças de seres vivos em volta. Sob a árvore estava bem limpo, porém o rapaz não conseguiu chegar ao pé dela.

Ele desmaiou, não conseguiu chegar perto. Durante o desmaio ele viu algumas rezas, festas e instrumentos como o chocalho, que nunca tinha visto na vida dele. Quando acordou, já não era mais aquele mundo que avistou no sonho.

Ele voltou para sua aldeia, porém não contou seu segredo para os outros. Só de vez em quando o rapaz ia visitar a árvore. Levou pouco tempo para descobrir o segredo. Esse rapaz continua vivo e a árvore também, até hoje.

Respeitamos esta árvore, por isso não chamamos seu nome. É proibido brincar quando o velho está contando sua história, porque ela tem espírito muito forte, faz mal para a pessoa que não respeita.

Ninguém se aproxima desta árvore. Por isso, nós Yudja respeitamos muito esta árvore, porque ela é uma árvore sagrada.

Usamos a raiz desta árvore quando queremos ser pajé. Antigamente um jovem Yudja se transformou num grande pajé usando a raiz e a casca desta árvore. Por isso respeitamos e acreditamos muito no espírito desta árvore. Nós, Yudja não desrespeitamos esta árvore porque ela pode nos fazer mal.

Quando utilizamos a raiz desta árvore não podemos ter relação com mulher, nem brincar. O espírito da árvore vai estar sempre acompanhando a pessoa que está tomando a raiz. Se a pessoa desrespeitar o espírito pode adoecer até morrer. Também não é permitido utilizar a raiz desta árvore quando a pessoa tem criança pequena porque faz mal para ela.

*Karin e Yabaiwa Juruna*

## Espírito do tracajá

Eu vou contar sobre o respeito que nós Yudja temos com o tracajá.

As pessoas que não acreditavam nas leis da sociedade Yudja já sofreram e algumas morreram por

causa do dono do tracajá, que chamamos de *Kaana*.

Não é bom alguém brincar, desrespeitar ou rir do tracajá, porque o *Kaana* pode não gostar e fazer uma desgraça acontecer com essas pessoas. Por isso não é bom que as pessoas façam algo errado para o dono dele. Porque se alguém fizer isso pode correr o risco de adoecer de repente e morrer, quando não tiver um pajé por

perto. Somente o pajé pode salvar essa pessoa, mas às vezes ela pode morrer mesmo que tenha o curador, porque os espíritos que estão no corpo da pessoa são mais fortes do que o pajé. Isso pode acontecer com qualquer pessoa, pode ser menino, rapaz, adulto, mulher ou homem.

Mas quando as pessoas comem tracajá com muito respeito, não acontece nada. As pessoas que já passaram mal depois de comer tracajá, nunca mais podem comer, porque os espíritos que fizeram mal a ela podem voltar e acontecer a mesma coisa.

*Yapariwa Yudja*

### Barro é um recurso natural usado pelo povo Yudja

O barro fica no barranco alto. Ele tem dono. Para tirarmos um barro bom tem que ter cuidado, senão o dono do barro faz a gente ficar doente.

A mulher menstruada não pode tirar o barro bom, porque ela pode estragar o barro. Quando a mulher está menstruada ela não faz panela de barro. Se ela fizer panela, depois que ela queimar, a panela vai estourar.

O local onde tiramos o barro é longe, fica a dez quilômetros da aldeia.

Nós Yudja continuamos a tirar o barro e a fazer cerâmica do mesmo jeito de antes, com cuidado para não acontecer alguma coisa. Esse recurso ainda existe em quantidade.

*Tarinu Yudja*

## Povo Trumai

### Princípios éticos da sociedade Trumai

Os principais valores éticos da minha sociedade estão relacionados com a cultura trumai.

desenho de Takap Pi'yu Trumai Kaiabi



respeitar os mais velhos, não chamar os nomes da sogra, do sogro e do cunhado. A pessoa deve pescar para a família, ouvir o conselho dos mais velhos, obedecer o irmão mais velho, não chamar o nome do morto por alguns anos, tomar banho de madrugada ou de manhã, compartilhar os peixes com a comunidade, presentear o sogro e a sogra através da esposa e dos filhos, dar comida para os visitantes, não comer certos alimentos após o nascimento de seu filho, comer somente caças como jacu ou pombo. Entender a cultura de outro povo, como o termo usado na língua: *datipi*, *wan dat'ipi*, *kawan dat'ipi*. Estas palavras estão relacionadas a costume, cultura, língua, para entender a própria cultura e outras culturas. O território tradicional, onde estão localizadas as antigas aldeias Trumai e onde viveram nossos antepassados, é sagrado para nossa sociedade. Lá existem frutas comestíveis, ervas medicinais, caça e peixes para nos alimentar. Sabemos que tudo pertence ao seu dono e devemos respeitar para usufruir tudo que existe no território.

*Takaṗ Pi'yú Trumai e Tawalu Trumai*

### **Anirkik – Mulher da Mata**

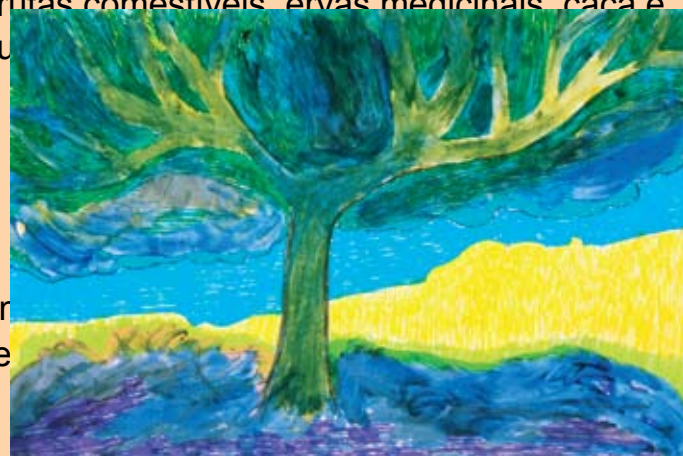
Nós a chamamos de *Anirkik*, ela é a dona da valeta. Quando vamos caminhando pela valeta até a beira do rio. Toda tarde, quando estamos na valeta.

Às quatro horas da manhã é hora de ela ir na beira do rio.

*Anirkik* só vive no mato, mora no buraco. *Anirkik* é muito perigosa para os homens, porque ela gosta de homens. Quando o homem vai sozinho no mato e também quando ele sente saudade da namorada ou da mulher dele durante uma caminhada no mato, acontece isso. *Anirkik* cheira de longe o cheiro do homem, ela sabe quando sente o cheiro do homem. Quando o homem escuta o grito de *Anirkik* começa a correr antes dela se aproximar dele.

*Anirkik* gosta de transar com homens, só que os homens não gostam porque ela tem cheiro de gambá. O homem com quem ela transar por causa do cheiro de gambá.

Para o homem se livrar dela, ele pode fazer rodilha de mulher e colocar a rodilha que ele fez. Ele deve deixar no meio do caminho por onde ele





local onde ele deixou a rodilha, ela pensa que aquela rodilha é de uma mulher. É assim que o homem se livra dela.

*Tawalu Trumai*

### **Taxete'i**

*Taxete'i* é uma árvore que tem donos, os espíritos que se chamam *Ayanu* e *Kwahaha*. Essa árvore não pode ficar próxima da aldeia, senão o espírito pega a sua alma e você fica doente. A pessoa que tem criança pequena não pode andar no lugar onde existe essa árvore e nem a pessoa que estiver com febre. As pessoas podem ficar doentes porque o espírito dessa árvore é muito bravo.

*Wali Trumai*

### **Pïtan – Amescla**

Desta árvore que os não-índios chamam de amescla que nós



# Trabalho e produto



desenhos de Ibene Kuikuro

## ATIVIDADES

- Conte oralmente para a classe o que este desenho mostra.
- Escreva um texto sobre este desenho.

O **produto** é o material que já foi trabalhado por alguma pessoa. Antes de uma pessoa trabalhar algum material, ele não é produto, ele é chamado de recurso natural.

*Matari Kaiabi*

O produto é conseguido através da transformação que o ser humano faz em algum recurso natural. O homem ou a mulher pega algum recurso da natureza e transforma o recurso natural em alimento ou em objeto de uso.

*Korotowi Ikpeng*

### O conhecimento de cada povo e a importância dos ecossistemas

Todo povo tem uma cultura própria. A cultura faz parte do conhecimento do povo. O povo adquire conhecimento a partir da sabedoria dos antepassados. Na criação do mundo, os criadores ensinaram a fazer os produtos de cada cultura. Vários produtos foram ensinados por pessoas depois da criação.

Os produtos dependem do ecossistema onde o povo vive, porque é dentro do ecossistema que existem os recursos naturais.

As pessoas precisam fazer um trabalho para transformar um recurso natural em produto. O trabalho é um esforço das pessoas para transformar o recurso natural em produto. O trabalho é feito através do conhecimento que as pessoas aprendem dentro da sua cultura.

*Professores do Parque Indígena do Xingu*



desenhos de Jemy Kaiabi



## Alguns produtos indígenas do Xingu

### A tinta do urucum

No primeiro dia colhe-se as frutas maduras, depois da colheita tira-se as sementes e deixa-se fora da casa para secar com a quentura do sol. Pode pôr no sol durante uma semana até ficar bem sequinho, durinho.

Depois disso é bom procurar a resina de uma árvore que serve para este trabalho. Existem dois tipos de resina, *yepkui* e *yemi*. Uma é grossa e outra é fina, e são usadas para o urucum ficar parecendo uma cola.

Quando for bem cedo a pessoa pode começar a peneirar, até sobrar na peneira somente as sementinhas do urucum. Depois pode colocar no fogo e mexer com uma vara curta de 70 cm. Vai mexendo, mexendo até se transformar numa cola. Então pode tirar esta massa da panela, pôr numa cuia e deixar fora para secar. Depois de secar, pode guardar no tambuquinho. Pode pintar o corpo com essa cola de urucum, misturada com os óleos de pequi, inajá e tucum, qualquer um deles. Não se deve mexer nessa cola de urucum sem os óleos, porque ela gruda nos dedos. Esta tinta é usada para pintar o corpo.

*Maiua Ikpeng*





## Produção de cerâmica

Primeiro a pessoa pega o barro e soca em um pilão, misturando também a casca de uma árvore. Essa casca é queimada, socada no pilão e peneirada. Depois é misturada com o barro. A pessoa espreme até misturar tudo.

O barro é enrolado em cima de um pedaço de tábua e aí começa a transformação, assim o barro misturado com a casca de pau vai se transformando em panela. Depois a pessoa usa uma pedra bem lisinha para alisar a panela. A panela é esquentada no fogo para a fumaça grudar nela, só depois é queimada. Quando está queimada, a panela é pintada com outro barro vermelho ou com urucum.

Para obter a tinta branca a pessoa deve pegar semente de algodão, socar um pouquinho e misturar com água.

Para fazer a tinta preta a pessoa deve tirar um líquido de uma árvore. Esse líquido é misturado com carvão para a tinta ficar preta. Assim a panela fica bem feita em forma sólida.

*Yapariwa Yudja Kaiabi*



desenhos de Yabaiwá Yudja

## Quem faz o óleo de inajá é a mulher

Primeiro a gente cozinha o coco de inajá numa panela. Quando estiver bem cozido pode tirar do fogo e começar a quebrar o coco para tirar as sementes. Depois de quebrar tudo, já está pronto para pilar.

Quem faz o óleo é a mulher, só ela pode socar as sementes para tirar o óleo de noite. O homem e as crianças não podem se aproximar da mulher que está fazendo óleo, isso pode causar diminuição na produção do óleo. Ela soca das vinte às vinte e duas horas e pode descansar. Das quatro às seis horas da manhã ela vai só esfregando com a mão de pilão e um pouco de água. Quando estiver bem esmagado e virar um tipo de mingau, já está pronto para tirar do pilão, então fica parecendo uma espuma de sabão. Coloca essa espuma numa panela e coloca em cima do fogo. Deixa ferver até secar toda a água, então está pronto.

O óleo de inajá é líquido quando está quente, quando esfria ele se transforma em sólido. Nós usamos para passar no cabelo e no corpo.

*Jowosipep Kaiabi*



## O polvilho

O polvilho é um produto que vem de um recurso natural que é a mandioca brava, plantada nas roças.

Para fazer o polvilho precisamos de esteira, cuia, raladeira, água e de pá de beiju. Todos esses produtos são feitos por nós com recursos naturais obtidos na nossa região.

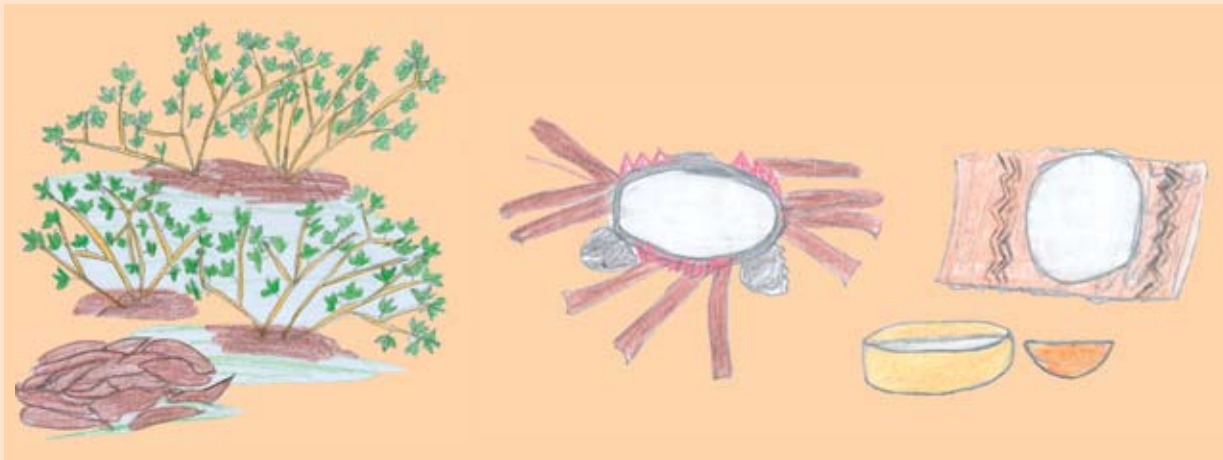
Para preparar o polvilho é muito trabalhoso. Primeiro a mulher vai até a roça e tira as mandiocas, uma a uma. Junta as mandiocas e leva para casa. Então começa a descascar, lavar e ralar todas as mandiocas. Depois espreme na esteira, lavando a massa com água. Então tem que esperar uma ou duas horas para o polvilho descer e ficar duro. Quando o polvilho estiver duro, tiramos a água e a massa do polvilho está pronta.

Esse trabalho é todo da mulher, o homem só faz a roça e planta.

Quando numa roça a mandioca está acabando, as pessoas fazem uma nova roça e plantam novamente

as ramas. A roça dura mais ou menos um ano. Antes de acabar o recurso, já se planta outra roça.

Não existe nenhum outro recurso para substituir a mandioca para fazer o produto polvilho. Nós usamos





o polvilho para fazer beiju, que comemos com peixe assado ou com algumas ca-  
O beiju sempre é repartido entre as pessoas da família ou é oferecido para as vi-

*Amairé Kaiabi Suiá*

## A peneira Kaiabi

A peneira é um produto que é produzido com os recursos: *uruyp*, *ypo* e *inimo*. O *uruyp* é encontrado somente em alguns lugares, existe em abundância na beira dos córregos, na mata alta. *Ypo* é um recurso que é tirado da mata alta para encapar a peneira e *inimo* serve para amarrar o cabo da peneira.

As pessoas vão buscar esses recursos à pé ou de canoa. Primeiro trazem o *uruyp* para casa e começam a parti-lo ao meio, depois colocam no sol para secar. Quando está seco, começa a tirar a carne de cima para ficar uma fibra fina (*iwyteru'ka*). Depois de tirar tudo, começa a trançar as fibras para virar uma peneira. Esse trabalho é feito somente pelos homens.

Na região da aldeia Kururu existe um lugar em que o *uruyp* foi muito usado. O cacique da aldeia pediu para as pessoas não mexerem no *uruyp* daquele lugar, para que o recurso aumente novamente. Como no Parque Indígena Xingu existe pouco *uruyp*, usamos quatro tipos de recursos para substituí-lo: *ywy'wa*, *panakuwa*, *pokap* e *myrysi*.



s mulheres fazem mingau, para guardar algodão, para peneirar farinha e





também é um produto vendido. Às vezes, em vez de presente, os pais dão para as filhas.

*Juporejup Kaiabi*

## A esteira

Quando a mulher vai fazer uma esteira ela precisa de fibra de buriti. Então ela pede para o homem remar até o córrego, onde existe o buriti. O homem corta o broto de buriti para a mulher e ela carrega na cabeça até a canoa. Quando retornam para a aldeia, a mulher tira a fibra, mas o tempo precisa estar ensolarado. Se o tempo não estiver bom nós não tiramos a fibra, porque ela pode ficar roxa. Colocamos a fibra no sol para secar por uns 5 minutos. Uma parte das fibras nós pintamos de urucum ou jenipapo. Se a pessoa não tiver jenipapo pode enterrar as fibras na beira do rio onde existe lama, para a fibra ficar preta, assim não precisa do jenipapo. Depois a mulher costura a fibra com fio de buriti e barbante de *parpar*, um tipo de abacaxi que tem um fio parecido com o buriti. Se a mulher não encontrar o recurso *parpar*, pode substituir por fibra de palha e fio de algodão.

As mulheres usam a esteira para coar a mandioca para fazer polvilho, para guardar beiju e para tampar panelas de água ou de alimentos. Costumamos trocar entre nós e também vendemos para os não-índios.

*Ariakumalu Trumai*



no moitará ou as pessoas

## Xaa – Cabaça

Xaa é um recurso que plantamos na roça e levamos para a aldeia. São elas que plantam e usamos faca ou serrote. Antigamente o povo Yudja usava as conchas das praias para partir a cabaça. Depois de partida, a cabaça é levada para o rio até ficar mole. A mulher tira a carne e a casca com uma colher ou uma concha, depois deixa de três a seis dias no sol. Quando a cabaça fica seca a mulher arruma o beijo da cuia com faca e lixa. Depois prepara a tinta para pintar a cuia usando uma casca de árvore, carvão e urucum. Antes de pintar a mulher queima um pouco a cuia por dentro, depois pinta.

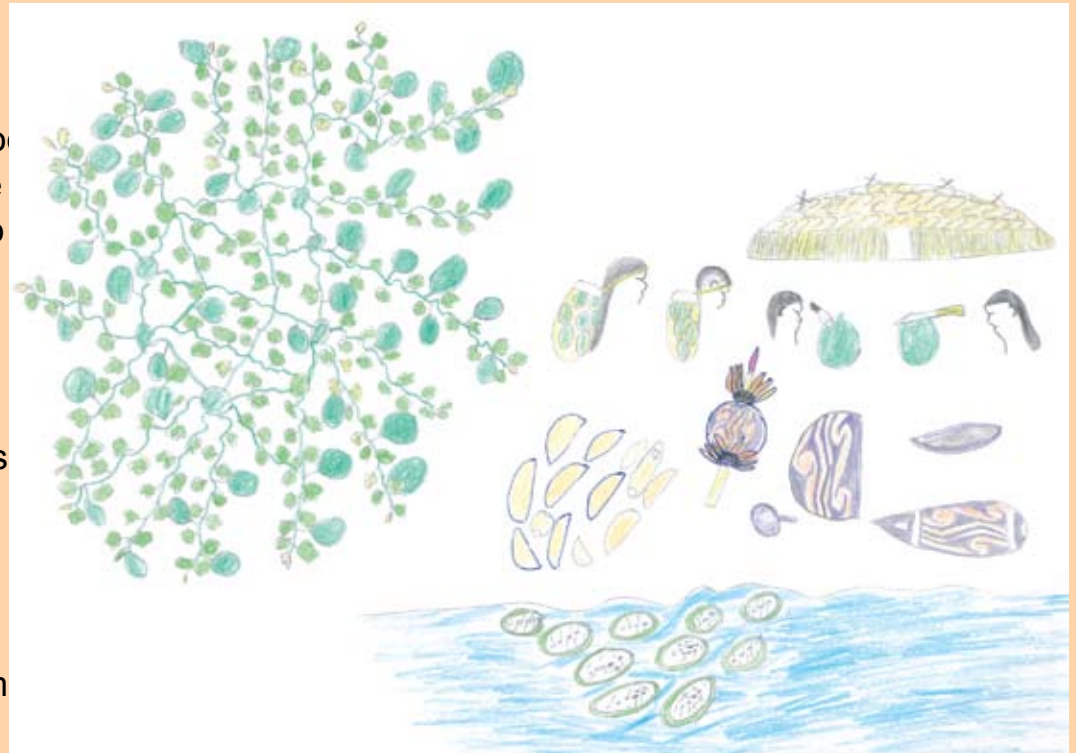
Nós Yudja temos esse recurso em abundância, mas ele também pode ser substituído pela cabaça do mato, que chamamos *kuruy%*. Nós usamos, trocamos e vendemos as cuias.

*Mahurimã Yudja*

## Flecha

A flecha é feita com um recurso chamado taquari, que encontramos em locais longe da aldeia. Para chegar até o lugar do taquari precisamos de canoa, ou motor e barco. A viagem pode durar de três a cinco dias.

Quando chegamos na aldeia endireitamos o taquari no fogo e deixamos no sol para secar. Necessitamos ainda de outros recursos naturais, como o pauzinho para fazer a ponta da flecha, *imbé* para





amarrar, matamos macaco para pegar o osso para por na ponta da flecha, de barbante para amarrar e da cera para passar na flecha ou no barbante. Matamos ave para tirar a pena para empenar a flecha. Esses recursos naturais ficam em região de várzea e terra firme. Os outros recursos ficam perto da aldeia.

O homem faz a flecha e a mulher fia o barbante para ele amarrar.

No local onde pegamos taquari existem plantas adultas e outras em processo de regeneração. Nós substituímos o taquari pela cana brava quando ela está em falta ou diminuindo. Esse produto é muito usado pelos homens para pescar, nós trocamos, damos de presente para os parentes e vendemos para os não índios.

*Maware Juruna*

### **Tigoktem – Guarantã**

Nós usamos o recurso *tigoktem* para fazer arco, cabo de machado, foice e remo. Ele fica na mata alta e é muito usado pelo meu povo. Nós não costumamos derrubar o pé dessa árvore, tiramos somente um pedaço dela. Nós buscamos o recurso no mato e trazemos para a aldeia. No dia seguinte começamos a transformação do recurso em produto. Primeiro tiramos os pedaços até ficar fino, lixamos para alisar. Depois colocamos no fogo para aquecer o arco, para ele ficar duro e resistente. Depois





tiramos uma embira que chamamos *pyengi*, colocamos no sol para secar. Depois de seca colocamos no arco, passamos também urucum no arco. Esse trabalho é feito somente pelo homem, se a mulher fizer pode acontecer alguma coisa ruim para ela.

Da aldeia *Moygu* até o local desse recurso são quatro horas caminhando pelo mato. Esse recurso existe em abundância, tem árvores grandes e outras crescendo. Para fazer remo não temos outro recurso substituto. Para fazer arco podemos também usar *roromi*.

Usamos o arco para matar peixe e caçar. Vendemos ou trocamos com os não-índios por roupa, anzol e linha, trocamos e damos de presente para amigos e parentes. Na verdade nós mais usamos esse produto do que vendemos.

*Pomekempo Ikpeng*

## **Morom**

*Morom* é um produto que usamos para fazer vários tipos de artesanato, como borduna emplumada, peneiras e muitos outros produtos, ele é uma espécie de látex de um ecossistema chamado de brejo ou pântano, que é bastante úmido.

Para tirar o recurso a pessoa precisa seguir as regras: quem vai pedir tem que fazer um mingau antes de sair caminhando, para ir com mais segurança. Quando chegar na árvore, precisa pedir com carinho e amor para o dono espiritual da árvore, precisa pedir com consideração, o dono espiritual pode lhe fazer mal. Não podemos mexer nesse recurso quando temos filho pequeno, pode fazer mal para a criança.

Após o pedido, já pode derrubar na posição certa. Se a árvore cair bonita, já pode arranhá-la com dente de caititu e precisa cobrir o cesto com folhas grandes embaixo, para colher o látex. Então a pessoa pode levar para casa e precisa cozinhar.





o látex por algumas horas. Quem faz esse trabalho são os homens.

O local do *morom* fica longe da aldeia e tem poucas árvores. No local tem a família do recurso, com árvores grandes, pequenas e brotinhos.

O *morom* só pode ser substituído pela cera de abelha. O *morom* é um produto que dificilmente é vendido ou trocado, porque para nós é muito precioso.

*Mate Ikpeng*

### Cerâmica Waurá

Para fazer cerâmica a pessoa tem que ir buscar de canoa um produto que chamamos de *akukutai*, que é uma espécie de ouriço que fica nos galhos de árvores na beira do rio. O primeiro passo é juntar os galhos de árvore, colocar em cima os ouriços (*akukutai*), depois tocamos fogo e deixamos queimar. No dia seguinte a pessoa vai pegar o recurso queimado e leva para casa. Então a pessoa vai de canoa buscar o barro que fica embaixo da água, tira o barro e leva para casa. Então ele pode começar a amassar o barro e misturar com *akukutai*, até ficar um pouco duro, então o homem ou a mulher pode começar a moldar as panelas. Depois de fazer a panela precisa deixar secar no sol, raspar e lixar até ela ficar bem lisinha. Depois de lisa passamos barro vermelho. Então vamos buscar no mato casca de árvore para queimar e também uma resina de árvore, que misturamos e passamos dentro da panela para pintar, usando a fumaça para que a tinta preta não saia, quando a pessoa for usar a panela para cozinhar.

O povo Waurá faz panelas para cozinhar peixe ou fazer perereba, é usada para troca com outros



povos que não fazem cerâmica e também é vendida.

O recurso *akukutai* aparece quando o rio seca e existe em grande quantidade. Tanto o *akukutai* como o barro são recursos que possuem dono espiritual, por isso quando o homem ou a mulher tem filho novo não pode ir pegar ou mexer nesses recursos.

*Hukai Kuhupi Waurá*

## ATIVIDADES

- 1) Escreva um texto explicando como o seu povo transforma a mandioca em diversos alimentos
- 2) Faça um desenho ilustrando cada parte do processo de transformação da mandioca.

### Transformação de aguapé em sal

No tempo da seca começamos a fazer sal, aproveitando que o rio está raso.

Primeiramente buscamos o aguapé e levamos para secar. Depois de alguns dias de puxada, ele seca. Assim que fica tudo seco, queimamos. Ele vira cinza e esperamos esfriar depois colocamos no cesto (*atamayakula*). Levamos para casa e montamos um coador. Na ponta do coador colocamos um filtro para filtrar o caldo, para a sujeira da cinza não passar. Colocamos a cinza no coador, jogamos água e deixamos pingar numa panela. Na segunda vez que jogamos água já começa a pingar com pouca sujeira, sai só o caldo puro. Quando a panela do caldo enche, trocamos por outra panela. Nós só jogamos três vezes a água dentro do coador, porque na terceira vez já acaba o salgado. Retiramos a cinza usada e trocamos por cinza nova e jogamos água novamente. Essa água pura de sal que pingou na panela é colocada no tacho para ferver e esperar virar sal. Derramamos a primeira água no tacho e esperamos evaporar. Quando vemos que evaporou colocamos mais líquido novamente. Na terceira vez deixamos a água evaporar para aparecer o sal. Quando o sal já está borbulha tiramos do fogo e deixamos esfriar. Enquanto isso retiramos a cinza da fogueira. Peneiramos e fazemos um pequeno monte no chão. Ajeitamos, depois pingamos e escorremos o sal em cima desse monte, como se fosse um monte de cupim. Deixamos os montes de sal secar por alguns dias, para o líquido escorrer. Assim que estiver seco guardamos numa panela de barro.



Depois de pronto o sal, vamos buscar buriti (*pulutü*) para fazer um tipo de cesto chamado *wayulukana*, para guardar o sal. Deixamos os talos de buriti secando no sol durante um dia. De manhã bem cedo, antes do sol nascer, levamos os talos de buriti para fora da casa, para a umidade do ar molhar os talos, para eles não quebrarem na hora de fazer o cesto para guardar o sal. Quando amanhece fazemos uma armação na forma de peixe. Depois de pronto vamos buscar umas folhas para forrar o cesto, então colocamos o sal dentro dele.

## ATIVIDADES

- 1) Faça uma lista de produtos indígenas que existem na sua aldeia na língua indígena.
- 2) Preencha a tabela, como no exemplo abaixo, usando a lista que você fez.

Produtos	Recursos Naturais
Banco	Árvore (nome da árvore)
Pequi	Pequizeiro
Peixe assado	Peixe (nome do peixe)

- 3) Pesquise com os mais velhos quais produtos novos que seu povo faz hoje em dia que não eram feitos antes.
- 4) Pesquise com os mais velhos quais produtos antigos seu povo deixou de fazer.
- 5) Escreva com seus colegas e o professor as etapas de produção da tinta do urucum.
- 6) Depois façam grupos. Cada grupo vai escolher um produto e descrever as etapas de produção. Façam desenhos sobre cada etapa.
- 7) Cada grupo apresenta o seu trabalho.
- 8) Preencha a tabela:

Ecosistema	Recurso natural	Trabalho	Produto
Roça	Mandioca	Tirar, descascar, ralar, espremer, secar	Beiju
Mata Alta	Madeira	Cortar, trabalhar a madeira, lixar	Canoa
Praia algodão	Tracajá	Caçar, limpar, cortar o casco, lixar	Fuso para fiar

# Símbolos e cultura

## Todo povo tem seus símbolos e sua cultura

O símbolo é criado pelas sociedades, que também adotam e desenvolvem símbolos de outros povos. O símbolo faz parte da cultura. A cultura de uma sociedade muitas vezes adota os símbolos que outras sociedades desenvolveram. Por exemplo, o povo Kalapalo faz colar de caramujo, depois o povo Waurá adota esse colar de caramujo que o povo Kalapalo fez. Já o povo Waurá desenvolve a panela de barro, logo em seguida a sociedade Kalapalo troca essa panela de barro com o povo Waurá para usar.

*Kaman Nahukuá*

### O que é símbolo

Símbolo é um valor que define as diferenças entre as sociedades. O símbolo é criado pela sociedade. O símbolo é qualquer objeto, qualquer comportamento, qualquer relação em uma sociedade aos quais se atribui um valor ou significado. *(Professores do PIX e Carmen Junqueira)*

O símbolo é o costume que um povo vem desenvolvendo. Aqui no Xingu tem 14 etnias diferentes com seus símbolos diferentes. Cada povo tem sua cultura e religião. Por exemplo, o meu povo Ikpeng tem símbolos diferentes de outros povos. O nosso símbolo é a tatuagem no rosto que é muito forte para nos identificar, somente a nossa tribo tem essa marca no rosto.

Também utilizamos vários tipos de artesanato como borduna emplumada, cocar, flecha, máscara de guerra, flauta. Usamos também montes de brincos de conchas na forma de peixinhos nas orelhas. Nosso canto, língua, dança e músicas, tudo isso é símbolo.

*Maiua Ikpeng*



desenho de Mutuá Mehinaku Kuikuro





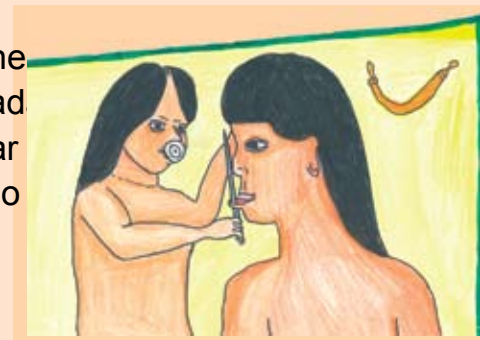
No Xingu há muitos povos indígenas. Podemos observar que acontece a mistura de culturas, um povo vai adquirindo conhecimentos novos com outros povos, principalmente através dos casamentos e também através do convívio entre diferentes povos.

Durante o curso de formação de professores temos contato com os conhecimentos de cada povo, o que podemos chamar de símbolos de cada povo. O símbolo também muda com o passar do tempo, seja nas sociedades indígenas ou não indígenas. Seja qual for o povo, o símbolo pode mudar, a não ser que um povo ou comunidade se organize para manter o jeito tradicional permanente.

*Takap Pi'yu Trumai Kaiabi*

A festa tem símbolos, a relação de casamento de um homem com duas mulheres representa um símbolo. A pintura corporal é um símbolo. Tomar banho de madrugada não poder sentar no banco (se sentar não cresce mais) é símbolo. Não poder deitar rede depois que tomar banho também é símbolo. E tem furação de orelha e furação de beixo. Tudo isso é símbolo do povo Kɿsêdjê.

*Tempty Suiá*



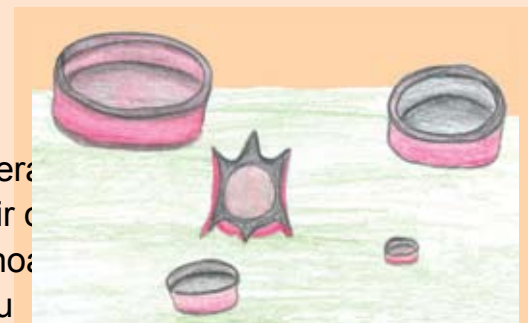
## ATIVIDADES

- 1) Desenhe um símbolo que é só de seu povo, que identifica a sua cultura.
- 2) Desenhe um símbolo que não é de seu povo, que identifica uma outra cultura.
- 3) Faça uma lista de símbolos do seu povo com os nomes na língua indígena.

## As influências culturais entre os povos

### O povo Mehinaku aprende com os outros povos

Antigamente o povo Mehinaku não sabia fazer cerâmica, quem fazia era o povo Waurá. Mas agora o meu povo já aprendeu a fazer. Eu vou transmitir o conhecimento que o povo Mehinaku aprendeu de outros povos: cerâmica é do Waurá, canoa é do Yudjá, festa do Jawari é do povo Trumai. O costume do povo Mehinaku



são as festas Tawarawanã, Jakuí, e as festas das flautas Taquara e Uruá. Nós ensinamos estas festas para outros povos.

Com os brancos nós aprendemos a escrever e falar a língua portuguesa, fazer compras, cantar canções em português, usar relógio, usar sapato. Estas são algumas influências dos não-índios na vida de nosso povo.

*Makaulaka Aweti Mehinaku*

### O que o povo Kṭsêdjê aprendeu com os outros povos

O meu povo da parte de minha mãe é Kṭsêdjê. Eles aprenderam algumas coisas através das pessoas de outros povos que foram raptadas pelo meu povo há muito tempo atrás. Os Kṭsêdjê raptaram um menino e uma menina Waurá com mais ou menos 12 ou 13 anos. Essas pessoas ensinaram o povo Kṭsêdjê a fazer cerâmica, como painéis e tachos de beiju, fazer rede com fio de buriti, cantar e dançar *Yamurikumã*, fazer beiju, mingau de beiju, fazer e usar o cinto de buriti das mulheres, ficar em reclusão como o povo Waurá. O rapaz que foi raptado ensinou os homens a dançar e cantar a festa do beija-flor, como se enfeitar na festa, usar a arranhadeira.

Outros dois irmãos da etnia Trumai foram raptados pelo povo Kṭsêdjê, eram meu avô e o irmão dele. Eles ensinaram para o povo Kṭsêdjê a festa *Jawari*. Essas quatro crianças foram raptadas quase na mesma época, eles deixaram sabedoria e riquezas para o povo Kṭsêdjê, como as músicas e as danças. Até hoje o povo Kṭsêdjê preserva esses conhecimentos.

Hoje meu povo está aprendendo muitas coisas de outros povos do PIX e também dos não-índios. Meu povo aprendeu a cantar e dançar como os Yudja, os Kaiapó e os não-índios. Hoje as pessoas sabem ler e escrever documentos para as autoridades de fora do PIX, fazer projetos, criar e gerenciar associações.

*Tariwaki Suiá Kaiabi*

### O povo Kaiabi aprende com os outros povos

Antes do meu povo ter contato com outros povos, fazia seu artesanato, pinturas corporais e atividades do dia-a-dia.

A primeira coisa que meu povo aprendeu com outro povo chamado Apiaká foram as tatuagens no rosto

e no corpo, até hoje meu povo mantém essa tradição.

Depois de ter contato com outros povos do Brasil o conhecimento de cada povo se aproximou. A farinha grossa, por exemplo, meu povo aprendeu com os seringueiros, porque antes só fazíamos farinha fina (*u'iete*).

Hoje no Parque Indígena Xingu estamos reunidos em 14 etnias. Fazer desenho na rede nosso povo aprendeu com os Yudja e aprendemos a fazer o polvilho com os povos Karib.

Aprendemos com os não-índios a fazer documentos para autoridades, usar o dinheiro, saber andar na cidade, saber ensinar na sala de aula, tratar dos pacientes e outras coisas.

Durante o 19º curso de formação de professores aprendemos com a liderança Davi Yanomami a experiência de lutar pelos direitos do povo dele e por outros povos indígenas do Brasil.

*Pikuruk Kaiabi*

## O que o povo Kamaiurá aprendeu com outros povos

Meu povo Kamaiurá aprendeu com outros povos várias festas: aprendeu a dançar Taquara com os Kalapalo, que também aprenderam essa festa com os Bakairi. A festa *Jawari* aprendeu com os Trumai e a música do *Maurawa* com o povo Suiá.

O povo Kamaiurá não sabe fazer colar de caramujo e nem cerâmica. Sabe fazer flecha, arco preto e *tukanap*, um cocar que é feito com penas de tucano. Até hoje o povo Kamaiurá troca panelas e colares com outros povos do Alto Xingu, que são especialistas na confecção desses produtos.

Hoje em dia a influência mais freqüente que vivemos vem dos não-índios, pois usamos produtos da cidade, como roupas, alimentos, aparelhos de som e também temos escolas. O povo Kamaiurá aprendeu com os brancos a plantar mudas de fruta como manga, laranja, melancia e coco da Bahia.

*Waunahã Kamaiurá*

Os brancos aprenderam com os índios alguns passos de danças, fumar tabaco, fazer cerâmica, confeccionar rede, fazer alguns pratos da culinária indígena como o



desenho de Arautará Kamaiurá

beiju, o mingau, o *motap* ou pirão de mandioca. Aprenderam a cultivar o milho e a mandioca, usar o guaraná, tomar banhos frequentemente, utilizar muitos remédios do mato, tocar flautas e chocalhos. Muitas palavras das línguas indígenas passaram a fazer parte da língua portuguesa, principalmente das línguas do tronco tupi.

Existem panelas, panelões e tachos de fazer beiju feitos de barro, de origem Waurá. Usamos esses objetos por necessidade própria.

Na alimentação usamos sal de aguapé feito pelos Aweti e Mehinaku.

Na dança e festa temos *Takwara* que os povos do Alto Xingu aprenderam com Bakairi. Essa dança se expandiu de aldeia em aldeia até chegar no povo Kamaiurá. Hoje nessa festa tocamos músicas de origem Yudjá.

A famosa festa *Jawari* que é celebrada pelos povos indígenas do Alto Xingu, de ano em ano, é de origem Trumai. Essa festa é celebrada para tirar tristeza ou luto e queimar objetos que eram do parente morto, por exemplo, arco ou lança para flecha.

A influência mais freqüente que vivemos atualmente é da cidade. Hoje usamos várias coisas da cidade: máquinas, alimentos, roupas, medicamentos, temos escolas e unidade básica de saúde, jogamos futebol, ouvimos música e muitas coisas. Tenho uma observação para colocar a respeito disso: tem algumas coisas que são importantes entre estas que citei, outras não. É bom lembrar que é bom aprender a usar as coisas mais importantes da cidade e é preciso tomar muito cuidado com as outras coisas que não prestam.

*Kanawayuri Kamaiurá*

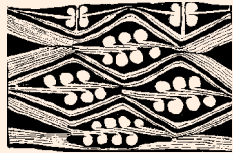
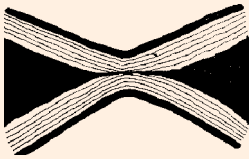
## ATIVIDADES

- 1) Releia o último parágrafo do texto do Kanawayuri e escreva o que você entendeu.
- 2) Dê exemplos de influências da cidade que acontecem na sua aldeia.
- 3) Como estas influências estão mudando os costumes tradicionais do seu povo?
- 4) Converse com o professor e seus colegas sobre as influências da cidade na sua aldeia. Monte na lousa um quadro com o seu professor e os outros alunos, seguindo o exemplo abaixo:

Influência da cidade	Aspectos positivos	Aspectos negativos
Televisão		



Símbolo e cultura

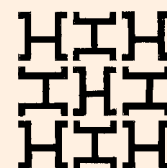
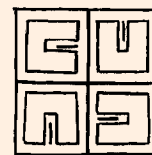
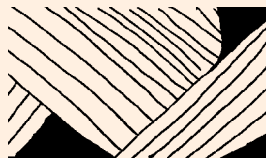
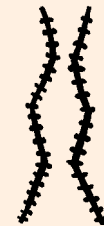
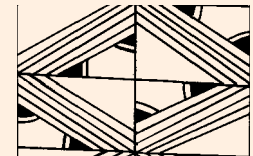
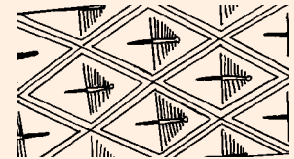


O conjunto de símbolos criados, adotados e desenvolvidos por uma sociedade é chamado de cultura. A cultura depende do ecossistema onde um povo vive. Por exemplo, o povo *Inuit*, mais conhecido como esquimó, mora num lugar muito frio. Eles comem muita gordura de animais que só existem lá, como urso e foca. Eles usam roupas feitas de pele de animais, para se aquecer.

Aqui no Xingu é muito quente, as pessoas andam nuas ou com pouca roupa e se alimentam dos recursos naturais que existem neste tipo de ecossistema, como macacos, peixe, pequi e outras frutas.

A cultura é dinâmica, pois as pessoas são dinâmicas. A cultura tem mecanismos conservadores, que ajudam a manter a tradição de cada povo: as histórias e ensinamentos dos mais velhos e dos caciques, orientações dadas por eles às crianças e aos jovens para manter a tradição no trabalho e nas festas.

A cultura também tem mecanismos inovadores: o interesse das gerações mais novas em conhecer outras culturas, outras sociedades e mudanças que ocorrem para tentar resolver novos problemas como, por exemplo, a criação de associações indígenas para desenvolver projetos das comunidades, ou o surgimento de novos profissionais indígenas que atuam no atendimento à saúde e na educação escolar.



## Alguns símbolos dos povos indígenas do Xingu

Símbolo	Povo
Arco preto	Kamaiurá
Panela de barro	Waurá
Borduna de cabeça de cobra	Kṯsêdjê (Suiá)
Arco feito de <i>Ipeji</i>	Kuikuro
Manto do pajé	Yudja
Colar de caramujo	Kalapalo
Máscara de guerra	Ikpeng
Colar de inajá com algodão	Kaiabi
Arranhadeira	Nahukua
Zagaia	Matipu
Cesto	Aweti
Lança de <i>hopep (Jawari)</i>	Trumai
<i>Jakui</i>	Mehinaku



### ATIVIDADES

- 1) Escreva um texto sobre um símbolo da cultura dos não-índios que existe no Xingu.
- 2) Chame algumas pessoas mais velhas para conversarem sobre os símbolos que o seu povo aprendeu com outro povo. Depois escreva um texto e faça desenhos.
- 3) Traga um artesanato do seu povo para a aula. Explique que recursos naturais são usados para fazê-lo, onde existe o recurso, quem faz e quando é usado. Cada aluno vai explicar sobre o artesanato que trouxe.

## A cultura do povo Kaiabi

O conhecimento do povo Kaiabi vem mudando com a chegada dos não-índios. Como a história conta, antigamente os Kaiabi não casavam tão cedo como hoje. Primeiro tinha que ter o conhecimento dos seus pais ou de suas mães, aprender a fazer o artesanato, fazer roça, saber cantar, aprender a respeitar o seu sogro e os parentes e a sua mulher, para o casal não ficar desobedecendo o costume do seu povo e não ficar independente do conhecimento dos outros. Atualmente algumas pessoas se casam despreparadas e não têm capacidade de sustentar a sua família. Por isso a pessoa tem que aprender tudo primeiro para depois casar, podem ser rapazes e moças. Hoje em dia os Kaiabi casam muito cedo, homem e mulher também.



A história também diz que os Kaiabi moravam unidos numa casa grande de festa e hoje não existe mais isso. Moramos muito separados, cada um com a sua família. Na confecção do artesanato também mudaram algumas coisas. O banco é pintado com carvão e leite de pau. O banco não era pintado. O cocar também mudou, hoje as pessoas fazem cocares com armação feita pelos nossos parentes índios. A armação era com barbante fino, hoje mudou.

Então o conhecimento do povo Kaiabi foi mudando através do contato com os não-indígenas e com outras etnias.

*Jefuka Kaiabi*

### ATIVIDADES

- 1) Existe algum artesanato do seu povo que está sendo feito de um jeito diferente do jeito tradicional? Explique porque.
- 2) Escolha uma festa do seu povo e faça um levantamento dos produtos indígenas (artesanato, enfeites, alimentos) e dos produtos não-indígenas usados nesta festa.

## Saber manejar para não faltar

**Manejo** é o jeito de usar os recursos naturais com cuidado, para que eles não falem no futuro. Manejo tradicional é o jeito de mexer e cuidar dos recursos naturais que os povos indígenas e outros povos que vivem na mata sempre fizeram, desde antigamente. Ultimamente as pessoas falam muito em manejo sustentável. Sustentável vem de sustentar, de manter firme. Então, manejo sustentável é aquele jeito de cuidar de um recurso natural para que ele nunca diminua ou acabe, para que ele sempre exista.

Para fazer o manejo sustentável de um recurso natural, é importante conhecer bem o recurso e os ecossistemas onde ele vive. Para cada tipo de recurso podem existir várias formas de fazer manejo.

O manejo dos recursos mudou no Parque do Xingu. Com a demarcação a região de cada povo ficou menor. Hoje em dia as aldeias ficam no mesmo lugar, por isso as comunidades acabam usando os recursos naturais daquela região e eles começam a diminuir. A venda de produtos indígenas intensificou a exploração dos recursos naturais. Os produtos indígenas (artesanato, peixe, farinha, frutas), que antes eram feitos, pescados ou coletados somente para uso, agora estão sendo vendidos. Por isso, alguns recursos naturais usados para fazer estes produtos estão começando a faltar na região que fica próxima das aldeias.

*Professores do PIX, Simone Athayde e Maria Cristina Troncarelli*



desenho de Tawayku Yudja

Os povos indígenas e o manejo d



## As mulheres é que cuidam do algodão

O algodão nasce quando plantamos a semente. O pé de algodão é pequeno, ele demora quase um ano para produzir. Quando o algodão começa a dar frutinha a mulher cuida bem direitinho. Para não morrer, sempre tem que limpar onde foi plantado. A mulher que é dona do algodão.

Esse algodão é encontrado na roça bem perto da casa, a mulher vai buscar a pé e traz só as frutinhas para poder fazer os fios. Não precisa cortar, só tirar a frutinha dele. Quando a pessoa corta, acaba com o recurso natural. As mulheres fiam o algodão e os homens usam para fazer cocar.

Antigamente usávamos muito o algodão para fazer cinto e flecha, meu povo Panará sempre guardava a semente do algodão para poder plantar na época de chuva. Os Panará antigos usavam algodão quando não tinham contato com os não-índios. Até agora nós usamos para fazer cocar, cesto, flecha, cinto, colar e brinco.

Antigamente, sempre guardávamos a semente de algodão para não acabar com esse recurso natural, por isso sempre as mulheres cuidam desse algodão para poder produzir. Se não cuidar e não guardar direito, a semente do algodão vai ficar estragada, aí não dá para produzir. Por isso meu povo sempre cuidou assim.

*Krekreasã Panará*

### ATIVIDADES

Faça uma pesquisa com as pessoas mais velhas sobre o manejo tradicional das plantas do povo. Peça para eles contarem como eles cuidavam das plantas da roça e das sementes com o tempo.



## Aproveitamos todas as partes do porco-do-mato

Para fazer o chocalho de unhas precisamos caçar animais como queixadas e caititus. Esses animais gostam de ficar nos córregos, barreiros e no tucunzal, eles gostam desses lugares porque ali têm alimentos e água para beber.

Os homens saem para caçar, para matar esses animais. Chegando em casa levam as patas dos bichos até o fogo, as unhas são tiradas quando estiverem quentes.

Esses chocalhos só podem ser usados no dia da festa, não é permitido dar para as crianças usarem para brincar. A carne dos animais é preparada para comer.

Eu acho que este recurso continua igual. Queixadas e caititus agora são caçados de duas formas: com armas de índio e dos não índios, mas não se matam muitos, porque só encontramos de vez em quando.

Desde antigamente todas as partes do caititu e dos queixadas são aproveitadas para comer e as unhas são utilizadas no artesanato. Esses produtos não são vendidos, eles são usados somente para ritual. Este recurso não é muito caçado, só se faz este produto quando o animal é encontrado.

*Kaomi Kaiabi*

## ATIVIDADES



- 1) Pergunte para seus pais e anote no seu caderno: Quais são os animais mais caçados pela sua família? Faça uma lista com o nome na língua indígena e em português.
- 2) Depois de terminar esta lista bem completa, continue a pesquisa com seus pais e parentes:
  - a) Que época é boa para caçar cada um dos animais da lista?
  - b) Que produtos podem ser feitos com estes animais (alimento, artesanato etc)?
  - c) Tem algum destes animais que não era caçado antes do contato com os não índios e com os outros povos indígenas?
  - d) Tem algum destes animais que está desaparecendo aqui no Parque?
  - e) O que você acha que pode ser feito para que a caça destes animais não cause o desaparecimento deles?
  - f) Faça um desenho do animal e dos produtos feitos com ele.
  - g) Apresente sua pesquisa para a classe e convide a comunidade para assistir.

### **Temos que controlar a derrubada da árvore *Yuluta***

*Yuluta* é um recurso natural que nasce sozinho. Mas ele não é como outras plantas que nascem rápido, ele cresce muito devagar e é difícil de encontrar os frutos germinando. Encontramos muito poucas plantinhas jovens.

Ele não é plantado, nasce sozinho e não é cuidado por alguém. E também não tem dono espiritual.

Essa planta é encontrada nos vários tipos de vegetação, no mato alto, na capoeira e na mata baixa. Ele também era apanhado próximo da aldeia, mas hoje em dia buscamos muito distante da aldeia porque aumentou a sua retirada para confeccionar produtos para venda. Ele é buscado a pé ou de bicicleta.

A parte mais usada dele é o tronco. Ele é cortado do pé até onde tem os galhos. Usamos o tronco para fazer artesanato: remo, pá de virar beiju, pá de virar beiju em forma de desenho de pássaro, peixe e também zunidor.

O jeito de usar este recurso natural *Yuluta* mudou muito, porque antigamente as pessoas só cortavam e usavam conforme a sua necessidade, faziam dois remos, cinco pás de virar beiju, zunidor, só isso. E também hoje não aproveitamos todo o tronco, principalmente na produção de remo.

As pessoas derrubavam e só cortavam uma parte, restava o tronco. Para fazer zunidor todo mundo

usava o tronco inteiro, porque é o trabalho coletivo, por isso que usavam todas as partes (o tronco e as folhas) e em dia não tem mais isso, cada pessoa derruba para fazer seu próprio artesanato para vender na cidade, usando os troncos inteiros em quantidade maior. Hoje em dia são produzidos objetos para vender em quantidade, como 50 pás de virar beiju em forma de pássaro, 30 remos, 60 zunidores, por exemplo.

Cada pessoa que derruba esse recurso natural *Yuluta* deveria derrubar pouco, para que ele não falte no dia que ela precisar fazer seu remo ou pá de virar beiju para as mulheres. E também, na época que a festa de mandioca acontece, todos vão ao mato para derrubar um pé de *Yuluta* coletivamente. Cada pessoa faz cinco ou dez pás de virar beiju. Então para não faltar esse recurso, as pessoas não deveriam derrubar a cada ano e nem a cada mês. Porque essa árvore é difícil de ser encontrada, os pezinhos não crescem rápido e, às vezes não renovam, morrem depois da derrubada. É por isso que a pessoa que derruba deveria derrubar muito pouco. Por isso precisamos fazer manejo da *yuluta*. Uma outra idéia é começar usar outras madeiras para fazer artesanato para venda.



*Makaulaka Mehinaku*



## ATIVIDADES

- 1) Faça um levantamento dos produtos mais vendidos na sua aldeia.
- 2) Converse com seu professor e com a classe se está havendo impactos negativos sobre os recursos naturais por causa da comercialização destes produtos.
- 3) A comercialização de produtos pelas comunidades está mudando o jeito de manejar os recursos naturais na sua aldeia? Escreva um texto dando exemplos.



4) Como o manejo pode ajudar a aumentar o *yuluta* no mato, para que ele nunca falte p

### Arumã é um recurso que está acabando aqui no Parque do Xingu

O *uruyp* (arumã) nasce na cabeceira dos córregos, ele brota na terra molhada no *Kofet* e no *Yataran*.

O Kaiabi não planta o arumã, ele é nativo da natureza, mas antigamente o deus *Tujararé* era quem utilizava o *uruyp* para fazer peneira e cuidava do recurso. Atualmente, ele ainda cuida desse recurso natural que é o arumã. Nós não cuidamos do arumã, talvez o dono, que é *Tujararé*, cuide dele.

O *uruyp* tem dono. Quando *Tujararé* utilizava o arumã, ele encontrou a dona, uma mulher. *Tujararé* transformou essa mulher lagarta em uma mulher humana para ser sua esposa. O nome dela é *uruywoog* (lagarta) que mora dentro do arumã.

O arumã se encontra no córrego, no *Kofet*, no *Yataran*. Depende do lugar, tem aldeia que fica longe do ecossistema onde tem arumã.

Para chegar até o local tem que procurar para encontrar, abrir picadinha na beira do córrego até achar.

O que é usado do recurso é a fibra dele, que é resistente. Usa-se também a “carne” dele. Precisa cortar o recurso natural.

Usamos a peneira feita de arumã para coar mingau, peneirar a massa de mandioca e o pó do milho para fazer mingau. Guardamos também comida, objetos e algodão dentro do produto.

Atualmente o uso do arumã (*uruyp*) mudou, hoje se usa muito e antigamente não se usava tanto, porque não se vendiam os produtos de arumã. Quando o meu povo veio para o PIX começou a venda.

Na área dos nossos ancestrais Kaiabi tinha muito desse recurso natural e aqui no PIX tem pouco, está cada vez mais difícil de achar.

Alguns jovens também não utilizam o arumã, porque não aprenderam a fazer o produto (peneira) tirado desse recurso natural. Dizem que é por falta do recurso natural que os mais jovens não estão aprendendo a fazer peneira e também existe a falta de interesse dos jovens porque se envolveram mais em outras coisas.

Nós Kaiabi iniciamos um plantio para manejar o arumã. Se o manejo trazer um bom resultado, nós



desenho de Myaujup Kaiabi

vamos cuidar ou plantar esse recurso natural para que ele não se acabe.

*Matari Kaiabi*

## ATIVIDADES

Faça um roteiro para entrevistar as pessoas mais velhas sobre como eram utilizados os recursos naturais entre o seu povo antigamente. Pergunte se eles controlavam a retirada do recurso e como eles

### O caramujo é um recurso valioso para os povos do Alto Xingu

Os caramujos ficam no cerrado e têm um dono que cuida deles. Só que eu não sei o nome do espírito que é dono, preciso pesquisar ainda.

Os caramujos se reproduzem na época da chuva, eu não sei explicar bem como é o nascimento deles. O dono é que cuida dos caramujos. Quando tocamos fogo no local, eles queimam todos. Por isso o pessoal antigamente não queimava o local dos caramujos. Já faz muito tempo que o pessoal não procura mais os caramujos nos campos. Parece que o dono espiritual não deixa mais caramujos para eles, também o lugar é mais longe. Por isso que, hoje em dia, o pessoal está trocando os caramujos com os Xavante.

A vida de hoje mudou muito, porque atualmente o pessoal está trocando os caramujos com os Xavante, para eles fazerem colar e pulseira para vender e para usar também. Antigamente, o pessoal não fazia isso, eles iam procurar os caramujos no local mesmo. Depois, eles faziam colar e cinto com os caramujos, esses enfeites serviam para usar somente na festa. Não trocavam os caramujos com os Xavante e não vendiam artesanato ainda.

Eu acho que não existe outro jeito de usar esse recurso natural. Não sei como o pessoal que está fazendo muitos desses colares de caramujo para vender sobre a mudança de uso do recurso natural tem que explicar várias vezes para eles entenderem bem. Explicar que daqui para frente os caramujos vão acabar também na aldeia dos Xavantes. Para não acabar os caramujos o que é que a gente vai fazer? Seria bom ter um biólogo para orientar a criação de caramujo

desenhos de Amatiwanã Matipu e Jeika Kalapalo



Alto Xingu. Eu acho que essa pode ser uma solução.

*Amatiwana Matipu*

### Como cada povo cuida dos seus recursos naturais

Povo e produto	Recurso natural	Jeito atual de cuidar	Soluções para melhorar o cuidado
<p>Yudja – <i>pikaha</i> (banco) onde tem o tocar fogo no <i>kadika</i>; diminuir a artesanato; tentar plantar uma reserva para o futuro; fazer</p>	<p><i>Kadika</i> (amescla) outros povos para</p>	<p>As pessoas estão tirando mais do que antes para fazer artesanato e vender. Não se derruba à toa. Quem tem filho pequeno não derruba. respeitar o recurso que outro povo usa.</p>	<p>Não fazer roça no lugar recurso <i>kadika</i>; não lugar que existe venda de a semente; deixar</p>
<p>Kʈsêdjê – <i>sʈ</i> os (chocalho de unha) cuidado</p>	<p>Caititu e queixada</p>	<p>Caçamos de arco e de espingarda; aproveitamos várias partes do animal e comemos a carne; matamos somente alguns quando encontramos no mato; o produto não é vendido, é</p>	<p>Pedir para os velhos ensinarem jovens a fazer o chocalho; para não estragar a floresta; não pegar e nem matar os filhotes.</p>

		usado só na festa; não deixamos a criança brincar com o chocalho.	
Alahatua (Kuikuro) <i>atahagu</i> (banco)	<i>Ugagati</i>	Quando tem criança pequena não fazemos banco; as pessoas estão tirando o recurso mais do que antes para vender o banco; usamos a folha como lixa.	Usar outras árvores para fazer banco; deixar uma reserva para o futuro; experimentar plantar a semente e fazer mudas.
<b>Povo e produto</b>	<b>Recurso natural</b>	<b>Jeito atual de cuidar</b>	<b>Soluções para melhorar o cuidado</b>
Ikpeng – <i>orok</i> (cocar de garça) a  outros  para	Garça – <i>pakupa</i>	Matamos muito mais que antes para fazer cocar para vender; quando temos criança pequena não caçamos a garça; não caçamos quando é período de cria (agosto a dezembro).	Tentar criar para tirar as penas; retomar reuniões para orientar comunidade; contar para povos esse tipo de cuidado respeitar as aves na época da cria.
Matipu – <i>inhuaketühügü</i> Não pegar os caramujos vivos; (colar de caramujo)  a		Caramujo – <i>inhu</i>  do colar; o povo Kuikuro queima o campo para achar mais fácil; o pessoal está vendendo mais colares; não  faz colar quando tem criança	O dinheiro enfraqueceu o valor  fazer um acordo entre os povos para aumentar o preço do colar; pedir para os velhos ensinarem sobre a vida do caramujo; pedir participação de um técnico para



caramujos.

Kaiabi – *yrupe*  
tirar  
(peneira)

Arumã – *uruyp*

pequena.

estudar a criação dos

Vende muita peneira; tem pouco *uruyp* no Xingu, está cada vez mais difícil de achar; são usados outros recursos naturais para fazer a peneira; algumas pessoas não estão tendo cuidado para cortar.

Não cortar de qualquer jeito; só quando estiver maduro; aumentar o preço da peneira feita com *uruyp* e colocar preço mais baixo quando for feita com outros recursos; valorizar a peneira dentro da sociedade Kaiabi; tentar plantar *uruyp* e cuidar da colheita; deixar uma reserva de *uruyp* nativo para o futuro

## ATIVIDADES

Escolha um recurso natural e faça uma ta

## Manejo da roça

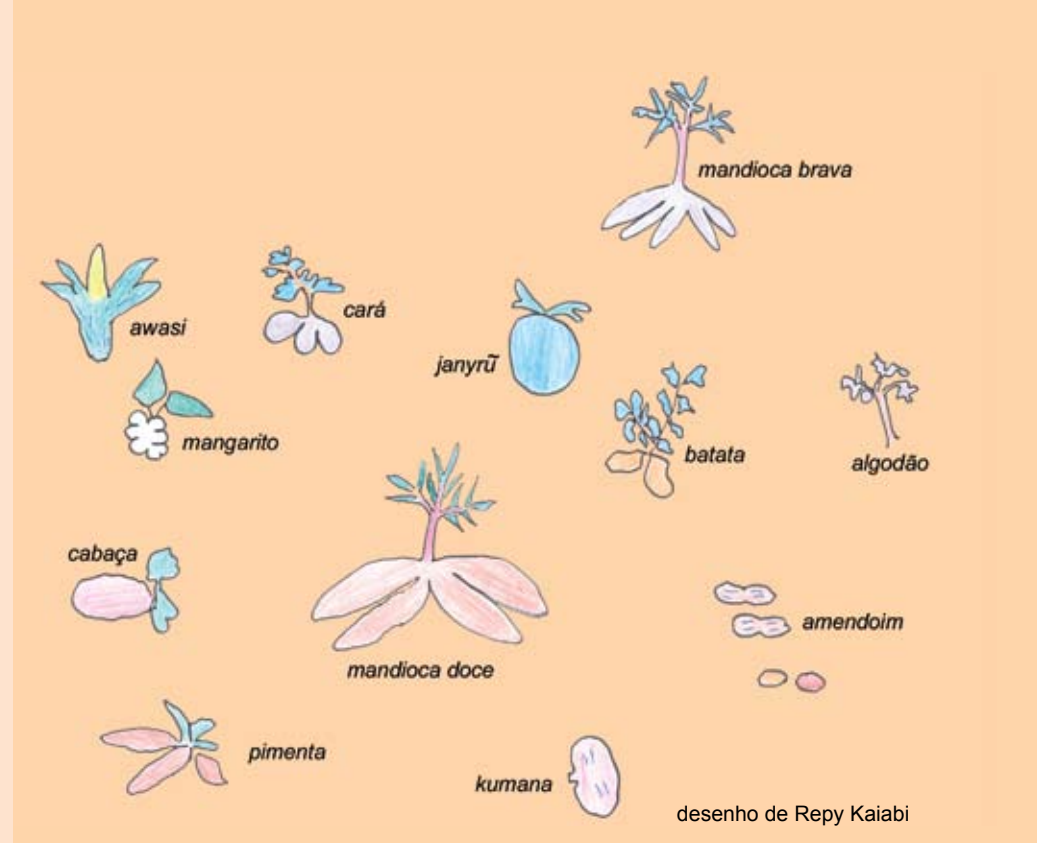
Para fazer ou manejar uma roça, p

1. Escolher o local
2. Marcar a área
3. Roçada
4. Derrubada
5. Queimada
6. Limpeza
7. Cercar



8. Plantar
9. Cantar, fazer festa para os produtos nascerem bem
10. Limpar e cuidar
11. Respeitar as plantas
12. Esperar amadurecer
13. Colher
14. Reservar uma parte das ramas e sementes para o próximo plantio

Esses são todos os cuidados para a mandioca e outros produtos da roça crescerem bem. O manejo da roça envolve todos estes trabalhos.



### Cuidados com as sementes das plantas da roça

Cuidados com as sementes dos produtos da roça do povo Kaiabi:

- Todo ano guardamos as sementes de milho, feijão, fava, amendoim, cuia e algodão numa cabaça.
- Também guardamos cará, vários tipos de mangarito, amendoins com casca, milho com casca e outros tipos de produtos numa casinha que é feita para guardar estes produtos.



Esses são os cuidados tradicionais do povo Kaiabi para guardar as sementes.

Hoje em dia poucas pessoas cuidam das sementes e dos produtos da roça. Hoje, ao invés de usar a cabaça, usamos a garrafa, ao invés de guardar o produto na casinha da roça, guardamos o produto na própria casa.

*Jowosipep Kaiabi*

### **Manejo da fava pelo povo Mehinaku**

Na região Mehinaku existe um tipo de fava chamada *puhama* que estava escasseando. O manejo desta fava foi ficando fraco, porque as pessoas que plantavam foram morrendo e os outros não tinham interesse de plantar, só foram comendo, comendo até acabar, ficando escasso por alguns anos.

Todas as pessoas sentiram falta dessa fava, até que um dia o cacique Mehinaku foi visitar a aldeia Waurá. Naquela aldeia tinha bastante semente daquela fava. O cacique resolveu pedir algumas sementes para plantar na região da sociedade dele. Agora esse ano, cada família vai receber sementes para plantar.

Para fazer o manejo dessa fava, precisamos conversar com a comunidade para não por fogo nas roças, não comer todas as sementes, assim, teremos sementes todo ano para plantar. Essa planta substitui o peixe na época da cheia do rio.

*Assalu Mehinaku*

### **Manejo do milho do povo Waurá**

Na minha região o milho está escasseando, porque meu povo não está plantando mais. Antigamente meu povo plantava muito para não faltar. Na época do milho, o meu povo fazia festa para arranhar o braço,

hoje em dia está acabando.

Meu povo também não está plantando a fava. Hoje em dia eu quero manejar e não perder essas plantas.

Temos que reunir a comunidade junto com o professor para fazer levantamento de onde cultivamos.

Primeiro a comunidade tem que fazer roça, plantar milho e fava.

A comunidade tem que entender o que é manejo. Temos que colher o milho e a fava e depois dividir para cada casa, para todos plantarem nas roças esses recursos para alimentação.

Também precisamos fazer reunião com a comunidade e explicar o valor nutricional do milho e da fava, para eles perceberem a importância desses alimentos.

*Amutu Waura*

## ATIVIDADE

Escolha um recurso natural e escreva os trabalhos feitos para manejar este recurso.

### O manejo dos peixes

O meu povo tem seu manejo com os peixes da lagoa. Bate timbó nesse ano na lagoa e espera um ou dois anos para bater outra vez. Assim sempre tem peixe na lagoa onde batemos timbó.

Meu povo diz que se bater timbó todos os anos na mesma lagoa pode acabar com o peixe e pode nascer capim na lagoa. Então os jovens têm essa obrigação de ter o cuidado com os peixes.

*Korotowí Ikpeng*

### Manejo da paca

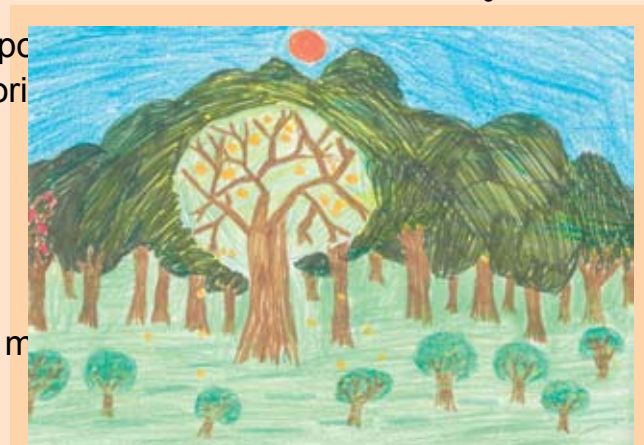
O meu povo Kamaiurá tem cuidado com a paca, porque eles não matam de noite, só matam de vez em quando.



desenho de Marité Ikpeng



desenho de Tanguê'i Kaiabi



desenho de Pegratxi Suiá



Quando o pessoal quer matar a paca, mata só uma vez, mata duas, quatro ou cinco pacas, aí está bom para comer.

Eles não matam todo dia, nem toda noite, se eles matarem todo dia, daí acaba com as pacas, também não é toda pessoa que mata paca, só aquela pessoa que tem cachorro para cheirar a boca do buraco.

Assim que o meu povo faz o manejo deste animal.

*Wary Kamaiurá*

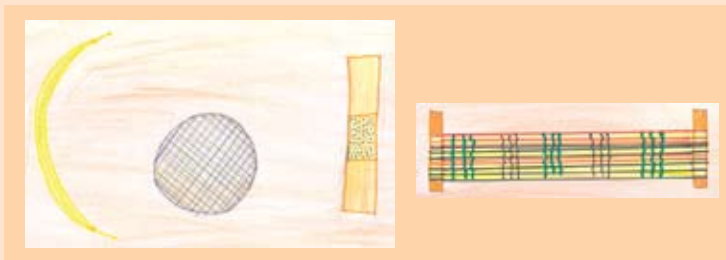
### Manejo do buriti e de frutas nativas

Há pouco tempo atrás tinha muitos pés de buriti na lagoa Ypawu. As pessoas começaram a cortar para tirar a palha para fazer a cobertura das casas, por isso o burutizal está diminuindo em volta da lagoa Ypawu, as árvores de buriti estão escasseando. A comunidade não sabe que no futuro faltarão as frutas do buriti para os peixes e os pássaros que se alimentam das frutas. Também faltará palha para cobertura das casas.

Para conscientizar a comunidade sobre o manejo das frutas nativas precisamos articular o trabalho através de palestras e cartazes com desenhos e falar o conceito de manejo para a comunidade e como evitar

Explicar para eles que nós precisamos do buriti para fazer esteiras, por isso não pode ser derrubado e nem queimado

Ensinar como tirar a palha, sem precisar cortar o



derrubarmos todos os pés de buriti da lagoa, no futuro não teremos mais frutas e nem pés de buriti.

Propor para a comunidade a recuperação das árvores e fazer com que ela entenda que precisamos coletar com as mãos as sementes para plantá-las.

É importante fazer reunião de quatro em quatro meses para falar sobre o manejo de recursos naturais.

*Aratará Kamayura, Matariwa Kamayura e Waunahã Jareu Kamayura*

### Manejo dos buritizeiros

O meu povo tem cuidado com os buritizeiros. Eles não cortam os pés de buriti, somente cortam a palha de buriti quando estão fazendo a construção de casa.

Eles não queimam os buritizais, os buritis são muito importantes para fazer artesanato, como cesto, esteira, rede e abanador. Por isso, o meu povo Aweti tem este cuidado com os pés de buriti.

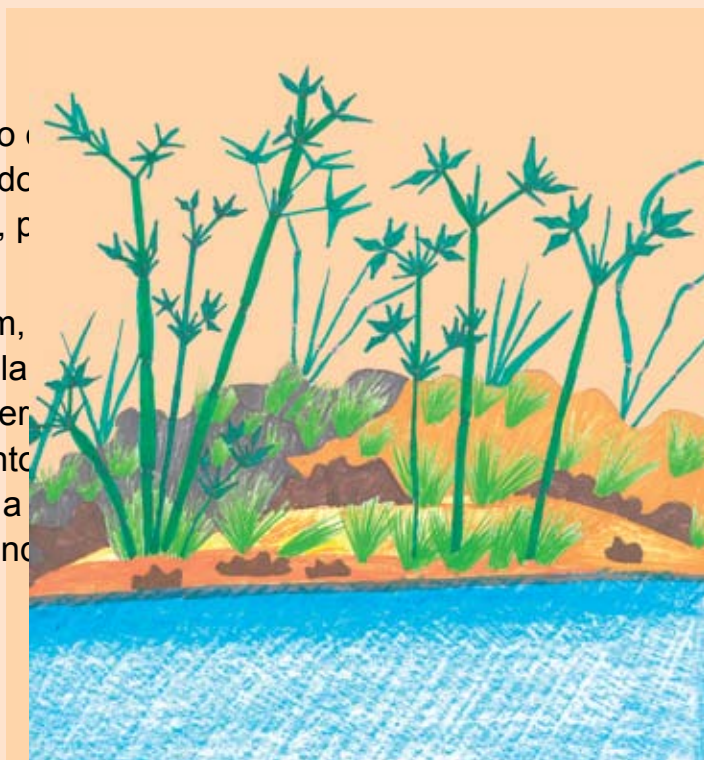
*Awajatu Aweti*

### Manejo do urucum

Na região da aldeia Aweti os pés de urucum estão ficando poucos, lembrando de que o urucum é um recurso importantíssimo usado pelos antepassados. Só algumas pessoas da aldeia plantam urucum, por isso a comunidade depende de outro povo que produz.

Acho que para solucionar o problema e manejar o urucum, precisamos fazer um manejo e precisa ter agente de manejo na aldeia. Ele vai articular e transmitir na sua comunidade. Tem que fazer reunião com a liderança e o manejo pode articular com os mais velhos e na sala de aula junto com os professores, tudo unido dentro da comunidade e eles vão trabalhar em acordo. Na próxima reunião de manejo trabalharemos juntos, buscando informação, conversando

desenho de Karin Juruna



## O trabalho do agente de manejo no Parque do Xingu

O manejo serve para desenvolver mais conhecimento sobre os recursos naturais.

O curso que estamos fazendo serve para trazer de volta e recuperar alimentos que estão desaparecendo, também ajuda a levar o conhecimento sobre manejo para as comunidades preservarem as sementes e a mata. Serve para recuperar algumas coisas e para controlar o manejo. A participação da comunidade é muito importante neste trabalho. Ela pode ajudar dando informações sobre plantio, cuidados e preservação das sementes e colheitas, onde a semente pode ser guardada. É preciso unir a comunidade com todos participando neste trabalho.

Os alunos da escola e o professor devem acompanhar o trabalho de plantio, para que conheçam mais sobre este assunto, isto é, para que não percam suas sementes que são patrimônio do seu povo. Assim a escola e o manejo vão trabalhar juntos. O professor, junto com os agentes de manejo, também pode ensinar este conhecimento para os alunos na sala de aula.

Precisamos da ajuda do cacique junto com a comunidade da aldeia, e do técnico acompanhando o crescimento do trabalho de cada povo. O manejo se relaciona com a cultura porque estuda os recursos naturais que são próprios de cada povo.

Através do estudo do manejo de recursos naturais vimos que algumas coisas da nossa cultura estão sendo esquecidas: o jeito de plantar, de cuidar e de guardar as sementes e mudas. Por isso algumas tradições e costumes também vão mudando. Então queremos recuperar nossos conhecimentos tradicionais de manejo e experimentar novas formas de manejar com a ajuda de técnicos especialistas.

*Grupo de agentes de manejo de recursos naturais do Parque Indígena do Xingu*

o problema que está acontecendo, a situação pode melhorar. Aí a comunidade vai entender e vai plantar o urucum, não vai depender de outro povo.

*Waranaku Aweti*

## O manejo da taquarinha

Na minha sociedade temos cuidado com a queimada dos

pés de taquarinha usada para fazer flecha, porque senão não vai ter taquarinha, por isso meu povo tem cuidado.

Eles não querem ficar sem taquarinha para matar o peixe. Por isso que nós temos cuidado para não queimar o lugar da flecha, porque essa flecha é plantada, tem dono espiritual, ele está cuidando da flecha. Não podemos tocar fogo no lugar do pé de flecha.

*Aigi Nahukuá*

### Manejo de recursos para construção de casas

Precisamos reunir a comunidade, discutir sobre os recursos naturais que estão acabando, principalmente o inajá, que hoje está cada vez mais difícil de encontrar perto da aldeia.

Temos que explicar para os velhos, adultos e jovens, principalmente para os alunos, que devem participar da reunião junto com a comunidade, para ouvir sobre a situação que está o inajá hoje em dia e outros recursos que a natureza nos dá.

Depois poderemos propor idéias de como devemos manejar esses recursos, reforçando a idéia que a comunidade já estava tendo há algum tempo atrás.

Conversar com a comunidade sobre nós começarmos a entrar em ação e fazermos já mudas de muitas frutas nativas que existem na natureza, que deixaremos para nossos filhos e netos, como api, bacaba, inajá, etc.

Outra coisa que devemos discutir é sobre as madeiras para construção de casas, que nós chamamos de *amtôtximbyssi*, *kukákákambrêk*, *hwɽkajkiri* e *apôro* essas madeiras estão ficando muito difíceis de se encontrar hoje em dia.

Hoje as pessoas andam até locais muito distantes de suas casas para encontrar esses recursos.

*Tariwaki Kaiabi Suiá, Yaconhongráti Suiá, Nhokrêtxi M. Suiá e Pejapêtxi K. Suiá*

### Manejo sustentável de recursos naturais no Brasil



▪ **Manejo de tracajá pelo povo Ashaninka** – O povo Ashaninka, que mora na Terra Indígena Amônia, no Acre, está criando tracajás. O povo Ashaninka estava quase perdendo esse recurso natural, por causa da venda do tracajá para os não-índios e porque eles usavam o recurso sem controle. O agente de manejo da aldeia teve a idéia de manejar o tracajá, cuidando dos ovos e deixando os tracajás nascerem, povoando os rios novamente. Toda a comunidade Ashaninka está colaborando. Eles estão conseguindo reverter a situação e talvez tenham fartura desse recurso no futuro.

*Maria Cristina Troncarelli*

▪ **Projeto de piscicultura das comunidades Tuyuka, Tukano, Hupda e Makuna do Alto Rio Tiquié, no Rio Negro** – Piscicultura é a criação de peixes em tanques e reservatórios. Esses povos, que vivem em doze aldeias na fronteira do Brasil com a Colômbia começaram esse trabalho há oito anos por iniciativa própria. Antes disso tentaram criar gado, que foi doado pelos militares e missionários, mas essa experiência não deu certo porque não tiveram nenhuma assessoria técnica e não tinham tradição de criar esse tipo de animal. Ao contrário do que acontece com os peixes, que eles conhecem os hábitos, o manejo e a forma de vida, pois sempre foram pescadores. O projeto é realizado em parceria com a FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro e o Instituto Socioambiental. Atualmente na região onde esses povos vivem existe pouco peixe, por isso eles estão criando peixes nativos para consumo próprio.

Estas comunidades se mobilizaram para criação de peixes, mas no começo tiveram dificuldade para construir os viveiros e escolher as espécies de peixe a serem cultivadas. Eles construíram os viveiros de peixe nos igarapés, com assessoria do ISA e foi construída uma estação para a reprodução das espécies nativas (vários tipos de aracu, jandiá, araripirá, acará etc). As comunidades estão plantando na beira dos viveiros plantas que produzem frutas que os peixes comem. Enquanto as frutas estão crescendo os peixes são alimentados com restos de comida da aldeia, com cupim, saúva e também com milho comprado.

Os viveiros já estão produzindo peixes e o projeto está dando certo, porque contou com o esforço e trabalho de toda comunidade.

*Aloisio Cabalzar e Maria Cristina Troncarelli*

▪ **Projeto de manejo de tartarugas marinhas (Tamar)** – desenvolvido no litoral brasileiro pelo IBAMA,

## Produtos não-indígenas

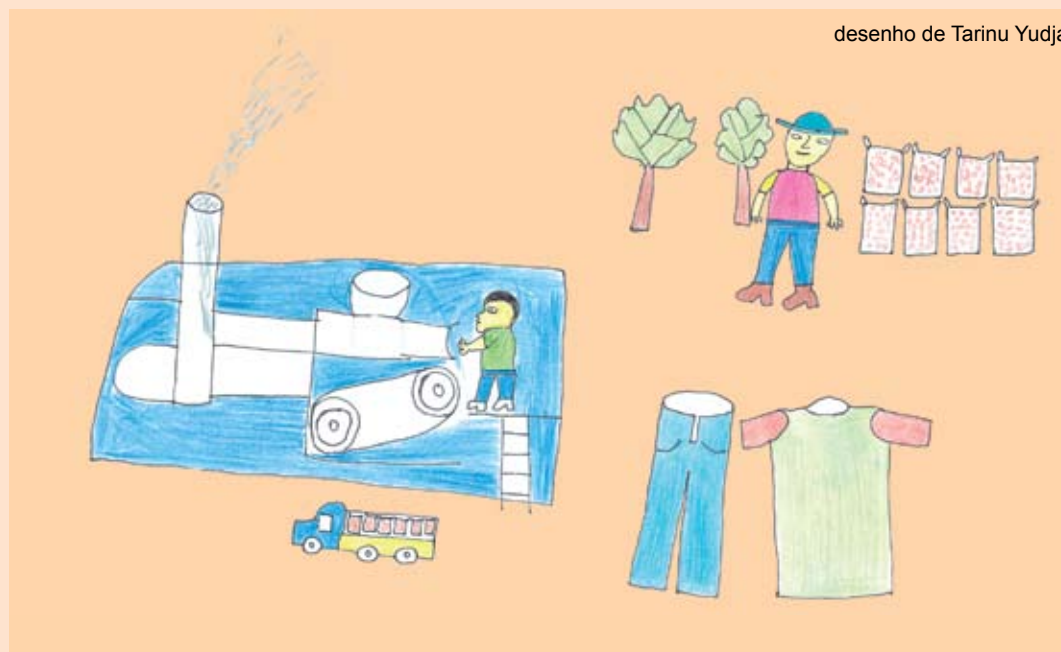
A maioria dos produtos não-indígenas atualmente é feita nas fábricas ou indústrias, que chamamos de produção industrial. Nas fábricas existem muitos funcionários. Cada pessoa trabalha com uma máquina, fazendo uma parte do produto. As pessoas não sabem fazer todas as etapas de produção, elas trabalham operando as máquinas em uma parte do processo de produção.

Os produtos industriais são feitos com **matérias-primas** que vêm de recursos naturais. Matéria prima é o material usado para fazer o produto. Por exemplo, para fazer uma roupa industrializada (feita na fábrica) o dono da fábrica compra o algodão. Depois, com as máquinas ele transforma o algodão em fios e os fios em tecido. Esse tecido é transformado em roupas, também cortadas e costuradas em máquinas. A fábrica de roupas vende seus produtos para as lojas.

Alguns produtos não-indígenas também são feitos de maneira artesanal, ou seja, o artesão ou artesã compra ou planta o recurso ou material para transformar em produto. Depois os artesãos fazem manualmente o produto. Exemplos de alguns produtos artesanais produzidos por não-índios: esteira, cesto, panela de barro, bonecas de pano, bolsas de tricô, sapatos de couro etc.

*Simone Athayde e Maria Cristina Troncarelli*

Conheça os recursos naturais que são transformados nos produtos abaixo:



Produto	Recurso natural	Ecossistema
Vidro	Areia (mineral)	Rio, praia
Prego	Ferro (mineral)	Fundo da terra
Tecido	Algodão (vegetal)	Roça (índios e pequenos agricultores) e monocultura (grandes fazendeiros)
Plástico regiões mundo.	Petróleo (mineral)	Fundo do mar e fundo da terra de algumas do planeta. Existe em poucos lugares do
Papel	Madeira	Florestas (vários ecossistemas, alguns às vezes são plantados)
Gasolina	Petróleo	
Macarrão	Ovo (animal), trigo (vegetal), sal (mineral)	Criação de galinha, plantação de trigo, salinas.

## ATIVIDADES

- 1) Faça uma lista dos produtos industrializados que existem na sua casa.
- 2) Traga os rótulos dos produtos e procure nos rótulos as seguintes informações:
  - aonde foi fabricado o produto.
  - onde foi comprado.
  - data de validade.
  - ingredientes.
- 3) Monte cartazes com os rótulos e escreva as informações que você descobriu.
- 4) Faça com seu professor e os colegas uma lista dos produtos industrializados que existem na sua aldeia e verifiquem para quê são utilizados.

## Produtos não-indígenas no Parque Indígena Xingu

### O contato com os não-índios no passado e hoje em dia

Quando os portugueses chegaram em 1500 ao Brasil fizeram uma grande exploração do pau-brasil, por isso essa árvore está em extinção. A árvore de pau-brasil era usada para retirar uma tinta vermelha, para tingir tecidos na Europa. Naquela época era um produto muito valorizado pelos portugueses. Os índios que tiravam o pau-brasil e levavam até as caravelas dos portugueses recebiam em troca objetos como miçanga, tesoura, faca e outras ferramentas. Nessa época os portugueses escravizaram e mataram muitos índios. Eles queriam acabar com as tradições, as religiões e culturas indígenas. Queriam construir igrejas nas terras indígenas. Além de explorar o pau-brasil e o ouro, os portugueses plantaram cana de açúcar no Brasil, para vender açúcar na Europa. O açúcar naquela época era um produto raro e caro. Nessa época os índios não sabiam ler e nem escrever, não conheciam o mundo dos brancos, aceitavam qualquer coisa em troca do trabalho sofrido que faziam. Não viviam mais felizes como antes, aos poucos os padres foram obrigando muitos povos indígenas a não falarem mais suas línguas.

Através das histórias contadas pelos mais velhos e dos livros e relatórios de viajantes, sabemos que alguns não-índios visitaram o Parque Indígena do Xingu, antes do contato com os irmãos Villas-Bôas. Um deles foi Karl von den Steinen, que visitou o Alto Xingu e depois os povos do Baixo Xingu, como os Kṛsêdjê e Yudja. Esses viajantes já faziam trocas de objetos industrializados com os povos do PIX.

A partir da década de 40 Orlando e Cláudio Villas-Bôas estabeleceram um contato freqüente com os povos do Parque Indígena do Xingu. A estratégia para fazer o contato envolvia distribuição de presentes: facas, panelas, roupas, facões, anzóis, linha de pesca e de costura, fósforos e outras ferramentas e até mesmo comida industrializada. Na década de 60, com o Serviço de Proteção ao Índio e na década de 70, com a criação da Funai, esses objetos eram distribuídos para os caciques, que dividiam com a comunidade.

Com o passar do tempo, a partir da década de 80, a Funai começou a não comprar mais esses produtos em quantidade para serem distribuídos. Hoje em dia, cada comunidade busca uma maneira de comprar produtos industrializados que são úteis para todos, ou mesmo cada família produz artesanato ou vende produtos para comprar os objetos da cidade que considera necessários.

Hoje em dia os brancos oferecem aos índios dinheiro, motor de popa, barco, gerador, gasolina, trator e até igrejas, em troca de riquezas como a madeira, peixe e minérios. Alguns povos indígenas não



estão valorizando sua área e nem pensando no futuro do seu povo, por isso vendem madeira ou deixam os garimpeiros destruírem e contaminarem suas terras. Os não-índios continuam oferecendo presentes e manipulando os índios para explorar a madeira e os minérios das terras indígenas. Muitos índios não aceitam esse tipo de troca porque já ouviram histórias dos primeiros contatos com os não-índios, que acabou deixando nossos avós sem nada no passado.

Nós não queremos mais presentes, aquelas coisas que acabam logo, como faca, facão, foice, mantimentos. A terra não acaba, por isso ela é tão importante para nós.

Antigamente os índios eram mais felizes na sua terra, comendo comidas naturais como frutas, peixes, carne de bichos e os produtos da roça. Após o contato com os não-índios fomos nos envolvendo com os objetos e alimentos deles. Hoje temos muitas coisas dos brancos. Até entre nós o dinheiro está entrando para comprar coisas dos próprios índios. Isso já está causando desunião na nossa sociedade indígena. Mas nós não vamos vender a nossa terra e a riqueza que temos, como a madeira e outros recursos naturais. Se vendermos madeira, o dinheiro vai acabar e não teremos mais terra para plantar a nossa roça, os peixes e os bichos vão acabar, o rio vai secar e os povos também vão acabar. Por isso é importante tomar conta do nosso território do Xingu.

Os índios naquela época dos primeiros contatos não falavam espanhol e nem português, não entendiam o que os brancos pensavam e nem o seu comportamento. Hoje nós falamos português, estudamos nas escolas e aprendemos a história do contato. Naquele tempo a população indígena era muito maior do que hoje e mantinha sua cultura tradicional.

Hoje em dia os não-índios querem a mesma coisa que eles queriam quando teve o primeiro contato com os portugueses, querem as riquezas que temos nas nossas terras, principalmente madeira e minérios. Naquela época do contato não havia divisão de municípios, estados, país. Todas as terras do Brasil e da América pertenciam aos povos indígenas.

Naquele tempo do contato em 1500 não existia ainda carro, nem avião ou fábrica, o ar ainda estava limpo, os rios não estavam contaminados por garimpo ou agrotóxicos. Não existiam as fazendas em volta do nosso território. Os índios não tinham armas de fogo, manejavam a flecha, o arco e a borduna. Não usavam roupas, mas cocar, braçadeira, colar, algodão, pintura corporal com urucum e jenipapo. Não utilizavam dinheiro para comprar nenhum objeto.

Hoje em dia os brancos sempre falam que os índios têm muita terra, mas na verdade a terra que temos hoje é pouca, por isso precisamos conquistar partes das terras tradicionais que não foram demarcadas pelo governo.

Atualmente nós índios temos capacidade de entender o que os brancos querem conosco. Nós fazemos amizade com os não-índios que estão nos ajudando a pensar como proteger a nossa casa, que é a nossa terra. Sabemos ler, escrever e lutar pelo nosso território. Procuramos ter um bom relacionamento com os não-índios do entorno de nossa terra, para não criar atrito. Tentamos dialogar para que os fazendeiros não poluam as águas, cumpram as leis ambientais e respeitem os peixes e animais. Sempre informamos que estamos lutando pelo nosso direito e pela nossa sobrevivência. Nessa convivência histórica com os não-índios, cada povo indígena com suas lideranças, vêm buscando uma maneira de organização.

Atualmente o desafio dos povos indígenas é de gerenciar seu próprio território, garantindo a preservação e o uso adequado dos recursos naturais, envolvendo atividades que garantam a alimentação e recursos para aquisição de alguns bens que sejam úteis e necessários.

A maioria dos índios que estão unidos aqui no Parque Indígena Xingu lutam para salvar as florestas, a terra e defendem a não-exploração da madeira, não querem deixar fazer mineração nas áreas indígenas, lutam pelos seus direitos e pelo que restou de mata nas áreas indígenas e no seu entorno.

*Tariwaki Kaiabi Suiá, Pitoga Ikpeng, Atayawanã Yawalapiti, Pikuruk Kaiabi, Ibene Kuikuro, Yunak Yawalapiti, Yawaritu Trumai, Sirakup Kaiabi, Arupajup Kaiabi, Adjihá Yudja, Jewyt Kaiabi*

## Produtos indígenas que estão sendo substituídos por produtos não-indígenas

Povo	Produtos
Trumai	<i>Murir</i> (cesto para carregar mandioca), <i>ku'tsut</i> (rodilha para a cabeça), <i>kapif</i> (banco de buriti para a mulher), peneira, fio de algodão, canoa de casca de jatobá, <i>petle</i> (armadilha de peixe), cesto para carregar peixe, resina para depilação.
Kaiabi	Colar de dente de capivara, panela de barro, brinco, machado de pedra, mala,

penteado,	<i>tapawia, panak%</i> , canoa de casca de jatobá, pilão, casa tradicional
Kʄsêdjê	Machado de pedra, canoa de casca de jatobá, cesto para carregar mandioca, pente, rede, fazer fogo de forma tradicional, <i>me jaká, me junkre</i>
Yudja caçar,	Mala, <i>txayãhã</i> (cesto para colocar algodão), manto do pajé, flauta para pescar e pente.
Ikpeng	Peneira, canoa, mala, fazer fogo com urucum, rede, flecha para matar bicho, <i>mula, rítako, angnep</i> , raladeira, pente, cesto para guardar peixe e armadilha de peixe.
Waura	Rede, flecha para matar aves, fio de algodão, pente, ulu

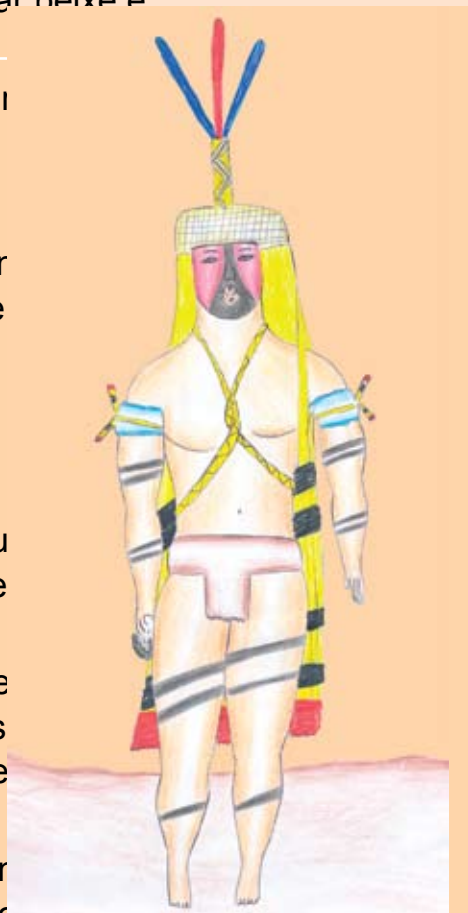
### Produtos que os Kʄsêdjê estão deixando de usar

Eu vou contar pra vocês sobre os produtos que o povo Kʄsêdjê está deixando de fazer. Antes do povo Kʄsêdjê ter contato com os outros povos, principalmente não índios, usavam somente seus próprios produtos.

Depois do contato com outros povos os Kʄsêdjê começaram a observar e usar os produtos dos outros e acabaram deixando para trás, perdendo seus produtos. Vou citar e explicar sobre cada um desses produtos. Antigamente não existia machado de ferro, somente existia machado de pedra; usavam para derrubar madeira e para fazer alguns produtos que necessitavam naquela época. Atualmente não existe mais o machado tradicional, existe somente o de ferro.

A canoa que nós utilizamos atualmente não é a tradicional, essa canoa que utilizamos, nós aprendemos com os povos Kaiabi e Yudjá. Nossos antepassados usavam para pescar no nosso dia a dia somente outro tipo de canoa, que era de casca de jatobá e hoje não existe mais.

Outros produtos: cesto para carregar mandioca, mangarito e pente. Agora na nossa sociedade, ninguém está mais usando, por causa dos produtos dos brancos



desenho de Wegmerektxi Suiá Tapayuna

que as pessoas não estão mais interessadas em usar esses produtos que estamos deixando para trás.

A rede de buriti antigamente os Kṭsêdjê usavam muito, porém atualmente já estão deixando de usar, por causa das redes dos não índios.

Os Kṭsêdjê usavam a vara também para fazer o fogo, mas hoje em dia, não usamos mais essa vara, somente usamos fósforos e isqueiro para fazer fogo.

Os Kṭsêdjê também estão deixando de utilizar seus costumes, um deles muito importante é o beicho (batoque). Hoje em dia, os jovens não querem mais furar o beicho. Eu acho que os mais velhos e jovens tem vergonha de usar batoque. Apenas os velhos utilizam o batoque tradicional dos Kṭsêdjê. Também o brinco não está sendo usado mais, somente dois velhos usam brinco (*mejunkre*).

Todos nós índios estamos mudando a nossa cultura. Temos que ter muito cuidado para não deixar a nossa cultura acabar.

*Nhokretxi Aiwará M. Suiá e Wali Trumai Suiá*

## Dois símbolos Kṭsêdjê

Antigamente o povo Kṭsêdjê usava *mejaká* (batoque) e *mejunkre* (brinco), que são objetos tradicionais do povo. Esses produtos eram enfeites para o dia a dia, principalmente em festas.

As mulheres daquela época também usavam brinco, igual ao dos homens. As mulheres achavam os homens mais bonitos com *mejaká* e *mejunkre*. Os homens que não tinham, as mulheres diziam que estavam feios, falavam que eles estavam desarrumados, que sem o *mejunkre* a carne da orelha ficava grossa e sem o *mejaká* a boca ficava feia.

Hoje o povo Kṭsêdjê não usa mais nem o *mejaká* e nem o *mejunkre*, são poucos quem usam, só os velhos que nasceram naquela época. Os rapazes e as moças de hoje têm vergonha, acham feio e dizem que estraga a boca e a orelha.

Esses eram símbolos importantes para o povo Kṭsêdjê.

*Amaire Kaiabi Suiá*

## O fogo dos antigos





Antigamente meu povo não tinha fósforo e nem isqueiro, usava somente o fogo do índio. Há muito tempo meu povo Kʽsêdjê só usava o fogo dos antigos para assar e cozinhar os peixes, os bichos, os pássaros e os carás, faziam beiju e perereba. Esse fogo era muito importante para meu povo Kʽsêdjê. Para fazer fogo nós usávamos palha seca, folhas secas, algodão seco e pauzinhos.

Como hoje existe o isqueiro e o fósforo do branco as pessoas não sabem mais como se faz o fogo dos antigos.

*Wegmeretxi Suiá Tapayuna*

### O machado de pedra

Antigamente existia machado de pedra para derrubar a roça, mas hoje em dia não existe mais, pois foi substituído pelo machado de ferro. O machado de pedra hoje em dia só existe no museu.

*Mãtxiretxi Wari Kaiabi Suiá*

### Mudança de cultura tradicional do povo Trumai

Há poucos anos atrás, antes dos não índios terem contato com o meu povo, os Trumai viviam tradicionalmente, ou seja, andavam pelados, dançavam, usavam urucum para se proteger d

Para cortar o cabelo usavam dente de piranha, na guerra usavam bordunas e flechas, flechas usavam osso de macaco, esporão do rabo de arraia, fio de algodão, dente de paca.

Comparando com o tempo atual, a gente vê que muitas coisas mudaram de lá pra cá rapidamente e vêm mudando. Atualmente já não usamos mais o dente de piranha para cortar cabelo, isso foi trocado pela tesoura que é objeto dos não indígenas; ao invés de usar borduna ou flechas, usamos espingarda e munição nas caças. Atualmente poucos jovens sabem matar peixes com flechas, a gente vê que isso já vem se acabando, o esporão de arraia e osso de macaco na ponta da flecha, hoje em dia vem sendo substituído por um ferro com ponta afiada e linha Cléa, ao invés do fio de algodão.

*Desenho de Maya Trumai*



pequi e urucum de vez em quando para pintar o corpo.

*Yawaritu Trumai*

### **Enfeite de bebê**

Meu povo não faz mais um enfeite de penas de tucano, vermelhas e amarelas, para o bebê de sete a oito meses. Hoje em dia não usam mais este enfeite nos filhos. Antes os meninos e jovens furavam a orelha, hoje em dia não furam mais. Em 1997, as mulheres Trumai usavam um pau de madeira garantã para tirar mandioca, hoje me dia nós não usamos mais esse material de tirar mandioca, tiramos com a faca que é dos brancos.

*Ariakumalu Trumai*

### **Cesto**

Antigamente o povo Trumai usava cesto para carregar mandioca e outros produtos. Hoje o povo Trumai não faz mais cestos, mesmo tendo o recurso natural. O cesto não é mais feito por causa da substituição pela bacia e pelo carrinho de mão.

*Awae Trumai*

### **Ku'tsut (rodilha para a cabeça)**

Antigamente as mulheres Trumai usavam muito esse produto para proteger a cabeça quando elas estavam carregando peso como mandioca, água ou lenha. O produto foi desaparecendo a partir do momento que as pessoas mais velhas foram morrendo. O recurso natural para fazer *ku'tsut* ainda existe, mas não temos mais as pessoas mais velhas que faziam esse produto.

*Maya Trumai*

### **Rede de buriti**

Antigamente o povo Waurá usava uma rede feita pelas mulheres de fio de buriti e fio de algodão. Agora depois do contato com os brancos, que trouxeram a rede deles, as mulheres e toda a comunidade

gostou,  
por isso começaram a esquecer de fazer rede de buriti e as pessoas estão usando para dormir.

*Hukai Waurá*

## O brinco Kaiabi

Antigamente o brinco era muito importante para o povo Kaiabi. Até hoje é importante. Geralmente as moças não ficavam sem brinco. Quando uma moça ficava de reclusão, enquanto isso o pai dela fazia o brinco, para que ela usasse quando saísse.

Esse brinco é feito com pauzinho, dente de cutia e penas de tucano. Hoje em dia muitas moças não usam mais, estão substituindo pelo brinco de tucum, pauzinho e brinco do não-índio.

*Juporejup Kaiabi*

## Pente

Antigamente o Kaiabi só utilizava o pente tradicional, feito de talo de palha (*juyp*). O pente era usado para pentear o cabelo, para tirar o piolho das crianças ou mesmo do adulto. Tem alguns velhos que ainda fazem, mas ele não é mais utilizado como era antes, porque o pente tradicional está sendo substituído pelo pente industrializado.

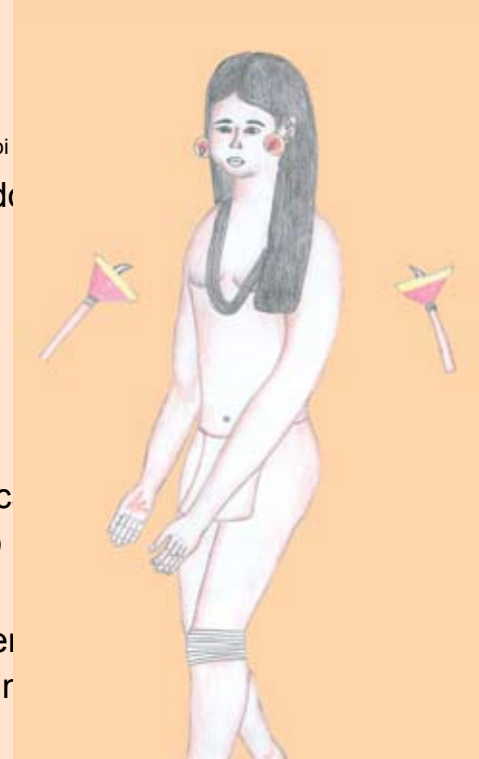
*Owa Kaiabi*

## Cuia

Depois do contato com o branco os Kaiabi começaram a deixar de usar a cuia, que era o prato tradicional do índio. Hoje em dia a cuia está sendo substituída pelo prato e caneca para tomar mingau. Mas os Kaiabi mais velhos ainda usam. Para comer mutap comemos na cuia.

*Awatat e Arasi Kaiabi*

desenho de Jawarete Kaiabi



## Canoa de casca de jatobá

Antigamente o povo Kaiabi usava casca de jatobá como canoa. A canoa de casca de jatobá não dava muito trabalho para fazer, mas a canoa de madeira dá muito trabalho, tem que derrubar, cortar, ajeitar, cavar. Depois de pronta tem que cortar madeira para por no caminho para a canoa ser arrastada mais rápido. Hoje não vemos mais a canoa de casca de jatobá.

*Jywatu Kaiabi*



desenho de Pirapy Kaiabi

## Tapawiap

Antigamente o povo Kaiabi usava *tapawiap*, que é uma armação para colocar cesto ou cuia. Quando a criança ficava doente o pai da criança colocava na cabeça do filho a falta de ar.

*Arupajup Kaiabi*



desenho de Arupajup Kaiabi

## Parasi (ferramenta para furar a madeira)

Antigamente meu povo usava *parasi* para perfurar a madeira para colocar a ponta da flecha, mas com o tempo as coisas foram mudando e esse objeto está sendo substituído pela faca.

*Maxakali Kaiabi*

## Panela de barro Kaiabi

O meu povo Kaiabi tinha panelas de barro, um produto que ninguém mais faz e nem usa hoje em dia, por falta do material necessário que só existe na região do Pará, onde parte dos Kaiabi até hoje mora. A panela de barro foi substituída pela de alumínio. A panela de barro era usada para fazer mingau, *mutap*, para guardar farinha fina e farinha de peixe.

*Jawarete Kaiabi*





## Ritako

Antigamente existia essa planta chamada *ritako*, um tipo de cabaça com escasseando, quando os velhos que plantavam *ritako* morreram, acabou essa pensam mais no *ritako*, não têm interesse em plantar. De 1986 a 1990 ainda e depois começou a ficar escasso, porque só os velhos plantavam.

Agora os velhos estão sentindo falta de *ritako*.

*Yalau Waurá*



desenho de Fabio Waygue Ikpeng

## Peneira (Manan)

A peneira é um produto que nós estamos deixando de fazer, porque nós substituímos pela peneira da cidade e também porque o recurso natural para fazer peneira fica longe, tem que remar muito para chegar no local desse recurso. Às vezes algumas pessoas da minha comunidade fazem para vender.

*Txongto Ikpeng*

## O fogo feito com urucum

Antigamente meu povo Ikpeng fazia fogo com o galho de uma planta que chamamos *onon* (urucum). Isso foi usado durante muitos anos pelo meu povo. Com o tempo meu povo deixou de fazer fogo com galho de urucum, porque conheceu o fósforo e o isqueiro. Com esses objetos é fácil acender o fogo, por isso que



meu povo substituiu o fogo tradicional pelo produto da cidade. Agora não usamos mais esse galho pra fazer fogo, só aproveitamos a semente dele para fazer tinta de urucum.

*Pomekempo Ikpeng*

## Raladeira tradicional

A raladeira é um produto que meu povo usava. Os antigos dizem que havia três tipos de raladeira: *topkīyewī pitu*, *īwī* e *kay*. Atualmente *kay* é pouco usado e os outros dois foram substituídos pelo alumínio. *Topkīyewī pitu* e *kay* são recursos vegetais. *Īwī* é um recurso mineral.

*Mate Ikpeng*

## Cesto para guardar algodão

O único produto que é pouco feito pelo meu povo é o cesto para guardar algodão. Não sei se é por falta de material ou se as pessoas estão esquecendo de fazer. Só algumas pessoas não, principalmente a rapaziada, isso talvez por falta de eles bastante esse cesto.

*Maware Juruna*

## Manto de pajé

Antigamente só o povo Yudjá usava manto de pajé, porque naquele tempo existia o pajé do povo Yudjá, que sonhava com os espíritos. Quando ele sonhava com os espíritos que vinham pedindo festas para eles, ele contava para as pessoas, aí elas preparavam caxiri, comida, pinturas e enfeites para a festa. Hoje em dia não tem mais a pessoa que enxerga esses espíritos na natureza. Mas ainda alguns velhos e velhas fazem o manto do pajé, para usar no dia do caxiri para mostrar a festa do pajé para os jovens e as crianças.

*Mahurimã Juruna*



## Flauta especial

Essa flauta era usada para pescar e caçar, mas meu povo perdeu essa flauta, porque não tem mais velho para ensinar os jovens, se tivesse algum velho que ainda soubesse, eu iria aprender a tocar essa flauta com ele. O pessoal fala que o bicho d'água tem medo dessa flauta.

*Tahurimã Yudja*

### ATIVIDADES

1. Façam um levantamento com a sua família, junto com o seu (sua) professor(a) sobre os produtos que seu povo está deixando de produzir e substituindo por produtos não-indígenas.
2. Depois coloquem cada produto na tabela, explicando o porquê desse produto não estar mais sendo feito:

<b>Produto que está deixando de ser produzido e usado</b>	<b>Motivo</b>
Ex: machado de pedra	Substituição pelo machado de ferro que derruba roça mais rápido.

3. Junto com o seu professor e os colegas façam uma reunião com a comunidade para avaliar se existe algum produto ou algum conhecimento que está sendo esquecido, que a comunidade considera importante manter o conhecimento e que poderia ser ensinado novamente para as crianças e jovens.
4. O que vai acontecer se os jovens da sua comunidade deixarem de aprender a fazer algum objeto da cultura do

seu povo?

5. Com a ajuda de seu professor e das lideranças da aldeia, organizem uma oficina para aprender fazer algum produto que está sendo substituído por produto industrializado.

## A vida atual em algumas aldeias do Parque Indígena Xingu

### A aldeia Moygu do povo Ikpeng

Comparando com a vida dos antepassados, a qualidade de vida do meu povo mudou muito. Antigamente tínhamos produtos naturais. Quando morávamos na região do rio Jatobá tínhamos produtos como *puko*, *pilaw* e outros alimentos, que não existem aqui no Xingu.

Hoje em dia o meu povo bebe água de um poço artesiano, que é de boa qualidade. Antes nós bebíamos a água do rio Xingu, que já está suja e poluída por lixos, esgoto das cidades e agrotóxicos das plantações de soja. O rio Xingu está ficando assoreado e na beira tem erosão, por causa do desmatamento das matas ciliares feito pelos fazendeiros, pois as cabeceiras dos formadores do rio Xingu estão fora da terra demarcada. Antes não tínhamos esses problemas.

Nós também temos que conscientizar os produtores de soja e a população do entorno para que eles parem de usar veneno nas plantações e controlem a poluição dos rios. Nós índios dependemos da boa qualidade da água para nossa sobrevivência e para manter rica a biodiversidade de nossa região.

Com a entrada do dinheiro, hoje em dia raramente há a colaboração entre as pessoas era mais coletivas.

Mas as relações de amizade e de parentesco ainda são fortes na minha comunidade. As pessoas fazem trocas entre si e também se concentram na casa dos homens fazendo muitas brincadeiras para os meninos rirem. Existem pescarias coletivas, os parentes se visitam e convidam as pessoas para



desenho de Yalau Waurá



comer em casa. De tardezinha todo mundo sai de casa para ver os meninos brincarem e para conversar com os amigos, amigas e parentes.

Hoje em dia dificilmente as pessoas contam histórias, porque os filhos e netos não querem ouvir o que o pai ou o avô conta, por causa da televisão. Antes de existir televisão e gravador todos nós jovens ouvíamos histórias. É claro que os velhos não vão contar histórias se ninguém está perto deles para ouvir. A televisão está influenciando o comportamento dos jovens. Quando assistem TV querem imitar o comportamento dos não-índios, cortando ou tingindo os cabelos. Por tudo isso, a cultura do meu povo corre o risco de ficar fraca.

Os alimentos da cidade também estão causando mudanças na saúde do meu povo, o uso desses produtos, menos nutritivos, em substituição aos alimentos tradicionais, vêm causando desnutrição e anemia. Agora nós, professores, agentes de manejo e agentes de saúde estamos tentando conscientizar a comunidade sobre o consumo de alimentos industrializados, para acabar com o índice de desnutrição dentro da nossa comunidade. Os agentes de manejo estão trabalhando para resgatar alguns alimentos tradicionais como o *ritako* e *rimo*, uma das estratégias para diminuir as doenças que os alimentos industrializados causam.

Na região da nossa aldeia as terras boas estão acabando por causa dos incêndios. Todo ano nosso povo acende fogo para queimar as roças e sempre acaba incendiando a mata. Ao redor de nossa aldeia tínhamos terras boas para plantar, mas as queimadas causaram a destruição da terra, que ficou ácida.

*Matare, Mate, Pomekempo e Nawaki Ikpeng*

### **Mudanças ambientais e sociais na vida dos Kaiabi**

A vida no passado era melhor porque os rios e córregos não eram poluídos, não havia área demarcada e meu povo andava por um grande território, por isso o meu povo usava uma área e tinha tempo de deixar a terra se recuperar, a terra não ficava muito cansada. O meu povo andava de lugar em lugar e quando voltavam para a área que tinham usado, ela já estava recuperada. Assim os Kaiabi tinham terra boa para plantar os alimentos tradicionais e encontravam caça facilmente para se alimentar. As aldeias eram construídas com uma casa grande, os Kaiabi moravam todos juntos nessa casa.

Hoje em dia a vida mudou muito, os rios e córregos estão ficando sujos, as terras boas estão cada vez mais longe da aldeia e existe comunidade que até muda sua aldeia por causa disso. Não temos mais muitas terras boas para plantar os alimentos tradicionais. Muitas pessoas compram alimentos industrializados. Caça está ficando difícil de encontrar. As aldeias são construídas com várias casas, os Kaiabi não ficam mais juntos numa casa só. As matas estão sendo destruídas por algumas comunidades que estão criando gado e também pelas queimadas. Muitos recursos naturais estão começando a sumir, como as frutas que as pessoas e os animais comem.

Os Kaiabi antigos usavam arco, flecha e borduna para caçar. Usavam canoas de casca de jatobá ou de caju do mato. O remo era a casca de uma árvore costurada com embira.

Os Kaiabi mais velhos toda noite contavam histórias para os filhos e netos. Ensinavam os jovens a fazer peneira, abanador e *panak%* (um cesto especial). Os homens e as mulheres explicavam para os jovens como eles deveriam viver com o futuro sogro ou sogra, como cuidar dos filhos, como plantar a roça e cuidar da manutenção das sementes.

Antes do contato com os não-índios não tínhamos as doenças que existem hoje, só tinham doenças espirituais. O pajé fazia seu trabalho e o doente ficava bom. O ritual de pajelança era realizado na aldeia com a participação de todos: meninos, meninas, jovens, adultos e velhos, que ensinavam músicas para os netos. Durante o ritual a alimentação era à base de caça, peixe, farinha, mingau e beiju. No final do ritual era feito um boneco de casca de jequitibá e usada a embira para amarrar. O boneco tem a forma de gente, com boca, nariz, orelha, braços e pernas. O boneco podia ser enfeitado, para ficar bonito.

As mulheres faziam o trabalho da casa, coletavam mel, frutas e palmitos.

Hoje em dia nós temos motor de popa e rádio para nos comunicarmos com os parentes e com o posto, transmitindo notícias que chegam das aldeias e da cidade. Antigamente o meu povo visitava os parentes de canoa, mas hoje com motor de popa e lancha pouca gente usa canoa para passear.

Outro problema atual é que as pessoas que são funcionárias da Funai, do Distrito ou que trabalham na escola não tem a roça própria, eles compram farinha de outras pessoas e usam muito os alimentos da

cidade,  
por isso os filhos dessas pessoas estão sofrendo de desnutrição, pois não são saudáveis como os tradicionais.

Nós Kaiabi estamos fazendo a festa *Jowosi*, mas os velhos que estão desaparecendo, por isso a festa não é exatamente como antigamente.

*Jawarete, Arasi e Juporejup Kaiabi*

### A vida na aldeia Kururu

As pessoas fazem muitas roças na minha aldeia. As frutas do mato é que têm diminuído, como *api*, ingá e *ywapiruru*, porque a mata em volta da aldeia já foi muito queimada. Caça e pesca temos bastante.

Nós temos terras pretas e vermelhas, mas usamos mais as terras pretas.

A saúde da minha aldeia melhorou desde que foi instalado um poço artesiano. Não temos mais tanta diarreia, gripe e escabiose, entre outras doenças. Quem cuida da saúde de nossa comunidade são os próprios índios, como auxiliares de enfermagem e agentes de saúde.

*Arupajup Kaiabi*

### A aldeia Capivara do povo Kaiabi

A vida da comunidade da aldeia Capivara mudou muito. Eu lembro que quando eu tinha nove anos não existia remédio do branco na aldeia, não tinha barco e nem motor de popa, rádio de comunicação, gravadores, televisão, relógios, chinelo havaiana. Era difícil conseguir sabão, fósforo ou isqueiro. Não havia alimentos como arroz, óleo de soja, açúcar, café, bala, biscoito, macarrão, rapadura, nem fumo e nem chiclete. Depois de 1978 começou a mudar a vida do meu povo. Em primeiro lugar entrou o sal e o açúcar, depois fumo e depois veio o dinheiro, aí que a qualidade de vida começou a mudar.



desenho de Tariwan Kaiabi

O povo Kaiabi perdeu o sal tradicional, não usa mais arco e flecha para caçar, só arma de fogo. Nenhum homem sabe mais matar bichos com flecha. Usamos o arco e a flecha para matar peixes.

*Awatat Kaiabi*

### Qualidade de vida da aldeia Ngôjhwêrê do povo Kṛsêdjê

Na minha aldeia temos boa alimentação, temos frutas, diversos tipos de comida, bichos e peixes. Temos boa saúde. Caçamos, pescamos, fazemos artesanato. Nas roças temos muitos produtos como batata, banana, mandioca e muitos outros. Temos um riozinho com muitos peixes e muitos papagaios gritando. A noite as velhas e velhos contam histórias antigas para os netos e netas.

Antigamente nós tínhamos muitas doenças, mas agora não, poucas pessoas adoecem na minha aldeia.

*Wegmeretxi Suiá Tapajuna*

### A vida na aldeia Roptotxi do povo Kṛsêdjê

Dentro da minha aldeia cultivamos bastante alimentos da roça: banana, cará e frutas nativas. Cada família tem a sua roça. Na minha aldeia temos duas terras, como a terra preta e a terra vermelha. Cada tipo de alimento deve ser plantado na terra que ele gosta, não nasce bem se plantarmos um alimento na terra que ele não gosta, não nasce bem.

Nós estamos muito preocupados com a água do rio que usamos para beber. A água está cada vez mais suja e avermelhada, por isso aparece a diarreia. Precisamos de um poço artesiano, que já está pronto, faltando só instalar a placa solar e as torneiras. Nós somos atendidos pelo auxiliar de enfermagem e pelo agente de saúde da aldeia Ngôjhwêrê.

Por enquanto a situação ambiental da minha aldeia é boa, talvez daqui a alguns anos as terras boas estarão mais distantes.

Com relação às festas, nós participamos na aldeia Ngôjhwêrê

desenho de Yakonhongrátxi Suiá





que é a principal aldeia Kṭsêdjê. Nós usamos as pinturas corporais: *mindô*, *mejaká sôgô* e *kuntêntêwê* e usamos os enfeites como antigamente.

Na minha aldeia tem duas pessoas que sabem contar histórias do passado, o meu avô, que sabe contar histórias Kṭsêdjê e minha avó, que por ser Mehinaku conta histórias de seu povo.

Na minha aldeia respeitamos as pessoas mais velhas. Quando alguém quer ouvir alguma história pode pedir para os velhos com respeito. Para nós os velhos são muito importantes, além de nos contarem histórias de hoje e de antigamente, eles também nos orientam ensinando como caçar e pescar no mato, como trabalhar, como pescar e outras coisas importantes.

Nós temos uma televisão na aldeia, mas não é todo dia que assistimos, é só quando temos óleo diesel para funcionar o gerador. Assistimos ao jornal, jogo de futebol e alguns filmes. Se nós assistimos direto a televisão, as crianças vão ser influenciadas pelo que vêem, por isso não assistimos

*Nhokretxi Suiá*

### A vida do povo Trumai na aldeia Steinen

Hoje as crianças e os adultos não sabem como fazer a sua própria festa, não os rapazes não procuram os mais velhos para aprender. Os velhos estão morrendo e a dança e do canto está acabando. Geralmente as crianças não sabem falar a sua língua, os adultos falam a língua Trumai, mas ainda é possível ensinar as crianças.

Até hoje existem os alimentos naturais do meu povo como peixe, beiju, mingau de beiju, frutas do mato e caça. Plantamos mandioca brava, mandioca doce, batata, cará, milho verdadeiro. Raramente entra a comida da cidade, que só é consumida quando é necessária, quando a mulher não tira mandioca ou não faz beiju, ou quando o homem trabalha muito na roça e não tem tempo de pescar ou caçar.

A pintura corporal do meu povo é muito pouco usada na comunidade. A pintura é dispensada por causa da roupa que usamos, mas quando acontece de vez em quando



desenho de Pi'yu Trumai

festa na aldeia, usamos pintura corporal.

*Awae Trumai*

## A aldeia Boa Esperança

O povo Trumai está passando por uma situação não muito boa em relação à língua, as histórias, as músicas e as danças. Mas na minha aldeia a gente vem desenvolvendo um processo de revitalizar algumas coisas da cultura, para que não sejam perdidas totalmente. Com relação às festas, estamos treinando para conseguir aprender as nossas danças. Mantemos os nossos costumes tradicionais nas relações entre as pessoas, respeitamos os mais velhos, trocamos produtos, temos histórias, fazemos artesanato, canoa e flechas. Temos também as coisas dos brancos que precisamos para trabalhar, como roupas, calçados, linha de pesca.

Nós cultivamos nossos alimentos. Cada família tem a sua roça. Na roça são plantados vários tipos de mandioca, para fazer beiju e farinha e mandioca mansa. Plantamos ainda milho, abóbora, melancia, mamão, pequi, batatas, bananas, cana e outros produtos. Nos quintais das casas temos laranja, goiaba, mangaba, mexerica e outras frutas. Não comemos muita caça, comemos mais peixe. Todos os dias comemos peixe com beiju. Mas às vezes passamos por dificuldades, por falta de beiju e farinha, porque as formigas comem as plantas de mandioca ainda pequenas e a plantação de mandioca é atacada também por queixadas e caititus.

Não é todo dia que comemos os alimentos que compramos na cidade, porque não é sempre que vamos para lá e precisamos de dinheiro para comprar produtos como arroz, feijão, macarrão, café e açúcar.

Na minha aldeia não adoecemos facilmente, estamos vivendo bem. Mas a saúde não está boa, mas temos água potável através do poço artesiano. Os adultos e pais das crianças estão tentando melhorar cada vez mais os problemas com as doenças e boa alimentação para os filhos.

Assistimos televisão quando temos gasolina para o gerador. Não conseguimos assistir televisão todos os dias.

Na nossa aldeia temos uma boa relação entre as pessoas. De vez em quando, em algumas ocasiões em que brincamos, cantamos e dançamos entre famílias.

*Wali e Yawaritu Trumai Suiá*



## A situação do povo Waurá

Antigamente o meu povo só pensava em fazer roça, caçar e pescar, procurar frutas na mata para alimentar os filhos e para dar para a sogra. Havia muito respeito em relação ao sogro e a sogra.

Hoje em dia a rapaziada assiste muita TV e estuda, aprendendo muitos costumes dos brancos. A vida dos rapazes de hoje mudou muito, eles não vivem como os antigos, quase não querem trabalhar na roça e nem pescar. Não passam mais urucum no corpo no dia a dia, não querem mais usar o cabelo redondo e nem usar brinco. Eles não querem mais usar urucum porque acham que suja a roupa, o caderno e a camisa, assim a nossa cultura está mudando.

As pessoas que recebem salário se alimentam com produtos industrializados comprados na cidade. Mas na minha aldeia nós comemos peixe, macaco e os produtos da roça. Perto da minha aldeia não tem muito peixe, temos que ir um pouco longe para pescar.

Meu povo não esqueceu suas festas, fazemos muitas festas em quase todos os meses. Nós participamos das festas na aldeia Piyulaga Waurá e em aldeias de outros povos do Alto Xingu.

A saúde está melhorando cada vez mais porque temos agente de saúde, agente de saúde bucal e professor. Todas essas pessoas estão dando orientação para a comunidade, ensinando as formas de prevenção para as crianças não pegarem diarreia e outras doenças. O agente de saúde bucal ensina os cuidados com os dentes. Antes não havia esse tipo de trabalho.

*Hukai Kuhupi Waurá*

## A qualidade de vida no Posto Diauarum

A qualidade de vida da minha família em relação à alimentação era muito fraca, porque no posto não dava para plantar os produtos da roça, a única coisa que se plantava era a mandioca. Tem bastante frutas, mas não consumimos muito. A caça e pesca é difícil de encontrar perto do posto. Por causa disso consumimos muitos alimentos da cidade, como arroz, feijão, macarrão, café e açúcar.

Mas agora a situação de alimentação de nossa família melhorou. Meu pai abriu uma roça onde plantou muitos produtos: mandioca, banana, mamão, cará, milho, amendoim e batata-doce. Agora ele fez uma segunda roça e plantou muitos alimentos. Na roça anterior ele aproveitou e plantou laranja, pequi, goiaba,

manga, caju, banana e outras frutas. No lugar da roça fizemos nossa aldeia. O solo daquele local é muito rico, ao contrário do solo do posto, que não dá quase nada.

Nessa aldeia onde moramos, no passado, aconteceram muitas coisas que a minha mãe conta: muitas histórias, festas, as pessoas faziam muito artesanato, porque era uma antiga aldeia Kɾsê

Hoje a qualidade de vida na minha família mudou para melhor! Comemos de tudo: e produtos da roça. Agora não precisamos mais depender dos produtos de fora porque temos produtos saudáveis na aldeia.

*Amairé Kaiabi*



desenho de Charadu Yudja

### Qualidade de vida povo Yudja da aldeia Pakisamba

O povo Yudja tem boa produção dos produtos tradicionais da roça e também temos frutas do mato, como o murici. Algumas frutas como *ewa* e *maxaka* estão diminuindo por causa do desmatamento para fazer roça.

Temos peixe, porém a água não é mais de boa qualidade. A caça está diminuindo, porque precisamos ir longe da aldeia para caçar jacu e mutum, por exemplo. Isso ocorre também porque a população do PIX vem aumentando. Hoje em dia as pessoas estão consumindo também alimentos industrializados, que não são saudáveis como nossos alimentos originais.

Na minha aldeia nós temos viveiro para produzir mudas de frutas do mato, que depois são plantadas na terra. A terra também está começando a perder a qualidade para produção, pois estão diminuindo as capoeiras para roça. Mas nós começamos a fazer a recuperação da terra preta e também a recuperação de um inajazal. Estamos manejando um recurso chamado *eziwĩ*, que usamos para pintar banco, cerâmica e cuia.

A situação ambiental do PIX é muito grave, cada vez mais o desmatamento está chegando nos limites.

Ainda fazemos festas e diferentes tipos de artesanato, porque ainda temos velhos e velhas que ensinam os jovens e as crianças.

Nas relações sociais estão ocorrendo algumas mudanças: algumas pessoas estão mudando para o



Posto Diauarum e para a aldeia Piaraçu para trabalhar e receber dinheiro.

*Mahurimã Yudja*

## **ATIVIDADES**

1) Escreva um texto sobre a situação da sua aldeia em relação aos seguintes aspectos:

- saúde
- situação ambiental
- festas
- narração de histórias
- relação entre as pessoas

## O livro

“Ecologia, Economia e Cultura - livro 1” foi organizado com o material produzido pelos professores indígenas do Parque Indígena do Xingu (PIX) durante os cursos de formação de professores, realizados de 1998 a 2005, e pelos agentes de manejo. O trabalho contou também com representantes das aldeias Tuba Tuba (Yudja), Kwaruja e Capivara (Kaiabi). O livro traz textos da equipe do Programa Xingu, do ISA, elaborados a partir de pesquisa e consultoria de especialistas de diferentes áreas.

O programa educativo que denominamos “Economia, Ecologia e Cultura” vem sendo conduzido como tema transversal de todas as ações de formação de agentes indígenas desenvolvidas pelo ISA no PIX, reunindo os trabalhos dos projetos de Formação de Professores, Alternativas Econômicas Sustentáveis e Manejo de Recursos Naturais, desenvolvidos pelo ISA em parceria com a ATIX e outras associações indígenas, no Parque Indígena do Xingu e na Terra Indígena Panara. Contribuíram também para a organização dessa proposta pedagógica os consultores Carmen Junqueira (PUC/SP), que através da antropologia nos indicou caminhos para trabalhar a relação entre economia e cultura e Renato Gavazzi (CPI-AC), que propôs em suas aulas a valorização de conhecimentos indígenas e momentos de produção e sistematização destes conhecimentos pelos professores e agentes de manejo do PIX.

O PIX é hoje uma ilha de matas no meio de muitas cidades, fazendas e desmatamento. O objetivo do livro é motivar reflexões sobre a relação entre as três áreas de conhecimento, contribuindo para que as comunidades procurem caminhos para usar e manejar os recursos naturais de seu território, de modo que eles não acabem, garantindo o futuro de seus filhos e netos.

Este é o primeiro livro da série “Ecologia, Economia e Cultura”, direcionado principalmente aos alunos das escolas do PIX e Panara, mas o livro poderá ter repercussão em outras comunidades através do incentivo à reflexão dos temas relacionados ao manejo e gestão territorial.

## A Formação de Professores e Agentes de Manejo Indígenas

A **Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu para o Magistério** foi iniciada em 1994. Até 2005 foram formados 42 professores dos povos Kuikuro, Kalapalo, Matipu, Nahukuá, Mehinaku, Waurá, Aweti, Kamaiurá, Trumai, Suyá, Kaiabi, Ikpeng, Yudjá e Panará, que lecionam para cerca de 1400 alunos.

Atualmente o projeto desenvolve assessoria pedagógica a 25 professores formados e a 30 professores cursando magistério dos povos Kamaiurá, Yudja, Suiá, Kaiabi, Ikpeng, Trumai e Waurá, do Médio e Baixo Xingu e aos Panará.

O trabalho de 1994 a 2005 se desenvolveu por meio de dois cursos anuais ministrados por especialistas e do acompanhamento pedagógico às escolas indígenas nos períodos intermediários entre os cursos. A partir de 2005 demos início a oficinas temáticas, reunindo agentes indígenas (professores, agentes de manejo, de fiscalização, de saúde, gestores de associação e comunidades) de cada etnia e oficinas pedagógicas reunindo professores da mesma etnia. Alguns professores formados estão atuando como formadores de novos agentes.

O curso de magistério para a primeira turma de professores foi reconhecido em 1998 pelo Conselho Estadual de Educação do Mato Grosso e, para a segunda turma, em 2004. Os professores indígenas são preparados para atuar como educadores e pesquisadores de suas culturas, de forma a se tornarem os agentes do processo de ensino e aprendizado de suas escolas e poderem formular e conduzir currículos próprios, de acordo com sua realidade e com o uso de suas respectivas línguas nativas. A partir de 2006, este trabalho será assumido pela Seduc-MT. Em abril de 2005, foi criado o Conselho de Educação do Médio e Baixo Xingu, do qual participam lideranças, professores e outros agentes indígenas, com a proposta de que as comunidades participem mais ativamente das propostas educacionais específicas de cada escola e da política educacional.

**A Formação de Agentes Indígenas de Manejo de Recursos Naturais do Parque do Xingu** teve início em 2000. É um projeto de formação de jovens e lideranças indígenas de seis etnias (Kaiabi, Kṭsedjẽ, Yudja, Ikpeng, Trumai e Kamaiurá), para desenvolverem atividades de gestão ambiental em suas comunidades da região do Médio e Baixo Xingu. Os agentes de manejo desempenham atividades relacionadas à identificação e conservação dos recursos utilizados em seu sistema cultural, como agentes multiplicadores dos conceitos e práticas conservacionistas, cujo desenvolvimento é resultado da interação entre o conhecimento tradicional, dos mais velhos, e os conceitos da “ciência ocidental”. Os principais temas que vêm sendo tratados durante as atividades são: a proteção florestal, o resgate e recuperação dos recursos que correm risco de extinção, plantio de árvores frutíferas e resgate de plantas das roças numa proposta de melhoria da qualidade alimentar. Propõe também ações visando a recuperação de alguns recursos florestais que estão cada vez mais distantes das áreas das atuais aldeias. As atividades relacionadas ao manejo de recursos estão sendo trabalhadas de maneira integrada, relacionando-as com as ações desenvolvidas dentro do Parque, ou seja, na pauta das atividades das Associações Indígenas, nas conversas com as comunidades no centro das aldeias, no projeto de proteção das fronteiras, no processo de formação de professores, na segurança alimentar e na saúde.

Atualmente participam do Programa 28 agentes e lideranças de algumas aldeias. O projeto é desenvolvido através de um conjunto integrado de atividades que considera treinamentos intensivos acompanhados de atividades práticas locais, com acompanhamento técnico da equipe do ISA e consultores. Vem sendo enfatizada a implantação de bancos de sementes agrícolas e florestais, que consideram as próprias estruturas locais.

O projeto realiza também atividades conjuntas com as escolas indígenas, através de oficinas que são realizadas nas aldeias, envolvendo os alunos, os professores, os agentes de manejo e membros da comunidade.

## O Parque Indígena Xingu

Criado em 1961 o Parque Indígena Xingu (PIX) abriga em seus 2,8 milhões de hectares, no Estado de Mato Grosso, uma surpreendente variedade de grupos indígenas, diferenciados dos pontos de vista étnico, lingüístico e sociocultural. São quatorze povos, com uma população estimada em 4.500 pessoas.

Na região de confluência dos formadores do rio Xingu, ao sul do Parque, localizam-se os povos de língua Karib: Kuikuro, Kalapalo, Matipu e Nahukwá; os povos de língua Aruak: Mehinaku, Waurá e os Yawalapiti; os povos de língua Tupi, Aweti e Kamaiurá. Apesar de sua pluralidade étnica, historicamente estabeleceram uma rede de relações, compartilhando uma série de características culturais, configurando o que é chamado “complexo-cultural Alto-Xinguano”. No entanto permanecem elementos distintivos entre eles, de ordem territorial, cultural e linguística.

Na região central do Parque estão os Trumai, de língua isolada; os Ikpeng, de língua Karib; os Suiá, de língua Gê e os povos de língua Tupi, Kaiabi e Yudjá (Juruna). Os Suiá, Yudjá e Trumai migraram para esta região antes do século XVIII, tendo seus territórios reduzidos pelo movimento das frentes de expansão econômica a partir da década de 50. Os Ikpeng, Panará e Kaiabi, em razão das violentas pressões da sociedade nacional, foram submetidos a sucessivas mudanças ou transferência de seus territórios tradicionais para o Parque Indígena do Xingu. Os Panará, de língua Gê, reconquistaram recentemente parte de seu território tradicional, denominado Terra Indígena Panará/PA, mas continuam participando dos cursos no PIX.

Os índios continuam vivendo de pesca, caça, agricultura e coleta. Mas, nos últimos tempos vêm sentido-se cada vez mais ameaçados pelo crescimento das cidades e devastação ambiental no entorno do Parque. Além disso, as nascentes dos rios que formam o rio Xingu estão fora do seu limite. As comunidades têm se organizado na busca de soluções para a conservação do inestimável patrimônio cultural e ambiental presente na área.

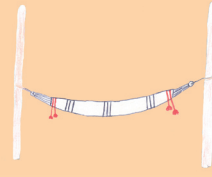
## Bibliografia

- BENSUSAN, Nurit (org.). *Seria melhor mandar ladrilhar?*. ISA/UNB, 2002.
- COICA – Coordinadora de las Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazónica. *Caminando hasta nuestro desarrollo autonomo*. COICA, 1996.
- IBAMA/Ministério do Meio Ambiente. *Manual dos agentes ambientais colaboradores*. Brasília, 1999.
- LUTZENBERGER, José. *Gaia, o planeta vivo*. LPM&Editores, Porto Alegre, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Manual de Ecologia, do jardim ao poder*. L&PM, Porto Alegre, 2004.
- MACHADO, Sandra; PIMENTEL, Fernando; LUCIANO, Silmara; McGRATH, David. *Fazendo Educação Ambiental – O mundo da várzea*. Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia – IPAM, Projeto Várzea, Pará, 2001.
- MASAGÃO, Vera; VIANNA, Aurélio; MENEZES, Laís; IÓRIO, Maria Cecília. *Educação Ambiental*. CEDI/Koinonia/Ação Educativa, Rio de Janeiro, 1994.
- MENDONÇA, Rita. *Como cuidar do seu meio ambiente*. BEI, São Paulo, 2002.



desenho de Araci Kaiabi









apoio

Secretaria de Educação  
Continuada, Alfabetização  
e Diversidade

Ministério da  
Educação

